



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

THIAGO NERI DA CONCEIÇÃO

O comando é noiz:

descobrimo o tráfico na periferia de salvador

**SALVADOR
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

THIAGO NERI DA CONCEIÇÃO

O comando é noiz:

descobrimo o tráfico na periferia de salvador

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia

Orientador: Eduardo Paes-Machado

**SALVADOR
2015**

C744 Conceição, Thiago Neri da.

O Comando é Noiz: descobrindo o tráfico na periferia de Salvador / Thiago Neri da Conceição. – Salvador, 2015.

165f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Mestrado em Ciências Sociais, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado.

1. Mercado de Drogas. 2. Conflito Armado. 3. Base Comunitária de Segurança.
I. Universidade Federal da Bahia. II. Título.

CDU: 362.293



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Defesa da dissertação de mestrado de Thiago Neri da Conceição, intitulada “*O comando é noiz: descobrindo o tráfico na periferia de salvador*”, orientado pelo Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado, apresentado à banca examinadora em 19 de fevereiro de 2015.

Os membros da Banca Examinadora consideraram o candidato _____ .

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado - UFBA

Profa. Dr. Luiz Cláudio Lourenço - UFBA

Profa. Dra. Odilza Lines de Almeida - UESB

SALVADOR, 19 de fevereiro de 2015

Às que tiveram que enterrar
seus filhos: mães órfãs de
filhos.

E a minha família que se doou
à minha pessoa e pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Este texto de dissertação representa um árduo alicerce na edificação de minha trajetória. Há de se ressaltar que tal ato não é resultante de ação isolada, mas sim a resultante de várias redes nas quais estou inserido.

De início, gostaria de prestar meus agradecimentos ao meu orientador Eduardo Paes-Machado, ao longo desses anos desempenhou o importante papel de me intranquilizar, fomentando assim um espírito científico.

Aos meus pais José Paulo e Maria de Lurdes, vocês criaram os parâmetros de que me sirvo, e obrigado por apoio incondicional às minhas escolhas.

Ao meu irmão – vulgo Cabeça – por suprir toda a minha ignorância com seus conhecimentos tecnológicos.

Ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), por prestar suporte financeiro a esta pesquisa, o que foi fundamental para a realização de algumas suas etapas.

Agradeço à Pós-Graduação de Ciências Sociais, na figura do professor Clóvis Zimmermann e de Dôra, por todo suporte acadêmico e prazerosas conversas.

Ao professor Luiz Lourenço, que contribuiu para a pesquisa participando de minha banca de qualificação. Além disso, ao longo dos anos dividiu informações, doou livros e ofereceu sugestões à pesquisa.

À professora Ceci Vilar Noronha, que participou de minha banca de qualificação, com imensa sensibilidade e paciência, ajudou a reduzir minhas falhas de pesquisador principiante.

À professora Odilsa Lines, suas sugestões foram ricas no momento de revisão textual do trabalho. Seu trabalho de leitura da pesquisa foi primoroso e de grande sensibilidade.

Agradeço à Jenefer Estrela, pessoa com que dividi muitos momentos de discussão teórico-metodológica, e que me incentivou em cada etapa crucial da pesquisa. Seu papel foi importante, pois foi quem sentiu os pavoros e agonias em meu lugar (eu não tinha tempo pra isso).

À Rocha, por se tornar figura de grande centralidade para a resultante deste trabalho- uma irmã em forma de amizade. Suas falas foram memoráveis, além de ter mediado muitas entrevistas.

À Jô, minha apoiadora incondicional, pois mesmo a distância, fez questão de ler e partilhar suas impressões.

Aos meus irmãos geracionais de 2006 (Anderson, Jessé, Leonardo, Diego e Gilson), por caminhos e formas distintas, todos eles se fazem presentes. Juntamente com vocês, dividi lutas política, mesas de dominó e debates.

Ao meu amigo e irmão Afro, pessoa com quem pude contar durante a pesquisa, e que por conta deste trabalho tornou-se membro de minha família.

Aos meus amigos de pesquisa (Antônio, Ivete, Leticia e Misael), pessoas com quem aprendi, desde a minha graduação, de forma contínua em cada espaço partilhado. O ato de partilhar com vocês mesas de conversações foram verdadeiras aulas.

Agradeço também a Bruno e Emanuel, duas grandes pessoas com quem tive a honrar de vivenciar o mestrado, um período em que partilhamos nossas inquietações e ajudamos uns aos outros na superação das mesmas.

Agradeço ao grupo de pesquisa LASSOS, representado na figura de Taiala, a caçula do grupo, mas que nas rodas de pesquisa já se mostra veterana, pessoa voltada a solidariedade e perseverança do grupo.

Neste momento, aproveito para agradecer meu Almeida, seus comentários são sempre ricos.

Ao meu querido amigo João Batista, um exemplo de como viver pode ser simples. Tento acompanhá-lo desde 2004.

Por último, agradeço a todos aqueles que - por razões de segurança – mantive aqui em anonimato. Este trabalho é um pouco de suas memórias cristalizadas na escrita.

RESUMO

CONCEIÇÃO, Thiago Neri da. *O comando é noiz*: descobrindo o tráfico na periferia de Salvador. 71 f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Este trabalho toma por pretensão o tráfico de drogas no Nordeste, a tentativa de preenchimento de uma lacuna sociológica no que tange os estudos sobre crime/desvio no Brasil, através de um estudo de caso num bairro periférico da cidade de Salvador/BA. O Objetivo geral desta pesquisa é analisar as características do mercado de drogas na periferia e compreender seus impactos no cotidiano. Mediante a delimitação do objeto, utilizou-se técnicas qualitativas: observação participante, entrevistas e diário de campo, essas técnicas foram as que demonstraram maior eficácia diante do objetivo traçado. A amostra foi construída de modo gradativo, agrupando internamente: moradores, usuários de drogas e operadores do comércio de drogas. Narra-se aqui as diferentes fases assumidas pelo tráfico nesta localidade: fragmentada e concentrada. O primeiro marcado por uma violência difusa, o segundo por uma violência cirúrgica. Essas diferentes configurações são apresentadas de modo processual, destacando as características pertinentes a cada uma delas. Soma-se a isso, o reconhecimento de que essas fases têm caráter espiral; relaciona-se cada face assumida por esse mercado ilegal com a rotina da população onde o tráfico floresce, apontando a violência como instrumento que se expande para além do tráfico e se espalha às demais práticas cotidianas, não de modo epidêmico, mas como prática de controle. Concomitante a isso, aborda-se as práticas de segurança pública, que vão do policiamento de incursão à instalação de bases comunitárias de segurança, vislumbrando também cada uma dessas modalidades em suas interações com os moradores.

Palavras-chave: Mercado de drogas. Conflito armado. Base Comunitária de Segurança.

ABSTRACT

This work has the intention drug trafficking in the Northeast, the attempt to fill a gap in sociological terms studies on crime / deviation in Brazil, through a case study in a suburb of the city of Salvador / BA. The general objective of this research is to analyze the drug market characteristics in the periphery and understand their impact on daily life. By defining the boundaries of the object, we used qualitative techniques: participant observation, interviews and field journal, these techniques were the ones that had the highest effectiveness on the stroke order. The sample was constructed a gradual way, gathering internally: residents, drug users and drug trade operators. This paper shows different phases assumed by trafficking: fragmented and concentrated, the first marked by widespread violence, the second by a surgically precise violence. These different settings are presented in a procedural way, highlighting the relevant characteristics for each of them. Added to this, there's a recognition of the spiral character of these phases; each face assumed by illegal market is related with the routine of the population where drug trafficking flourishes, pointing violence as a tool that expands beyond the trafficking and reaches other daily practices. Concomitant to this, it approaches the public security practices, ranging from policing to the incursion and establishment of community security bases, also glimpsing each of these modalities in their interactions with the locals.

Keywords: Drug market. Armed conflict. Community security bases.

SUMÁRIO

1 - Introdução	10
2 - Metodologia.....	21
2.1- Observação participante.....	24
2.2 - Diário de campo	28
2.3 - Entrevistas	29
2.4 - Dados oficiais.....	31
3 - Os moradores e o processo de marginalização.....	33
3.1 - A origem: ocupação	34
3.2 - Os moradores, famílias e vizinhos.....	41
3.3 – Os primeiros sinais de urbanização.....	43
3.4 - Casas e quintais	44
3.5 - Muda-se a geração, continua-se com a pobreza	47
3.6 - Outros atores em cena	48
4 - Os marginais em meio aos marginalizados.....	50
4.1 - O “bom bandido” e as quadrilhas	54
4.2 - O alvo: quando o outro se torna objeto.....	56
4.3 - Driblando a alça de mira	59
4.4 - Os rolos	61
5 - A motivação: multiplicidade fa.....	65
5.1 -Mostrando disposição	68
5.2 -A oportunidade, o convite e a partida: entrando e saindo do tráfico.....	70
6 - Os tentáculos do comando.....	76
6.1 - Estrutura.....	79
6.2 - A boca de fumo: rotina e disciplina.....	85
6.3 - Consumidores	89
6.4 - As dívidas na boca: forma de lucro e motivo de morte.....	91
6.5 - A Lucratividade: ganho desigual de cada.....	93
6.6 - Entre a opressão e a colaboração.....	96
6.7 - Tráfico e as práticas territoriais.....	99

7- Os conflitos armados e suas narrativas	104
7.1- A tomada: traição de um sanguinário	108
7.2 - A retomada	114
7.3 - Calma, minha tia! É nois mermo!.....	120
7.4 - A guerra pela hegemonia e as redes sociais.....	121
7.5 - Vamos lá ver o corpo!	131
7.6 - Significado da morte	133
8 - Do policiamento ostensivo à polícia comunitária.....	137
8.1 - O Pacto Pela Vida e as bases comunitárias de segurança.....	140
8.2 - As bases comunitárias	141
8.3 - A operação “faxina”	142
8.4 - implementação.....	144
8.5 - Policiais, traficantes e o território.....	147
8.6 - Interação violenta	153
9- Conclusão.....	156
10- Referências.....	160

1 INTRODUÇÃO

Buscou-se com essa pesquisa um movimento em dupla face, estabelecendo uma análise acerca das ações dos operadores mercado de drogas, somado aos seus efeitos nas dinâmicas do bairro onde ele se encontra. Com isso, confronta-se o discurso dominante na sociedade a respeito do tema, observando similitudes e distorções.

Simultaneamente, observando na literatura científica o que já foi produzido em torno do fenômeno do tráfico e sua atuação (BARBOSA, 1998; DOWDNEY, 2003; ZALUAR, 2009; etc.), há uma produção recente com crescente atenção acerca do tema, com diferentes enfoques sobre o mesmo (LYRA, 2013; RODRIGUEZ, 2013). Entretanto, essa inquietação tem sido tratada histórica e geograficamente de modo pontual, há uma ampla maioria de trabalhos referindo-se ao tráfico nos estados do Rio de Janeiro e, mais recentemente, São Paulo (FELTRAN, 2011), não havendo assim uma produção consistente sobre esta temática em outros cenários urbanos, vide exemplo a região Nordeste do país. O que confere aos trabalhos de Rocha (2012) e Lima (2013), o caráter de pioneiros, pois permitiram o iniciar de pesquisas voltadas exclusivamente em torno do tráfico de drogas na Bahia. Neste sentido, parte da relevância deste trabalho está na tentativa de contribuir para uma literatura científica, em termos regionais, descentralizada, a partir de um estudo de caso.

O intuito deste trabalho é compreender, dentre outras coisas, as características do mercado varejista de drogas na periferia e seus impactos na realidade cotidiana. Com a finalidade de abarcar o objetivo geral proposto, optou-se por desdobrá-lo nos seguintes objetivos específicos: I) Descrever as fases históricas do comércio de drogas no território do bairro, definindo a função de cada posição na estrutura. II) Analisar os mecanismos instrumentalizados nas práticas de controle do comércio de drogas. III) Delinear o lugar da violência para além do comércio monopolizado de drogas. IV) Compreender as possíveis conexões existentes entre o comércio de drogas e o cotidiano do bairro.

Misse (2011), já alertava para o fato de o termo violência ter ganhado múltiplos significados na modernidade, ainda segundo o autor, ela tem um caráter performativo na medida em que é usada para determinar o outro, mas nunca para definir a si mesmo. Para Muchembled (2012), a palavra “violência” tem origem no século XIII, onde se caracteriza um ser humano com um caráter colérico e brutal, para ele, violência e agressividade são coisas distintas, pois a segunda é uma potencialidade de violência.

Os fenômenos sociais não estão isolados na sociedade, tal separação ocorre apenas no aspecto mental, já no plano da empiria ocorre o inverso – há conectividade e entrelaçamento dos fenômenos. Deve-se atentar para os fenômenos sociais como um ponto de conexão dentre outros tantos existentes em um sistema de redes. A complexidade deste fenômeno social aponta para além de um mero agente propagador de violência, sua atuação estende-se às demais esferas sociais para além da econômica, aqui representada no comércio de drogas em seu setor varejista. Esse fato já foi bem apresentado por Telles e Hirata (2007).

Ainda que se restrinja o campo de pesquisa a uma determinada esfera, há uma condução ao diálogo com as demais existentes, somente desta forma consegue-se o mapeamento de sua anatomia, um desenho preciso de sua estrutura; passa-se a compreender sua morfologia, ao passo que se estabelece os seus movimentos de interferência no cotidiano. Contudo, antes precisa-se estender uma toalha costurada em retalhos conceituais, onde se dará a respectiva análise.

Habitando fora de uma pretensão de abarcar a totalidade do fenômeno, fornecendo assim respostas acabadas a esse questionamento; o que se tem aqui é uma tentativa de contribuição pontual, pois o fenômeno se mostra como um tecido de muitas e entrelaçadas camadas, difícil de ser alinhavado. Com isso, assume-se aqui o entendimento de que um recorte sociológico específico – um estudo de caso- contribui para uma imersão na temática, fomentando uma análise em profundidade, ainda que com grau de generalização limitada. A possibilidade é realizar uma pequena incisão neste tecido, possibilitando enxergar alguns pontos para além de sua aparência já há muito desenhada no pensamento médio da sociedade.

Ruggiero (2005), aponta para o fato de que na natureza não há drogas, o que lá se encontra são venenos naturais ou substâncias tóxicas. Estranhamente, a sociedade deslocou o consumo de certas substâncias ao patamar de droga. É preciso definir aqui o que seria conceitualmente uma droga:

O termo “droga” designa uma substância, natural ou sintética, capaz de mudar os estados de consciência, como, por exemplo, a maconha, a cocaína, a heroína, o ópio, o álcool ou os remédios psicotrópicos. (BERGERON, 2012, p. 13)

Diante do fato de que cada sociedade historicamente conhecida possuía substâncias que alteravam a consciência, sendo o proibicionismo é uma invenção recente, o autor demonstra que a definição do que é droga é antes de tudo social:

A categorização de uma substância como “droga” é originada numa convenção social e cultural arbitrária, de modo que a droga se torna aquilo que é socialmente definido como tal (ou por certos segmentos da) sociedade e que é juridicamente classificado como tal pelo direito. (BERGERON, 2012, p. 17)

Para Bougois (2010), o consumo de drogas nas zonas urbanas representa apenas um sintoma, uma espécie de simbologia de uma profunda dinâmica de alienação e marginalização.

Essa classificação das drogas e o proibicionismo resultante, conduziram ao comércio ilegal. É bem verdade que muito já foi dito acerca do tráfico de drogas, e de diferentes formas. Uma obra repleta de notoriedade é a obra *Cidade de Deus*, escrita por Paulo Lins e que posteriormente viraria filme.

O tráfico de drogas é tema de vasta riqueza de detalhes, mas ao mesmo tempo, tornando possível sentir-se na condição de especialista da temática apenas frequentando os bares da cidade, ou qualquer outro espaço de lazer onde as pessoas “desarmem” seus espíritos e se ponham a falar. Sabe-se quais os bairros que estão em fases de guerras e quais os grupos que estão disputando, até mesmo a sequência das mortes torna-se de conhecimento comum. Sendo assim, é relevante perceber o quão ausente da literatura está essas disputas.

O gradiente de produção sociológica acerca do tema termina por repousar em torno das quadrilhas prisionais já estabelecidas, é o caso da obra de Biondi (2007), culminando em uma espécie de análise monocromática. Soma-se a isso, a questão regional, pois os trabalhos científicos que fornecem os alicerces da temática de modo geral são obtidos a partir de pesquisas na região sudeste do país, como já fora dito anteriormente, ou mesmo os de cunho jornalísticos como a obra de Amorim (2003). Contudo, é dos processos de fragmentação e concentração que mais a literatura carece nesse momento, é necessário que se busque narrar e analisar os processos decorrentes da passagem de uma fase à outra.

A obra que trata com maior riqueza de detalhes é o livro *Abusado*, escrito pelo jornalista Barcellos (2005), uma etnográfica apresentação das muitas fases do tráfico de drogas no Morro Santa Marta. De cunho mais revisionista, tem-se o texto do Lessing (2008), uma produção que realiza um processo de síntese de uma série de dados de outras pesquisas anteriores, vindo a ser importante para fornecer tipologias passíveis de serem usadas em análises de outras pesquisas.

O tráfico não pode ser analisado fora de um contexto social, pois é necessário compreendê-lo enquanto um dos elementos existentes numa realidade cotidiana. O tráfico manifestado em um dado território, exige do pesquisador a análise de seus elementos genéricos, ou seja, o que há de comum em suas manifestações nos mais diversos territórios; por outro lado, impõe a necessidade de compreender o que há de singular na sua imposição em um território específico. Esse movimento do geral ao singular e retornando ao geral, constitui um árduo exercício científico. Afinal, trabalha-se com lentes de diferentes graus, tendo que operar com o desafio de jamais perder o foco do objeto.

A partir da década de 80 o tráfico de cocaína começa a se materializar no Brasil, e a partir da década de 90, seu crescimento e participação nos espaços urbanos só pode ser comparado ao seu crescimento nos debates e discursos midiáticos, bem como na oratória dos governantes enquanto explicação para toda e qualquer violência e principal motivador dos crimes. No final dos anos 90, as pessoas presas por tráfico já representavam 60% da população carcerária do Rio de Janeiro (D'ELIA FILHO, 2011).

Na perspectiva de Ramalho (1979), pertencer ao “mundo do crime” representa uma ilegitimidade na visão da sociedade, pois se encontra sobre a acusação de estar infringindo os códigos sociais e leis. Diante disso, o autor apresenta que o “mundo do trabalho” figura como um retorno à legitimidade social. O crime foi conceituado por Robert (2007) como uma categoria particular do comportamento humano.

Os artigos duros da lei, expressos nos mais diversos códigos jurídicos, não encontram no cotidiano uma reprodução exata de seus conceitos; pelo contrário, no cotidiano a linha divisória entre o legal e ilegal não se mostra como uma reta contínua, mas se faz observável enquanto uma linha tracejada que em muitos momentos realiza movimentos de dobraduras. Para que se possa entender essas dobraduras descritas por Telles e Hirata (2007), é preciso observá-las no dia-a-dia do bairro estudado, bem como em seu passado.

Desse modo, violência e tráfico são interpretadas como sinônimos ou coisas iguais, a similaridade não se restringe ao uso desregrado de termos distintos, abrange também a interpretação dos fatos. Em consequência, observa-se surgir um pensamento que se encontra no patamar do discurso dominante, onde o mesmo não consegue, ou almeja, distinguir o tráfico e a violência, levando a um fluxo de pensamento equivocado–

uma visão nebulosa e de hipertrofia em alguns de seus aspectos - que se propaga nas rodas de conversa e pelos meios midiáticos.

Observar-se o convencimento resultante nos mais diversos segmentos sociais a partir de cenas de cadáveres com perfuração de projeteis, exibidos no horário do almoço por telejornais locais, um cardápio saboreado por muitos como sendo uma ação do tráfico ou com ligação com o mesmo. Por isso, é muito fácil, conseqüentemente tentador, explicar as mais diversas manifestações de violência que, alcança taxas elevadas, como sendo crimes relacionados ao tráfico.

A relação simbiótica, cristalizada no pensamento social, mostra-se como uma imagem imprecisa ao buscar os trabalhos de Desroches (2005) e Grillo (2008). Falar de crime é de modo incontornável falar do país (CADEIRA, 2000, p. 57). A fala do crime é contagiante, em todas as conversas, piadas e brincadeiras (CALDEIRA, 2000, p. 27). Segundo a própria autora, as narrativas são simplistas, intolerantes e permeadas de preconceitos e estereótipos.

Com grande intensidade, as temáticas estudadas no âmbito sociológico, ao serem abordadas no meio social trazem consigo uma carga manifesta de valores morais, produzindo uma visão limitada ou mesmo intolerante; fato também ocorrido com o incontornável debate e embate da sociedade brasileira frente ao tráfico de drogas. Uma temática que faz emergir vigorosos discursos, reconhecendo assim que o crime tem sua característica de onipresença no debate público (ROBERT, 2011).

Caracterizado como um mercado ilegal - integrado ao campo da economia capitalista - o tráfico é permeado pelas relações típicas deste modelo de economia, vide exemplo a lei da procura e da oferta. A sua integração com demais esferas econômicas fica claro na análise de Telles e Hirata (2007), ao passo que discutem os conceitos de: legal, informal e ilegal, demonstrando como essas categorias se relacionam de modo intenso e contínuo, sendo suas divisões muito mais conceituais do que propriamente reais. Para Feltran (2011), o descompasso entre a lei e a moral aparece como algo negociável. Os próprios operadores do tráfico parecem não se reconhecer como paralelos às outras esferas econômicas:

Na verdade, por proporcionar prazer e atendimento prático a determinadas demandas, o traficante se julga como um abastecedor de necessidades que uma parcela da população tem e que requer preenchimento, como outra atividade econômica qualquer, sem implicações de ordem moral (ESPINHEIRA, 2008, p. 33).

A discussão acerca do desvio paira aqui como algo incontornável. Velho (1979) discorre que o desviante não é alguém fora de sua cultura, mas quem faz uma leitura divergente dela, ao mesmo tempo ele foge do determinismo social, pois reconhece que um indivíduo não será na totalidade de suas ações um ser desviante, e que em muitas das suas práticas sócias terá o comportamento esperado.

Para Espinheira (2004), traçar o perfil do marginal é antes de tudo algo irônico, pois ele entende que ao olhar para a periferia boa parte dos jovens cabem nele. Contudo, ao se promover a provocação por meio da utilização das tipificações cotidianas do marginal (aquele que socialmente é visto como criminoso), e do marginalizado (aquele que, por exemplo, ocupa uma terra pública por não ter onde morar), estimula-se a reflexão de que: não é por meio da transgressão de qualquer lei que se é reconhecido como membro do “mundo do crime”, mas é antes de tudo transgredir um conjunto específico de leis.

A respeito desses indivíduos que por ventura não cumprem o comportamento desejado, Becker (2009) formula o conceito de *outsider*, que segundo ele, refere-se a quem se desvia das regras estabelecidas pelo grupo. Para ele, o comportamento desviante é reconhecido como aquele que as pessoas rotularam enquanto tal. Com isso, fica claro no pensamento de Becker (2009) que não há um ato que contenha em si qualidades de desvio, mas o que se observa é uma consequente sanção ao dito desviante, sendo assim, ele demonstra que o enquadramento de um ato no campo do desvio depende da reação das pessoas a ele. Entretanto, Robert (2007) não concebe a teoria do desvio como eficaz no trato do crime, pois ele ainda que reconheça o crime como um comportamento, contudo entende haver um diferencial: o crime aparece para ele como um comportamento valorado pelo direito, visto que existe a ameaça de penalidade sobre o autor. A análise de Zaccone (2011) aponta que por não ser possível ao sistema de justiça abarcar com seus instrumentos todas as pessoas que em sua conduta realizaram algo que se enquadra na lei como crime, ocorre a seleção, feita principalmente pelas estruturas policiais.

Para que se possa compreender a gama de ações operacionalizadas pelo tráfico, deve-se esmiuçá-lo, a fim de descrever sua estrutura e tornar inteligíveis as especificidades dos setores que o compõe, somente assim pode-se entender o funcionamento das partes e as conexões existentes.

No caso do tráfico de drogas, é necessário identificar e explicar quais são as peças que o movem, assim como evidenciar as relações de causalidade. Dessa forma seria possível esclarecer como o tráfico funciona num determinado contexto social, e, secundariamente, por que ele ocorre. (OLIVEIRA; ZAVERUCHA, 2006, p. 5)

Segundo Desroches (2005), o traficante para galgar os resultados pretendidos vê-se frente à necessidade de fornecer um produto de qualidade, mediante preço competitivo, criando assim um serviço confiável. Entretanto, seu caráter ilegal acrescenta necessidades e ferramentas regulativas específicas em cada um de seus distintos segmentos: atacadista, varejista classe média ou varejista de periferia (Desroches, 2005; Venkatesh, 2008; Grillo, 2008). Ao focar as lentes neste último, depara-se aqui com um segmento econômico cujas ações baseiam-se em um dado território e consecutivo controle.

O tráfico na periferia se faz possível em duas modalidades estruturais, a fragmentação ou a concentração, elas se baseiam por meio do eixo central chamado território. Em ambas as possibilidades, há comumente um grande número de pessoas envolvidas, desempenhando diferentes atividades. Verifica-se também o acúmulo de funções desenvolvidas por uma mesma pessoa em alguns casos, principalmente em lugares onde há atuação de pequenos grupos. Por outro lado, reconhece-se que a possibilidade de monopólio que a concentração oferece, emprega um quantitativo maior de pessoas, pois nessa formatação há uma maior noção logística empenhada, bem como possibilidade de cobertura de uma área maior.

A primeira configuração, a fragmentação, é utilizada pela mídia e figuras políticas como argumento explicativo da violência urbana por meio do chavão “guerra do tráfico”, referindo-se às disputas dos diversos grupos atuando em um mesmo território, sendo discursivamente criada uma simbiose entre tráfico e violência. Entretanto, ao se pensar no cenário territorial monopolizado, coloca-se em dúvida a eficácia argumentativa de “guerra do tráfico” na compreensão dos índices exorbitantes de violência urbana, uma vez que, não se observa disputas pelo alargamento das margens de atuação sobre uma área, um dos vieses autoexplicativo utilizado como fator causal das estatísticas de violência.

Neste sentido, a imagem da violência nesse quadro é imprecisa, bem como os demais mecanismos de promoção do controle dos grupos que operacionalizam os mercados de drogas, os mesmos parecem ainda repousarem em grande obscuridade, não sendo fácil compreendê-los. Tal fato circunscreve o tráfico de drogas em uma problemática sociológica relevante. Esses processos de centralização e descentralização que tanto ocorrem nos mercados de drogas foram explanados por Lessing (2008), demonstrando as dinâmicas que conduzem em uma direção ou outras, mas acima de tudo

o autor aponta para o fato de que, trata-se de fases diferentes no mercado de drogas que se sobrepõem uma a outra com certa frequência.

O traficante é visto na fala do crime como uma figura híbrida, composta por desvios sociais em somatório a desvios psíquicos, uma figura execrável, dotada de extrema maldade, algo muito próximo do inato. Entretanto, a posição social do jovem inserido no tráfico parecer ser uma ambiguidade, demonstrada claramente no título do livro *Nem Soldados nem inocentes* (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001).

A ingenuidade deste determinismo social do mau inato, acrescida da crueldade desta visão obscurecida, esquece-se de analisar que somente os desvios de ordem psicossocial não aparentam ser elemento explicativo causal suficiente para decodificar este fenômeno, necessita-se descrever o cenário em que ele está circunscrito. A apresentação do tráfico de drogas como gênese dos elevados índices de violência, e consequentemente do sentimento de insegurança, é uma afirmação amparada na superfície do fenômeno:

Temos hoje um viés complicado do entendimento da violência uma vez que a taxa de baixíssima de apuração das responsabilidades pelos homicídios leva a uma simplificação na explicação oficial dos crimes, imputando ao tráfico de drogas a causa dessas mortes difusas (em que corpos *desovados* não se relacionam com os autores da ação), em que o mistério da execução se resolve nessa imagem imprecisa de “guerra do tráfico”, cujas implicações não são apuradas, como se não merecessem maiores atenções, já que os atores envolvidos não tem maior peso social e são figuras passíveis de descarte. (ESPINHEIRA, 2008, p. 43).

Essa afirmação conduz a pensar nas reflexões de Agamben (2002) com sua discussão sobre as vidas que não são dignas de serem vividas, ainda que ele discutisse sobre a ótica do regime de exceção, estranhamente aproxima-se das mortes que ocorrem aqui no dito modelo de democracia¹, mortes que não promovem repercussão alguma em nossas instituições.

Nos estudos realizados por Desroches (2005) muitos dos operadores do tráfico enfatizaram que a violência é um elemento indesejado, e consecutivamente, ausente de suas transações ilegais. Demonstrando assim, um mercado pacífico, onde o controle social se faz operável por outros mecanismos distintos de violência, como vínculos étnicos e familiares.

Para Desroches (2005) o comércio de drogas é um sistema hierarquizado, onde traficantes de alto nível, vende para outros de menor nível, e que por sua vez, vendem

¹ Ver Norberto Bóbbio em sua análise das regras do jogo democrático.

para distribuidores e usuários. Quanto maior for o deslocamento em direção ao topo da hierarquia, maior é a constatação do acúmulo de renda. Por sua vez, o quanto maior é o deslocamento para a base da hierarquia, menor são os rendimentos possíveis de serem verificados como aponta Venkatesh (2008).

O comércio de drogas enquanto uma economia ilegal, constitui-se por múltiplos setores, com características distintas como aponta diversos autores. O tráfico atacadista no Canadá, estudado por Desroches (2005), caracteriza-se pela transação de grandes quantidades de drogas efetuadas por uma estrutura reduzida a poucas pessoas, com seletividade no acesso às informações, exemplificada no fato de indivíduos da mesma estrutura muita das vezes não conhecerem a todos de seu grupo. Para ele, o caráter ilícito do tráfico impõe aos seus operadores que atuem com segredo e cautela, posturas expressas em um sofisticado *modus operandi*.

Outro trabalho esclarecedor é o de Grillo (2008), retratando o tráfico varejista na classe média do Rio de Janeiro. Em seus estudos ela revela um mercado pacificado, ausente de armas de fogo e de uso da violência, com uma estrutura geralmente baseada em um único indivíduo, a venda das drogas é baseada em uma rede de sociabilidade da qual o operador faça parte. Somando-se a isso, o alto poder de aquisição faz com que haja um grau de confiabilidade elevado quanto ao pagamento por parte dos usuários, o que diminui a necessidade do uso da violência para a regulação do mercado.

O tráfico realizado nos territórios socialmente periféricos do Brasil caracteriza-se por uma ampla estrutura, baseado no emprego de múltiplos indivíduos em diferentes funções, sendo as mesmas descritas minuciosamente por Barbosa (1998) como sendo: vigilância, segurança, venda, processamento, gerenciamento e liderança. Parte destas funções é destinada especificamente para a manutenção da base deste tipo de comércio - o território - como ficou evidenciado nos trabalhos etnográficos de Lins (1997) e Zaluar (1994).

Para Diógenes (2000), a dimensão território é menos um espaço de liberdade de movimentação e muito mais o gerador de uma marca, onde se aglutina uma percepção de turma. Para Barbosa (1998), existe os territórios do tráfico, e para ele esses territórios se alargam até que toque uma outra *área*, ou seja, o território de outro grupo. Diante da ideia de demarcação, a categoria fronteira criada por Feltran (2011) é instrumental. Para ele, fronteira é uma norma de regulação, sendo assim também um mecanismo para aquilo que

ela divide, ele acrescenta que é nela que se dá o contato obrigatório entre aqueles que ela divide.

Para Rodriguez (2013), as fronteiras do tráfico dentro das favelas se dá a partir da distribuição das bocas de fumo. Soares (2000) descreve exemplos do quão intenso pode ser o caráter territorial do tráfico, ao passo que criam toque de recolher, proibem passagem em determinadas áreas ou mesmo proibem cores de roupas que façam alusão aos outros grupos armados.

Esse domínio sobre os bairros populares é visto por Soares (2000) como uma imposição de um regime despótico. Contudo, vale a pena citar que o domínio sobre um território não é nenhuma novidade, Geremek (1995) ao analisar a vagabundagem na Europa dos séculos XV ao XVII, demonstra que locais de atuação e refúgio de vagabundos é tão antiga quanto a própria vagabundagem. Ele demonstra que o verdadeiro território dos vagabundos não era territorial, mas sim a esfera social.

A partir dessa percepção de Geremek (1995), percebe-se que não mais se pode perceber território como sinônimo de espaço, pois um mesmo espaço é permeado de múltiplas territorialidades. Com isso, entende-se as práticas territoriais do tráfico como a capacidade influenciar/interferir nas relações das demais esferas sociais contidas no mesmo espaço que o tráfico de drogas - o cotidiano de um bairro.

Nesse contexto, Fagan e Chin (1990) apontam que a violência aparece como alternativa de controle social da organização e na resolução de disputas, visto que por se tratar de uma relação econômica ilegal, não há estruturas ou recursos de caráter legal que possam realizar o controle das ações no comércio de drogas, segundo eles, uma autoajuda.

Ao procurarmos pelos elementos que propiciaram o surgimento e a manutenção do tráfico de drogas em meio a esses territórios no cenário urbano, seremos inclinados a olhar para as fissuras da estrutura do Estado e suas dobraduras (TELLES; HIRATA, 2007).

Nas esferas sociais onde a estrutura do Estado atua de modo inconstante e insuficiente há uma lacuna, que acaba por fertilizar campo de atuação para; as ONGs, o tráfico, as milícias ou qualquer outra forma de organização que reivindique pra si esse vazio estatal. Neste sentido, a noção de Giddens (2008) a respeito de poder se faz necessária, ele apresenta poder como a capacidade de intervir em um determinado cenário de eventos. Com isso, autores como Barbosa (1998) sinalizam a tendência do tráfico em imitar o Estado e com ele concorrer nesses cenários.

Com o tempo, o rapaz tornou-se um personagem importante na vida local. Não poucas vezes, ao andar pelas ruas, é chamado, com um evidente senso de ironia, de prefeito. Alguns pedem emprego, dinheiro, carro para levar um familiar doente para o hospital, favores em geral (TELLES; HIRATA, 2007, p. 182).

É justamente a manutenção do território o que parece ser o vértice de entrada para que possamos lançar luminosidade no tráfico varejista realizado nas periferias do país. Deste modo, necessita-se da análise sobre o tráfico ocorrendo de modo híbrido ao estudo do espaço urbano e às relações ali contidas, como ocorre no trabalho de Bourgois (2010) sobre a venda de crack no Harlem em Nova York.

Outro trabalho de grande relevância nesta abordagem, é o de Venkatesh (2008) sobre uma quadrilha de tráfico em um dos conjuntos habitacionais de Chicago. As atribuições impostas aos traficantes não se restringem à comercialização de drogas, a eles se apresenta uma rotineira preocupação quanto à regulação do território. Geralmente o indivíduo do tráfico é um morador, que possivelmente viveu por muito tempo a rotina que os demais moradores vivenciam, fato descrito por: Teles e Hirata (2007); Bourgois (2010) e Venkatesh (2010), e mesmo hoje habitando o mundo do crime ainda guarda em sua rotina atividades do outro tempo.

O traficante não figura no imaginário dos moradores como universalmente bom, ou mesmo de modo antagônico, como a origem do mau, a visão dos moradores a respeito dele é a de uma posição influente com a qual se precisa conviver no cotidiano. Por isso, o território é apresentado como permeado por densa e entrelaçada rede de negociações tensionadas cotidianamente, onde a figura do traficante assume a posição de assessoramento, ou mesmo de resolução (VENKATESH, 2010).

Os moradores reconhecem nele uma resposta eficaz a muito de seus impasses rotineiros, mediante sua capacidade imediatista de atuação nos momentos em que sua presença é solicitada.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo de quatro anos (2011-2014). Seu início se deu por conta da construção de um pequeno artigo para uma disciplina do curso de Sociologia da UFBA, ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado. Posteriormente, transformou-se em projeto de monografia que, ao cabo não foi defendida. Por último, converteu-se em projeto de mestrado. Sendo assim, o arcabouço de informações foi extenso ao longo desse período.

A inquietação de partida que se constituiu como o espírito deste projeto, precisou ser ancorada a uma concretude, a um corpo metodológico. Com isso, descreve-se aqui a operacionalização do projeto, demonstrando como e quais caminhos foram tomados como o intuito de galgar o que se idealizou. Segundo Rocha (2010), no método há a visão de homem e de mundo que compõe a percepção do pesquisador.

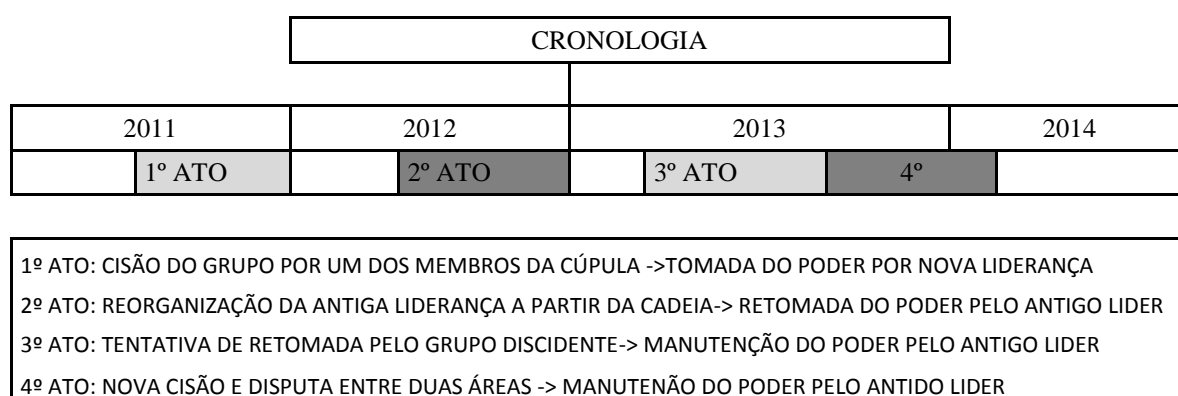
A técnica a ser adotada em um projeto não é definida de modo arbitrário pelo cientista, mas sim pelo seu objeto em vista dos objetivos traçados. Desse modo, a melhor técnica é a que mais eficazmente for passível de se operacionalizar frente ao objeto, mediante sua especificidade, pois é “o método é que nos escolhe e nos guia, quase mesmo a nos determinar...” (ESPINHEIRA, 2008, p. 27).

Para a realização desta pesquisa optou-se por usar técnicas qualitativas: a observação participante, a construção do diário de campo, a realização de entrevistas e análise de dados oficiais (Boletins diários de polícia, emitidos pela Secretária de Segurança Pública). Esses mecanismos formaram o gradiente de procedimentos, que por meio de uma triangulação entre si, forneceram a confiabilidade dos dados utilizados aqui. A construção e utilização desses instrumentos perpassam pelos ensinamentos de Oliveira (2006), pois requer a utilização dos verbos de ação: olhar, ouvir e escrever.

A pesquisa não somente analisa ciclos, mas também é afetada por eles. Com isso, cabe desde já apresentar os atos que balizaram as práticas cotidianas ao longo do período de quatro anos. Desse modo, apresenta-se o percurso da pesquisa como distinto de uma linearidade, mas sim como a resultante de muitas idas e vindas em espiral. Essa sinalização faz-se necessária por entender-se que a ciência avança não apenas mostrando o que deu certo, mas também mostrando os obstáculos e fracassos, fato que faz relevante o trabalho de Lyra (2013).

Esses ciclos influenciaram fortemente a execução dos instrumentos propostos, ao passo que os ciclos de conflitos ou calma, tornavam alguns instrumentos

extremamente eficazes e outros quase obsoletos, como resultante apareciam achados e obstáculos. Fato que exigiu um dado exercício imaginativo no âmbito sociológico (MILLS, 1982) para encontrar soluções. Bachelard (1996) reconhece o caráter processual da ciência, ele aponta que os elementos intelectuais que antes eram úteis e sadios ao pensamento científico, podem posteriormente se tornar obstáculos. Por isso, observa-se que ele não concebe a ciência por meio de formulações engessadas, mas sim por meio de representação processual.



Nesses momentos de grande turbulência, a realização de entrevistas era uma atividade de resultados ineficientes – as pessoas estavam com muito medo de falar. Contudo, em termos de observação era rico período, pois o estado de anormalidade que era provocado, possibilitava um vislumbre mais nítido de muitas das questões formuladas.

Refletindo acerca da relação do pesquisador para com seu objeto, problematizando as variáveis centrais e decisivas no processo de produção de pesquisa, em especial aquelas em torno do tráfico, é importante que se ressalte o seguinte:

[...] para a maior parte dos pesquisadores acadêmicos, afora os privilegiados que têm contatos com a Polícia Federal ou o Ministério Público, resta o fado de continuar estudando os jovens delinquentes de vizinhanças pobres, os pobres condenados que povoam as prisões brasileiras, os arrependidos ou *defroqués* de quadrilhas e comandos, dentro e fora da prisão, que só muito raramente resolvem abrir a boca para contar o que sabem. (ZALUAR, 2009, p. 562)

Tem-se a consciência de que a realidade é socialmente construída como aponta Berger e Luckmann (1985). Sendo assim, reconhece-se que o cientista é ao mesmo tempo pesquisador e objeto. Essa constatação cria uma série de implicações, impondo ao

pesquisador o repensar não somente do modo de abordar seu objeto de estudo, mas também sua própria condição e seu posicionamento frente à arqueologia de saberes chamada ciência.

O pesquisador é conduzido a enxergar a si mesmo enquanto sujeito histórico, posicionado no tempo e no calor da hora (ESPINHEIRA, 2008). Em se tratando de temas sensíveis, a capilaridade social do pesquisador torna-se elemento relevante, pois ela se constitui enquanto membro central da equação cuja resultante é a própria realização da pesquisa, ou mesmo a inviabilidade da mesma.

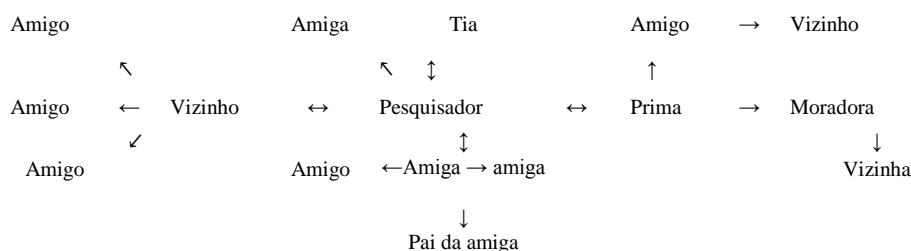
Prezando por uma postura pragmática, com o intuito de tornar as metas atingíveis, estabeleceu-se enquanto pretensão de amostra inicial um público de 30 (trinta) entrevistas. Contudo, como pesquisador não recusa entrevista no campo - a filtragem é etapa posterior - alcançou-se a marca 39 (trinta e nove) pessoas entrevistadas. Essa amostra foi sendo preenchida de modo intencional com pessoas de ambos os sexos que estavam alocadas na primeira geração de moradores, pessoas acima dos 40(quarenta) anos de idade e por moradores da segunda geração, entre 14 (quatorze) e 25 (vinte e cinco) anos.

A primeira geração é formada de pessoas oriundas do interior da Bahia, enquanto a segunda configura-se por serem pessoas que chegaram ao bairro no início da infância, ou mesmo nasceram ali. Algumas dessas pessoas foram entrevistadas mais de uma vez, fato que permitiu a resolução de lacunas no discurso e o direcionar do olhar entorno de novos elementos. Nesses casos utilizou-se o gravador pode ser utilizado tranquilamente. Em outras, não foi possível usar o gravador, por motivos diversos: barulho no espaço, por ser local de trânsito de pessoas ou inibição do entrevistado frente ao gravador.

A amostra foi construída por meio do esquema *bola-de-neve*, muitos entrevistados conseguiram contatos em sua rede mais íntima para outras entrevistas. Além disso, funcionaram também como mediadores nas entrevistas, emprestando sua confiabilidade perante o entrevistado para o pesquisador: “pode falar como ele que ai é quase meu irmão” (Rocha, 29 anos, comerciante).

Diante disso, os cuidados em não se expor a riscos desnecessários não incluiu o pesquisador como única variável. Essa equação possuía muitos membros, fazendo com que ocorresse um eterno cálculo, uma tentativa de minimizar riscos. Era preciso lembrar que aqueles que me ajudaram permaneceriam ali após a pesquisa.

Sistema de rede das entrevistas



- Entrevistas realizada sem mediação (↔)
- Entrevistas realizadas com mediação.(→)

Neste sentido, mais que identificação histórica e social do objeto, deve-se fazer também a devida apresentação do pesquisador. Com isso, registra-se aqui a condição de nativo do pesquisador, não há a pretensão de afirma-se como o guardião de todas as portas por onde a pesquisa possa passar ao longo de seu desenrolar. Entretanto, é bem verdade que algumas delas estão antecipadamente abertas, mas há outras tantas desconhecidas, algumas outras também fechadas, ao menos ao olhar do pesquisador.

Esse mesmo olhar que enxerga muitas passagens, é também um olhar viciado – o olhar que conhece – fazendo dele pouco questionador, pois já se sabe muitas das respostas, ainda que esse saber não seja propriamente sociológico. A transformação em um olhar científico significou um árduo exercício disciplinador Oliveira (2006).

Antes da manifestação da postura de pesquisador, experimentou-se por longos anos a condição de nativo, onde construiu-se um arcabouço de experimentações e relações sociais, que culminam em posições de afetividade, inimizade ou mesmo pura aversão.

O pesquisador, ele próprio, situa-se no tempo, no calor da hora. A inserção histórica, o saber-se diante de uma determinada realidade a exigir determinados procedimentos. O pesquisador não é livre, ele depende do que pesquisa, é guiado por seu objeto de estudo que o leva segundo seus requerimentos, como um personagem de ficção leva o autor a seguir suas injunções no campo do desconhecido. (ESPINHEIRA, 2008, p. 41)

2.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Sobre este primeiro mecanismo - a observação participante – cabe aqui apresentar a sua centralidade nesta abordagem proposta.

As técnicas etnográficas de observação participante, desenvolvidas sobre tudo pela antropologia social desde os anos vinte, têm demonstrado ser mais adequadas que as metodologias quantitativistas para documentar a vida dos indivíduos marginalizados por uma sociedade hostil. (BOURGOIS, 2010, p. 43, tradução nossa).

Com relação a esse instrumento de pesquisa, Valladares (2007), propõe dez pontos a serem conhecidos, intitulado por ela “os dez mandamentos”, alguns dos quais nos interessa. No primeiro ponto, ela afirma se tratar de um instrumento que requer um longo tempo de aplicação. Em outro ponto, o de número sete, a autora afirma a observação requer o uso de todos os sentidos. Os demais pontos também são interessantes, mas pouco úteis aqui já que se fala para um pesquisador não-pertencente ao grupo estudado.

A observação participante impôs ao pesquisador o intenso desafio de explorar os seus sentidos e mantê-los aguçados, somente deste modo foi possível transmutar-se em um elemento ativo do território estudado, abandonando assim o olhar passivo e verticalizado imposto a partir do movimento de fora para dentro. Um observador participante não apenas descreve as ações, ele as realiza. Neste sentido, torna-se impossível a captura de dados relevantes por parte do observador com ele se pondo somente a ouvir, fez-se necessário também; falar, jogar, festejar e etc. Sendo assim, o sociólogo precisa tomar para si o cotidiano do território.

Hoje foi um dia duro em campo, visto que o custo da negociação por algumas informações foi difícil. O dia começou por volta das quatro da manhã, acordamos para participar de uma das grandes interações que ocorre entre os vizinhos no bairro – bater a laje- reunindo cerca de 20 homens. Uma vez que estávamos todos reunidos na casa de Daniel, com pás e enxadas nas mãos, começamos a encher a laje com o concreto que fazíamos, algo que durou até o meio dia, um típico sistema de mutirão que ainda ocorre nesse bairro. Ao fim, as minhas mãos, desacostumadas com a intensidade deste trabalho, estavam repletas de calosidades e extremamente doloridas. Após terminarmos a árdua tarefa, fomos todos convidados a comer um delicioso feijão feito pela mãe de Daniel, um verdadeiro energético, que repôs muito das energias gastas. Por meio da interação criada obteve-se uma maior intimidade junto a Daniel, o que consequentemente permitiu que o mesmo expressasse por cerca de meia hora sua estada no tráfico, com grande riqueza de detalhes. Esse é um claro exemplo de como devemos enquanto pesquisador participar da rotina de nosso campo, para conseguirmos alguns minutos de fala as vezes torna-se necessário oferecer algumas horas de trabalho, ainda que esse escambo não seja explícito, o mesmo existe. (Diário de Campo, julho de 2012).

A troca, enquanto uma ação presente na pesquisa foi fundamental para que a mesma ocorresse. Ainda que, em muitas das ações da pesquisa, não está claro aos que corroboram com ela o que está sendo oferecendo em forma de contrapeso pelas

informações dadas, mas essa não é a totalidade da situação, visto que em determinadas interações não há nada que enquanto pesquisador possa ofertar aos seus interlocutores, pois nada do intelectualismo que se porta lhes interessa, restou em muitas ocasiões apenas usufruir da boa vontade do entrevistado ou de laços de afeição. Sobre isso, vale a pena pensar que:

[...] também os pesquisadores se perguntam sobre o sentido desta troca que é a pesquisa. Se nada nos garante o direito de perturbar-lhes a vida no espaço que eles concebem como o de sua liberdade (a casa, o bairro), só nos resta concluir que contamos também com a paciência e a generosidade do nosso “objeto”. (ZALUAR, 2002, p. 15)

A certa altura do desenrolar do trabalho de campo, foi preciso agregar novas formas de observação. Com isso, *bater o baba* (jogar futebol) junto com os adolescentes e os jovens do bairro tornou-se atividade disciplinar de muitas das noites:

Hoje tomei a iniciativa de participar do *baba* que ocorre aqui no bairro todas as noites, pareceu-me importante para a pesquisa, posteriormente esse pensamento se confirmou. Os anos de inatividade me custaram logo nos primeiros minutos do *baba*, a respiração ofegante limita meus movimentos, mesmo assim minha camisa segue colada ao corpo de tanto suor. As minhas pernas já se esvaem em dor. Tentando ter uma atitude próxima à deles, joguei as primeiras partidas com os pés descalços, o que me rendeu calos de sangue nas solas dos pés. Caminhar e correr sobre o cimento torna-se penoso, mas valeu a pena. Afinal, meu time ganhou a maior parte das partidas e conseguir uma inserção interessante. Agora faço uma longa caminhada até a casa de um familiar, pisando sobre os meus calos de sangue, em seguida coloco os pés em uma bacia preparada com uma receita caseira. Enquanto descanso, aproveito para escrever os dados do campo e refletir sobre os mesmos, o relógio já aponta para mais da meia noite, o tempo de pesquisa não cabe no relógio. (Diário de Campo, Agosto de 2013)

Fazia isso quase todas as noites da semana. Alguns *babas* duravam mais de três horas, outros apenas poucos minutos, dependia da quantidade de pessoas para jogar, mas invariavelmente, fazia-me chegar muito tarde em casa, quase sempre próximo à meia noite. As regras para participar do *baba* na quadra ainda eram as mesmas de minha época de vida saudável – o time tem três jogadores na linha e um no gol, sendo que quem faz dois gols primeiro ganha – o perdedor tem que dar lugar a uma nova *dupla* (time). Diante de minha falta de condicionamento, quase sempre eu era o goleiro do time, o que me rendia um bom desempenho, jogando na posição de linha fiz algumas assistências a gol, já que não tinha o esplendor da velocidade dos jovens, pecando na marcação, chegando atrasado nos lances, fazia muitas faltas, mas não temia dividir uma jogada, passei a ser respeitado por isso, algumas vezes acabei lesionando meus informantes de campo. (Diário de Campo, outubro de 2013)

Como bem demonstrou Wacquant (2002), preparo físico é um daqueles elementos que escapam aos manuais de metodologia científica, mas que por vezes o pesquisador se vê obrigado a resolver por si só, sem conselhos acadêmicos.

O momento da espera pela vez da minha dupla jogar era uma ótima oportunidade de pesquisa de campo, ouvia-se de tudo na arquibancada da quadra: funk proibidão e as resenhas (conversa). Por vezes, eles faziam questão de que eu prestasse atenção ao que era dito, tudo regado com muitos risos. Minha presença junto a eles nunca foi despercebida, nunca fui visto como mais um, todos eles se chamavam pelos nomes ou apelidos, mas eu era chamado por uma das coisas que eles sabiam que eu fazia – dar aula – resultando no fato de que eu não tinha nome mas sim uma profissão de autoridade, eu era “o professor”. (Diário de Campo, novembro de 2013)

A periferia goza de toda sorte de estratificação social, pois a mesma não escapa de reproduzir muitas construções sociais restantes nos demais espaços da sociedade; Sendo assim, é importante ressaltar que nenhum pesquisador – por mais nativo que ele seja – escapa a esse enquadramento. Ao surgir a rotulação “professor”, evidencia-se a distinção social que se manifesta. Tal fato não pode escapar às reflexões, haja visto que impacta nas interações aponta para a heterogeneidade da periferia em diversas esferas, conferindo status diversos.

Com o passar do tempo e diante de meu baixo potencial futebolístico, outras lesões surgiram. Hoje no *baba* tive uma lesão de entorse no tornozelo, mesmo assim segui jogando, dias após a partida sigo sentindo dor, mas também insisto em jogar. Por conta disso, sou visto como “fominha de bola”, fato que me desperta risos. Tenho fome, mas de dados. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014).

Manter a disciplina da escrita será difícil essa semana, estou com uma luxação no cotovelo, resultante de mais um *baba*, coisa normal, pois como se diz na quadra: “o *baba* é pra pião, se não quer ser tocado melhor jogar vôlei”. Essa é apenas mais “troféu” de minha coleção de torções, ralados e hematomas. (Diário de Campo, Abril de 2014)

O momento que mais interessava eram as *resenhas* ao fim dos *babas*, o longo caminhar de volta para uma outra parte do bairro, por vezes feita descalço sobre o asfalto, era pausada estrategicamente em algum bar no caminho. As paradas nos bares são o melhor momento do *baba*, ali se conta mais livremente os assuntos que me interessam, além do fato de haver a presença do álcool, o fator que mais propicia essa fluência é que, no bar só *cola* (vai) os que tem forte amizade entre si, ser convidado é assim um privilégio, resultante é claro de meu status diferenciado.

A forma distinta de ser visto e tratado, não se limita ao grupo de jovens do futebol, ela vai muito além, pois ao longo desses anos de pesquisa:

Parece que sou invisível aos olhos dos policiais, sejam aos que atuam no bairro, ou mesmo aos que são dos grupos especializados e fazem incursões no bairro. As minhas características físicas (um não branco que também é visto como não negro), a forma de vestir, a forma de andar perto dos policiais ou mesmo o modo de olhar para eles (nunca baixando os olhos), são alguns dos fatores que explicam como escapo ao rótulo de indivíduo suspeito. (Diário de campo, Janeiro de 2014)

Diante das mal-aventuradas incursões futebolísticas, as lesões foram companheiras, chegando ao ponto de impedir observações na rua:

Estou com o pé esquerdo engessado até a altura do joelho, uma temeridade que me custou cinco dias de molho. Mesmo arrumando duas muletas, já nas primeiras tentativas estava dado o meu fracasso em caminhar com esse aparato. Nessa semana não pude ir coletar dados. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014)

Durante esse período de inatividade física ainda era necessário prosseguir com a coleta de dados. A resposta de como fazer isso veio por meio de um morador, o mesmo mostrou como os grupos armados estavam nas redes sociais, utilizando como forma de demonstração de força, audácia e autopromoção. A observação das páginas da web desses grupos forneceram dados relevantes que são fortemente utilizados especificamente no capítulo que trata de uma das guerras.

2.2 - DIÁRIO DE CAMPO

Concomitantemente à ferramenta acima descrita, a produção do diário de campo permeou grande parte do trabalho, sendo instrumentalmente central ao pesquisador, pois ele abriga os dados coletados na observação participante, bem como o local de destinação dos avanços e retrocessos obtidos no campo, com vista a elaborar abordagens mais eficazes para o objeto. Como bem disse Mills (1982), o diário de campo é uma forma de construção intelectual, pois exige reflexão, somando a isso a constante produção da imaginação. Com isso, o diário de campo fez do pesquisador um artesão por essência.

É quinta-feira, já passa das 23 horas quando começo a produzir este texto, logo após visita à casa de Gabriela e seu filho, hoje com um ano, o Daniel. Gabi, como a conhecemos, acaba de relatar sua aflição com um de seus primos, o

mesmo é usuário de crack e na noite anterior usou a droga em companhia de um amigo. Seu primo, Marcos, sustenta o uso com pequenos furtos no seio da família, enquanto o amigo dele sustenta o consumo a partir de seu emprego na construção civil. Logo após o uso, seu primo sentiu necessidade de usar novamente e em meio à fissura furtou uma calça de seu amigo no valor de R\$ 200,00 e foi trocar na boca de fumo por R\$ 20,00 em pedra, naquela mesma noite já havia trocado: um celular de sua tia e um ventilador de seu pai. Assim que seu amigo sentiu a falta da roupa furtada, avisou que tinha sido Marcos a furtá-lo, a notícia chegou até a boca de fumo, lá os traficantes decidiram que Marcos tinha passado dos limites e que iria morrer. Em outra ocasião, ele havia sido amarrado a um poste e despido, em seguida surrado, tudo por conta de dever na boca de fumo. Porém, dessa vez a punição seria outra, após decidirem matá-lo, os traficantes ligam para o pai de Marcos que goza de certo prestígio perante os traficantes, e avisam que estavam descendo o morro para *pegar* ele onde quer que estivesse. Após a notícia, o pai de Marcos sobe o morro e negocia com os traficantes sem grandes resultados, mas tempo suficiente para a mãe de Marcos tirá-lo do bairro e interná-lo em uma clínica para dependentes químicos (Diário de campo, Março de 2012).

Por último, o diário de campo também é o local onde o pesquisador registra, em um estágio ainda primário de maturação, seus primeiros conceitos, elaborados a partir do campo. Sendo assim, toma-se o ensinamento de Magnani (1997), como bem disse ele, esse é um instrumento indispensável na mochila do novato ou na do velho lobo do mar.

Ao olhar para a entrada da rua, percebo dois jovens realizando vigilância para o tráfico, eles estão de *guarita*, é como eles chamam os jovens que fazem essa função. Um dos jovens reconheço facilmente trata-se de Diogo, ele ingressara no tráfico muito recentemente. Conheço de longa data toda a sua família e por isso ao passar por onde estamos ele me cumprimenta e eu respondo com o mesmo gesto. (Diário de campo, Fevereiro de 2012)

O constante ato de registrar fez com que a disciplina no ato da pesquisa fosse uma constante, fazendo da vigilância epistemológica um exercício real.

2.3 ENTREVISTAS

Outra ferramenta que compõe esta pesquisa são as entrevistas, sua realização ocorre no formato de conversas, onde roteiros de entrevistas guiaram a interação, cujo teor não se refere a perguntas no formato de questionário, mas sim de pontos a serem tratados nas conversações, sendo assim sua construção foi voltada para o pesquisador, já que aos entrevistados não era necessário tocar em todos os pontos, suas próprias narrativas já o faziam. Com isso, o pesquisador fez em muitos momentos um *check list* mental dos pontos que o interessava. As entrevistas caracterizam-se como “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio

principal de troca” (GASKELL, 2004, p. 73). Ainda sobre essa interação, deve-se observar que:

[...]devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele. (BAKHTIN, 2003, p. 23)

O registro das informações ocorreu mediante o uso de gravador em muitas das entrevistas. Entretanto, este instrumento tem seu próprio grau de constrangimento quando apontado para um entrevistado, sendo assim promove em muitas situações entraves para a pesquisa, ao ser desligado percebe-se que alguns entrevistados se sentiram acionados e passaram a bombardear de dados suas narrativas, alcançando outro grau de profundidade. Por isso, na maioria das entrevistas não houve registro com gravador, o que exigiu formas alternativas de registro: anotar palavras-chaves, registrar datas, produzir laudas dos diários de campo após cada entrevista.

Muitas destas entrevistas ocorreram por meio de uma rede de contatos, sendo assim, foram arranjadas por familiares e amigos, a presença destas pessoas no ato da entrevista mostrou-se um salto qualitativo na pesquisa.

Após muitos dias de espera, consigo uma conversa com um homem chamado por todos como Seu Nilson, um comerciante do bairro, ele me foi indicado por uma parente, sua fala se justifica pelo fato dele ter uma longa história de vivência no bairro, recheada por vezes de acontecimentos violentos. A conversa foi marcada e acompanhada por uma intermediária – minha parente. Mais que articuladora, nesta ocasião ela funcionou durante a conversa como uma espécie de chave, que consecutivamente quebrava os bloqueios de Seu Nilson, trazendo à tona uma rica história de um homem e ao mesmo tempo de um bairro. (Diário de Campo, Agosto de 2012)

Neste estudo usou-se três roteiros distintos, as especificidades do fenômeno e dos atores estudados impôs à pesquisa a necessidade de abordagens distintas, visto que a amostra é composta de: moradores operadores, moradores usuários, moradores não participantes do comércio de drogas.

Reconhecendo que esses atores ocupam posições distintas no espaço urbano, sendo também singulares suas experiências e consequentes visões, a utilização do roteiro com variações a cada grupo teve por finalidade a maximização da extração de dados.

Na reprodução de trechos da entrevista, com a finalidade de embasar os conceitos construídos, foram utilizados pseudônimos, visando preservar os entrevistados. Contudo,

apresentamos informações sobre a profissão e/ou características físicas, recorrendo também a elementos de personalidade do entrevistado quando se julga necessário. Com o intuito de proteger de modo mais amplo os moradores, o próprio nome do bairro será substituído por um pseudônimo: bairro da Ilha Grande.

Durante o período de coleta e após o seu término, ocorreu o processo de análise dos dados. Para isso, foi feita as transcrições das entrevistas gravadas, uma vez de posse das transcrições, realiza-se processo de leitura e releitura, com a finalidade de extrair os elementos que ressaltam nas falas, e simultaneamente verificar a recorrência de expressões ou visões. É durante este período de análise que emerge as categorias analíticas teorizadas neste estudo, a exemplo das diversas funções no tráfico, sendo assim, reconhecemos o caráter indutivo desta pesquisa.

A velocidade do cotidiano é desesperadora a qualquer pesquisador, pois sentimos que os dados fogem entre os dedos. Soma-se a isso a dificuldade de classificação mediante o caráter volátil de muitas das trajetórias das pessoas entrevistadas:

Como classifico estas pessoas? Algumas eram do mercado de drogas e agora não mais. Existem também aqueles que no ato da pesquisa temiam o crime, agora jaz ocupa função na *associação*. Agora no ato da transcrição, eis que ouve-se a voz externando a visão pacífica que um jovem tem do bairro, mal sabíamos (ele e eu) que meses depois viria uma vendeta que colocaria em seu corpo oito projeteis de pistola. Esta conversa que ouço é agora momento fúnebre. (Diário de campo, Abril de 2012)

2.4 DADOS OFICIAIS

Ao se pensar na triangulação das informações, o uso de dados oficiais é algo importante. Com isso, ocorreu ao longo desses quatro anos de pesquisa a leitura dos boletins diários de polícia, realizado semanalmente ou quinzenalmente, o objetivo era observar a incidência de alguns tipos de crimes (das mortes e tentativas) no bairro da Ilha Grande.

A leitura desses boletins mostraram coisas interessantes ao longo da pesquisa, mas o importante de se ressaltar é que este instrumento não espelhava a ocorrência destas duas modalidades – mortes violentas intencionais e suas tentativas. Alguns fatores preponderaram para que o mesmo não seja um instrumento eficaz: I) os boletins, por serem um instrumento preliminar da polícia, especificam o local onde um corpo foi encontrado e não o possível local de ocorrência do crime, II) as mortes reconhecidas como sendo

efetuadas pela polícia em possíveis confrontos, não são lançadas, III) algumas mortes, simplesmente, não são lançadas nos boletins, segundo nativos da instituição, a razão seria política. O uso de dados oficiais nesta pesquisa é de fato demasiadamente restrito. Essa forma de utilização com extremas limitações se deve ao fato de que para se utilizar os mesmo com maior intensidade, seria necessário a devida referência, o que poderia expor a área pesquisada.

A finalidade dos instrumentos e processos aqui apresentados enquanto parte desta pesquisa, visa que ao término do trabalho tenha-se conseguido a elaboração de um esquema analítico, permitindo tornar inteligível o objeto estudado por meio de categorias e conceitos criados a partir do empírico.

É necessário reconhecer que ao se tratar da trajetória de algumas pessoas para falar de uma coletividade, vivenciou-se a mesma tensão de que falava Malinowski (1982): o particular e o geral. Entretanto, não se eximi de criar generalizações, mas sim, impõe-se o desafio de pensar os limites dessa generalização em meio a um estudo de caso.

Diante deste desafio, ao pesquisador resta criar definições e afirmações que possam embasar outras pesquisas, deixando assim seu legado no arcabouço sociológico. Somando-se a isso, a possibilidade de se poder também contribuir para a melhor elaboração de políticas públicas.

3 Os moradores e o processo de marginalização

O bairro da Ilha grande, local onde se realizou o campo de pesquisa, tem uma história de construção interessante, baseada na ocupação de terras públicas e de resistência à repressão por parte do Estado, com uma população estimada em mais de 65 mil moradores. Com isso, as pessoas que fizeram parte de sua construção contaram trajetórias de sofrimento e exclusão, mas sobretudo com um forte sentimento de vitória. Sua história de surgimento se dá justamente no fim do governo militar e processo de reabertura democrática, mas sobretudo ao fenômeno do êxodo rural.

O avançar das cidades, convertendo muitas delas em metrópoles, transmutando-se em um fenômeno de complexidade contínua, colocou para as Ciências Sociais o desafio de entender não só as ações dos atores sociais, mas o palco onde elas se processam - o espaço urbano - bem como, a dinâmica de ressignificação do próprio espaço e dos atores ali alocados. (CAVALCANTI, 2009; KOURY 2011; VALADARES, 2000;).

Uma exemplificação cabível - e por isso mesmo pertinente - refere-se aos bairros classificados como periféricos, que por meio de um processo de construção social, de uma simbiose, também adquiriram na sua história a nomenclatura de violentos. Este fato culmina na marginalização não apenas do espaço urbano em si, mas interfere diretamente nas representações dos próprios indivíduos como detalharemos no avançar do texto. Essa é uma constatação com a qual Zaluar se deparou em 1982 quando realizava o trabalho de campo no conjunto habitacional conhecido como Cidade de Deus, a esse respeito escreveu ela:

Desconhecemos o que lá se passa, embora nossa fértil imaginação o faça, desde logo, um antro de banditismo, violência, sujeira, imoralidade promiscuidade, etc. Duplamente excluído, por serem “outros” e por serem “incultos” e “perigosos”, os pobres urbanos vivem, neste olhar etnocêntrico e homogeneizador, o avesso da civilização. (ZALUAR, 1994, p. 12)

Uma vez reconhecido o caráter vertical e exterior, na construção da narrativa histórica e imagem destes espaços, optou-se por uma abordagem diferente, uma reconstrução da história do bairro por meio da narrativa de histórias de vida dos próprios moradores. Com isso, reconhecemos que a busca pelos caracteres desse espaço não se limita a mensuração de suas dimensões espaciais, ou mesmo da quantificação dos elementos em seu interior, torna-se antes necessário o entendimento de como os elementos contidos ali se relacionam entre si, e como a posição que cada um ocupa foi

construída historicamente. A caracterização de um dado bairro, em se tratando de pesquisas sociais, representa a procura de vestígios das experiências ali vivenciadas pelos indivíduos nas suas práticas, no decorrer do processo que se denomina tempo. Neste sentido, almejou-se aqui contar um pouco da história do bairro por meio da vivência de seus moradores, colocando-os em um exercício de reflexão de suas próprias trajetórias na metrópole baiana.

3.1 A ORIGEM: OCUPAÇÃO

O bairro da Ilha Grande tem sua origem remetida à década de oitenta, nos últimos ares da estrutura militarizada criada pelas forças armadas. Na perspectiva de Wacquant (2001), a atrofia de um Estado social corresponderia a Hipertrofia despótica do Estado Penal, sem e tratando de governo militar, esse encaixe conceitual é demasiado. A primeira forma de violência que esta população se deparou foi a do Estado por meio de suas instituições policiais.

O entendimento dominante da origem de bairros periféricos como esse, foi e continua a ser, historicamente construído por um olhar externo e verticalizado, sendo os meios de comunicação os escritores de tal narrativa. Com isso, ao adentrar no arcabouço documental existente, a exemplo de matérias jornalísticas, depara-se com uma contínua ausência no espaço destinado ao morador, sua fala geralmente colocada em modo minimalista, não sendo possível a compreensão do que o levou àquela situação de exclusão, assim como a significação que aquele espaço representa para o mesmo na construção de sua cidadania.

Ainda analisando o caráter exterior e verticalizado da narrativa historiográfica desses bairros, observa-se que muitos desses espaços foram “batizados” em seu início enquanto “invasões”. Segundo a conceituação de Agier (2011), trata-se de instalações precárias e ilegais, onde não ouve uma elaboração de ordenamento *a priori*. Ao rotular estes espaços, onde floresceram estas novas interações urbanas, enquanto “invasões”, culminou-se em um movimento de discriminação pela criminalização, pois seus habitantes passam a ser vistos na condição de descumpridores da lei e de conduta perigosa - os invasores. Holston (2013) afirma que a urbanização tem caráter volátil, pois enchem as cidade de cidadãos marginalizados. O processo de reconhecimento dos grupos moradores da periferia enquanto uma “classe perigosa”, foi amplamente discutido por

Coimbra (2001), demonstra-se como historicamente grupos de pessoas pobres têm sofrido com essas rotulações.

O ambiente urbano no Brasil é pensado comumente a partir de uma fragmentação, expressa por meio de suas zonas, bairros e ruas, sendo esses rotulados a partir de construções sócias enquanto: nobres, agitados, boêmios, ou mesmo periféricos. Essas classificações notórias terminam por significar uma conceituação homogeneizante, ao passo que, sacrifica uma série de diferenciações existentes em prol da construção de uma identidade, sendo esta construção muitas vezes um processo exterior e arbitrário, baseado em um único caractere, resultando em uma visão distorcida, conseqüentemente, passível de equivocadas rotulações. Nesse contexto, a pobreza aparece não somente como modelo sócio econômico, mas como modelo espacial (COIMBRA, 2001).

Uma cidade nunca é a mesma em seus diferentes lugares, sobretudo quando se comparam ambientes populares e aqueles outros de média e alta renda, com um padrão de urbanização elevado, que se convencionou a denominar de “bairros nobres” em contraposição “aos populares”, que também podem ser vistos como *periféricos*. (ESPINHEIRA, 2008, p. 15)

A cidade de Salvador tem sido vista em muitos estudos enquanto constituída - ao menos em grande parte - por uma cidade ilegal como fala Agier (2011), é nesta perspectiva que se faz possível uma análise do surgimento dos espaços sócio/espaciais periféricos, “onde a presença do estado é fraca e onde as pessoas são obrigadas a inventar por si própria a sua existência” (AGIER, p. 55, 2011).

A formação de tais espaços recai sobre dois campos fatoriais – a incapacidade política e o jogo econômico– mercedores de uma breve exposição. Em termos políticos, o crescimento da cidade com indústrias e ampliação do comércio, propiciou uma expansão da cidade, para a qual a estrutura política do Estado se mostrou incapaz de abarcar com suas instituições. Desde o período de ampliação da cidade de Salvador, em meados do século XX, ficou evidente a incapacidade, ou mesmo inexistência, de uma política habitacional consistente que desse ao Estado a possibilidade de reivindicar pra si o papel de protagonista na ampliação da cidade, “surgiu um descompasso social entre a capital social e as condições de vida da maioria presente na cidade. Sua expressão mais evidente é a favelização.” (PEDRÃO, 2009, p. 2).

Neste sentido, mediante o êxodo rural provocado pela mudança do eixo econômico do rural para o urbano, a contínua chegada de migrantes em busca de emprego

ficou longe do alcance institucional, fato que se manifestou na expansão incontornável e descontrolada da própria cidade.

A cidade cresceu mediante aterros, drenagens e fechamento de rios, modificando o clima, impermeabilizando o solo, criando novas zonas de riscos latentes. A base se altera criando novas ordens de riscos. Há riscos físicos e sociais, porque a distribuição social foi sempre um mecanismo essencialmente do poder. (PEDRÃO, 2009, p. 9)

Na década de 80, uma leva de trabalhadores – originários de pequenas cidades do interior baiano- ocuparam uma área pertencente ao município, mas cujo direito de uso era privado a uma tradicional família. A primeira tentativa de ocupação ocorreu no início da década, sendo o ato fortemente reprimido - vale lembrar que ainda se vivia sobre o espectro do regime militar – o que culminou com a retirada dos moradores do local, mas na segunda metade da década houve nova ocupação, com maior número de pessoas e, conseqüentemente, com uma ampliação da força do movimento de ocupação. Famílias se lançaram de encontro a um local onde não existia qualquer vestígios de urbanização, mas que lhes era a melhor possibilidade de moradia, para muitos a única. A exclusão aparece em sua ambivalência, ao mesmo passo que ela segmenta, ela também serve para a rotulação do perigo (COIMBRA, 2001).

Na tentativa de delinear o cenário histórico vivenciado por essas pessoas, usou-se com grande recorrência a fala de alguns moradores que vivenciaram todo o processo histórico de criação do bairro.

Eu morava de aluguel, a situação era precária, eu sozinha e os meninos pequenos, todos três pequenos, e era aquela agonia. Pagava aluguel e o aluguel era caro, ai através de uma amiga que me convidou eu vim no mês de abril de 87, ai peguei um terreno com uma parte já limpa, ai no outro dia já comecei a cortar madeira e palha de nicuri, ai comecei a armar o barraco, amarar as palhas. Meu cunhado mais os vizinhos vieram e me deram uma ajuda, eu cobri, fiz um vão (cômodo) só e tapamos com barro, só que quando chovia molhava tudo, mas as pessoas eram teimosas e voltava a suspender. (Maria, 48 anos, emprega doméstica)

Entretanto, ainda se vivia um momento político conturbado, era o momento dos últimos atos de um governo não democrático, e o espectro da desocupação se anunciou novamente na figura da instituição policial.

A derruba sempre perturbando... A derruba vinha com os policiais, derrubava os barracos com as pessoas dentro, não respeitava, ainda batia nas pessoas. Quando as pessoas reagiam, ainda tomavam murro, tiro dos policiais. Era um terror. E ai ficava dentro do barraco, os meninos pequenos, ascendia fogo pra poder eles vê que tinha gente dentro de casa, e ai entrava assim, metendo o machado, as ferramentas, com gente dentro e tudo, a gente escorava pra poder

não derrubar. Quem teve sorte teve, quem não teve perdeu, mas as pessoas eram teimosas e tornou suspender, e aí foi Deus ajudando, com o pessoal da comissão (comissão de moradores) foi aquela coisa... Chovia, era lama, era cobra, era sapo, inseto, muita aranha caranguejeira, escorpião, lacraia tinha muito, mas graças a Deus nunca atingiu meus filhos, aquela luta. (Maria, 48 anos, empregada doméstica)

A intensidade com que os moradores eram pressionados a deixarem o local exemplifica-se bem na fala de outro morador:

Quem derrubava era as polícias, derrubavam tudo. Você saía de manhã, quando chegava tava tudo quebrado, tudo cortado. A gente ia pra mata pra tirar madeira, pra fazer novamente os barracos novamente, quando sai pra trabalhar que chegava tava derrubado, só numa semana meu barraco foi derrubado seis vezes, só numa semana derrubaram seis vezes. Derrubaram de manhã, 7 horas mais ou menos, foram embora. Eu tinha umas madeiras guardadas em outro terreno, fui e fiz o barraco novamente, fechei de lona e fui pra praia, fui vender cerveja em lata no isopor, aí quando voltei de tarde tava derrubado, num dia só foram duas vezes. (Raimundo, 49 anos, dono de bar)

Como bem disse Moura (1990), manter-se em uma invasão representa invadir permanentemente, visto que há sempre de se criar novas estratégias. A relação de enfrentamento é sem dúvida a dificuldade que mais é retomada na memória dos moradores sobre a chegada e luta pela permanência no local. Com tudo, há de se citar devidamente todas as demais existentes, bem como as táticas de superação criada pelos moradores, em meio as suas experiências cotidianas. Os primeiros barracos eram feitos de madeiras extraídas da mata próxima, e cobertos com lonas plásticas.

Vinha da mata, pegava na mata, tirava lenha e madeira pra fazer. Escondia na mata porque os policiais ficavam parados na entrada pra ver, a gente escondia as madeiras na mata pra quando os policiais saía, a gente pegar, arriscando um bicho picar a gente ou sofrer um acidente grave. (Lurdes, 49 anos, dona de casa)

Geralmente, os moradores partiam para extrair as madeiras da mata em duplas ou grupos, onde um ficava de observador, identificando a presença de policiais ou caminho livre, o uso de assovios era usado a forma de comunicação. Para evitar o encontro com a polícia, deixava-se para carregar as madeiras somente à noite, pois era o momento em que a polícia se retirava do local. Entretanto, houve muitos momentos em que a polícia flagrou a retirada de madeira, ou mesmo os moradores em posse de materiais para fazer os barracos, como pregos e arames. Em muitas dessas situações, os policiais cortavam as madeiras em tamanhos que as deixavam inutilizáveis para a construção, fazendo o mesmo com os pregos e arames, tudo isso na frente dos moradores. Segundo um dos

moradores, os policiais faziam questão de agir assim para mostrarem que não estavam roubando os pertences dos moradores, mas apenas cumprindo ordens.

Em meio a essa tensão entre polícia e moradores, houve quem tirasse daí a possibilidade de sobreviver.

Esse terreno aqui eu ia fazendo os barracos. Fazia, quando chegava alguém pra invadir, pra arrumar terreno eu vendia o que eu tinha feito, invadia outro terreno e fazia outro barraco e fui vivendo assim. Não dava mais pra eu trabalhar fora daqui, porque se eu trabalhasse fora daqui eu perdia o que eu tinha. Ai eu fazia o quê? Fazia um ficava dentro, quando chegava alguém procurando um terreno pra fazer um barraco eu vendia o meu e arrumava outro pra mim, ia ganhando o meu dinheiro assim. Na época, vendia por Cru\$ 5,00 ou Cru\$ 10,00, dependendo das condições da pessoa que chegava, se a gente via que o cara tinha uma condição melhor a gente cobrava C\$10,00, se a gente via que era um lenhado, a gente cobrava C\$5,00 e ai eu ia levando minha vida. Nessa história eu fiz no mínimo uns 50 barracos ou mais. Comecei sobrevivendo daqui de dentro. (Raimundo, 49 anos, dono de bar)

A lógica para a existência dessa prática é interessante, muitas famílias ao chegarem ao local preferiam pagar e ficar em um barraco pronto, do que se arriscar em construir um em outro local, correndo contra a sorte de não vê-lo sendo derrubado pela polícia. Com isso, muitos moradores desempregados fizeram disso uma prática de sobrevivência como nos mostrou o trecho acima.

A relação conflituosa com a polícia no momento da ocupação é fato comum nas memórias que se visitou por meio de narrativas. Entretanto, não foi a única que se deparou, o cenário era mais complexo e perverso, colocando aos moradores a necessidade de superação diária de uma série de dificuldades.

Um dos principais a água. Primeiro, a gente morava num bairro que já tinha alguma estrutura, tava anos à frente daqui, já tinha água encanada, uma estrutura de comércio, malha viária, tudo que aqui era completamente deficiente. De repente você acostumada com seu chuveirinho, seu vaso, tudo, você ter que usar tonel, pinico, banho de cuia. (Dayane, 24 anos, universitária).

O acesso fácil à água, que no meio urbano parece ser algo indissociável e básico, para essas pessoas era uma dificuldade com a qual eles tiveram de lher dar. A solução encontrada foi cavar poços artesianos, chamado pelos moradores de fontes. Nos dias atuais em que se coletou os dados, ainda foi possível visualizar muitos desses poços, um deles ainda em uso. Esses poços serviam não apenas ao morador do terreno onde ele foi aberto, mas a uma série de famílias em volta. Com isso, fortalecia-se os laços de vizinhança, criava-se regras de convívio e uma árdua rotina de carregar água em baldes e latas:

Tinha as fontes vizinhas aqui que cedia água pra gente, mas ficava aberta até às 17 horas, de 17 horas em diante você não pegava mais água. Ou dormia sem tomar banho, ou ficava com sede porque às vezes, a água não dava. Enchia os baldes, enchia as bacias, enchia tonel quem tinha tonel, quem não tinha, só enchia as vasilhas que dava pra manter o dia. (Lurdes, 49 anos, dona de casa).

Outra dificuldade aos moradores era a falta de energia, à noite a área era extremamente escura. No retorno pra casa, após um dia longo e de duro trabalho, era preciso proceder com calma no acidentado relevo do local, na tentativa de localizar o próprio barraco. Para poder iluminar no interior dos barracos, os moradores faziam uso de candieiros e velas, uma combinação perigosa já que os barracos eram construídos de lona plástica e madeira. Por isso, não foram raros os casos de barracos incendiados. Essas pessoas aqui sofriam ainda mais que os entrevistados de Zaluar (1994).

As dificuldades não se restringiam somente ao local, elas transpassavam em muito a precariedade do local.

Todas, todas... Todas as dificuldades nós tínhamos. Não tinha água, a água a gente tinha porque a gente cavava as fontes e bebia. Não tinha energia, não tinha transporte, saneamento básico nenhum. [...] Nessa avenida ai era dificuldade por que os ônibus não queria parar ai, às vezes você tinha que ir andando pro outro bairro pra pegar lá, os carros que vinham de lá não parava aqui por que você era invasor. A polêmica ainda - você é doido – trabalhasse fora daqui, morasse aqui e você fosse arrumar trabalho fora e dizer que era daqui de dentro, ninguém lhe dava trabalho, você tinha que dizer que morava em outro lugar, e quando precisasse de endereço (comprovante) tinha que arrumar alguém que morasse nesse local, pra te dar o endereço e você usar esse endereço como se fosse da sua morada. A coisa aqui era braba! (Edilson, 50 anos, dono de bar)

A ocupação da área foi descrita pela mídia como uma invasão, logo, aquelas pessoas eram invasores, transgressores. No imaginário da sociedade soteropolitana, aquilo circunscrevia aquelas pessoas em uma situação de marginalidade, uma “classe perigosa” (COIMBRA, 2001). Com isso, muitas das dificuldades descritas acima, são sintomas resultantes dessa imagem criada. O ônibus não parar no ponto para que os moradores pudessem se deslocar para seu trabalho, demonstra a negação de reconhecer aquela ilegalidade – a invasão – como sendo parte da cidade e, consecutivamente, a negação de qualquer um de seus moradores como membro dessa cidade.

A dificuldade de conseguir trabalho significa um agravante discriminatório, visto que, além de terem que lutar: contra a questão racial já que a maioria dos moradores era de negros/mestiços; contra a baixa capacitação, muitos eram analfabetos, ou com poucos anos de estudo. Tiveram acrescido sobre eles o fato de serem moradores de uma invasão,

agora o lugar onde se mora passou a ser motivo de rotulações e discriminação, eles eram aos olhos da sociedade os invasores, uma forma marginal de ser.

Já arrumei até trabalhos, até em casa de família mesmo, a patroa dizia, a mulher gostava de mim, mas o patrão quando sabia que eu era do [...] não aceitava, eu não podia mentir, achou que eu era uma das malandras do [...]. Hoje em dia eu trabalho na casa de um pessoal da alta sociedade, já trabalho há dez anos, graças a Deus, eu me dou muito bem com eles, já vieram aqui na minha casa. (Maria, 48 anos, empregada doméstica).

Por conta do medo e preconceito que existia em contratar pessoas deste local, muitos moradores omitiam o local onde morava, preferiam usar endereços de parentes para o envio e recebimento de correspondências. É possível ainda hoje experimentar esse tipo de ato.

Os moradores haviam dito, em algumas das muitas conversas que tivemos, como eram vistos com desconfiança em muitos espaços, inclusive no interior dos ônibus. Este fato voltou às minhas reflexões nos últimos dias, passei a ser mais vigilante no momento de pedir o ponto nos ônibus, não demorou a perceber que a desconfiança ainda perdura. Em outro momento, ao ser acompanhado por uma amiga da universidade, ela me comentou: “rapaz o motorista me olhou com aquela cara de ‘minha filha tem certeza que quer descer aí?’, fiquei impressionada.” (Diário de campo, Agosto de 2012)

O lugar onde alguém habita ou de onde vem, parece *a priori* uma questão muito simples ao se olhar sobre o eixo da Geografia Física. Entretanto, ao tomar como parâmetro o olhar da Geografia Humana ou mesmo da Sociologia, essa questão ganha outro patamar de análise, torna-se complexo à medida que é problematizada em seus aspectos sociais. Ser morador de uma “invasão” significa uma sobreposição de preconceitos, colocando sobre esses indivíduos um feixe de forças com caráter incriminador e discriminador.

Tomado por tal perspectiva, há de se observar que o bairro deixa de ser resignado a mero palco urbano do fenômeno, reivindicando para si papel importante no entendimento das dinâmicas não só do fenômeno tráfico de drogas (objeto desta pesquisa), mas do cotidiano como um todo. Fato que o faz – enquanto periferia – “representar um fenômeno sociocultural e político relevante” (FRÚGOLI JR, p. 139, 2005).

As favelas das metrópoles brasileiras, que são frequentemente retratadas como refúgios de abandono e desorganização, nada mais são do que bairros da classe trabalhadora com laços bem definidos tanto com a indústria como com os bairros afluentes, aos quais fornecem serviços caseiros. (WACQUANT, 2004, p. 159)

O espaço da cidade de Salvador - aquela que já foi descrita como a cidade de dois andares - que adotamos enquanto recorte espacial de nosso estudo um dos bairros periféricos da mesma – é por si só merecedor de um conjunto de estudos, referentes à sua origem e posição como ator social ou mesmo das práticas de vivência e sobrevivência realizada por seus moradores.

Certos bairros populares, à imagem desses da Bahia, são espaços que, geralmente, não foram feitos pelos serviços de urbanismos e, no entanto, são essenciais para a sociabilidade urbana. São particularmente comuns e dinâmicos nos países pobres de urbanização recente. (AGIER, 2011, p. 108)

Por meio de relações sociais, tornamos o espaço físico digno de rotulações ditas positivas - como o enobrecer de um dado local - ou mesmo de perversidade a ponto de criminalizá-lo. O que essas pessoas enfrentaram foi justamente isso, foram criminalizadas por terem sua imagem vinculada a um lugar dito fora da lei. Com isso, a elas foram sendo negados os elementos mais básicos de um cidadão: disputar uma vaga de emprego, pegar o transporte público para se locomover, eletricidade, água, segurança e saúde. Nem mesmo as crianças escapavam. Não foram raros os casos de crianças cujas mães tinham dificuldade de matricular em escolas e creches, a justificativa para isso era sempre a mesma – morador daquela invasão – ainda que essas crianças tivessem seus direitos assegurados enquanto cidadãos.

3.2 - OS MORADORES, FAMÍLIAS E VIZINHOS

Neste momento, faz-se necessária a devida apresentação dos atores a quem se remete ao longo deste texto. Como já foi dito acima, são indivíduos oriundos dos interiores da Bahia, durante a coleta de dados alguns nomes de municípios baianos se repetiam com frequência, principalmente aqueles cuja distância para a capital resume-se há poucas horas. Os indivíduos que participaram do processo de ocupação são pessoas em sua maioria negras e pardas. No mercado de trabalho existe um corte de gênero muito bem delineado, os homens participam em sua maioria da construção civil, já as mulheres ocupam as vagas do serviço doméstico: babás, cozinheiras, faxineiras e empregadas domésticas.

Devido à baixa remuneração, homens e mulheres trabalhavam no sustento de suas famílias. Com isso, criava-se um problema, ainda hoje existente, a dificuldade de conseguir que algum adulto tomasse conta das crianças durante o dia, já que a maioria dos moradores ficava fora do bairro para longas jornadas de trabalho. A solução novamente era os fortes laços de solidariedade existente entre as pessoas que ali residiam. As poucas mulheres e homens que não trabalhavam ou realizavam alguma atividade fora do bairro exerciam esse papel de tutor, uma moradora explicita isso na seguinte frase: “os pais saía pra trabalhar, eu ficava de olho pra eles não ir pra rua, não fazer coisa errada.”. Esse tipo de vigilância solidária entre os vizinhos demarcava um momento de laços sociais de alta densidade, fomentado diariamente, devido sua necessidade prática, ao ponto de ser responsável por salvar algumas vidas:

Ele chegou bebo, como todo dia que chegava do trabalho fazia, botou uma panela com aipim no fogão e foi dormir. Tudo fechado, ele e os dois meninos dentro de casa, iam morrer tudo se não fosse o vizinho do lado, ele sentiu o cheiro de queimado, bateu na porta, ele bebo não acordou, o vizinho arrombou a porta e desligou o fogão, tirou as crianças e ele. (Francisca, 50 anos, dona de casa)

No decorrer dos processos históricos a que o bairro foi acometido – em especial nesse caso, as conquistas no atendimento por parte do Estado em serviços básicos – diminuiu-se a necessidade da solidariedade. Esse fato alterou o cotidiano dos moradores, onde no primeiro momento vigorou um compartilhamento de benefícios - a exemplo água no quintal, bem como os deveres de cuidar das crianças. Seu segundo momento esteve demarcado pelo desenvolvimento do individualismo, pois uma série de necessidades básicas, atendidas no primeiro momento por meio da criatividade, sendo a resultante sempre algo de coletivo, foi sendo substituído progressivamente, ao passo que se conseguiam certos avanços, como uma creche por exemplo.

Essas coletividades usadas no cotidiano perderam seu sentido, os moradores se voltaram para suas necessidades individuais e específicas. Durante as entrevistas ficou evidenciada a negatividade que os moradores mais antigos fazem do atual momento em que vivem, destacando conhecer pouco as pessoas que residem ali e do pouco relacionamento solidário existente entre eles.

No momento em que analisa-se o bairro, constata-se que o mesmo em pouco menos de três décadas já se encontra em sua terceira geração de indivíduos. Os primeiros

moradores tornaram-se avós. Esse fato aponta um dos fatores para o crescimento físico e humano do bairro em poucos anos, onde ocorreu verdadeiros saltos estatísticos.

3.3 OS PRIMEIROS SINAIS DE URBANIZAÇÃO

Nos primeiros anos da década de 1990 o bairro começou a vivenciar seus avanços nos serviços de energia e água. Um político baiano conseguiu levar eletricidade para o bairro, as ruas finalmente possuíam iluminação pública, mas eram os moradores que faziam a ligação da energia dos postes para as casas, os famosos “gatos”, como muitos moradores trabalhavam na construção civil era fácil fazer esse trabalho. A partir daí, ao olhar para os postes via-se o emaranhado de fios - um símbolo do tipo de relação de acolhimento do Estado aos segmentos vulneráveis - muitas vezes essa situação resultava em curtos circuitos, os fios queimavam dos postes ao interior das casas, o barulho e o cheiro de borracha sendo derretido eram inconfundíveis, era comum moradores terem seus poucos eletrodomésticos danificados. O risco de incêndio era uma constante.

Na segunda metade da década de 1990, alguns moradores já contavam com água encanada em suas casas, eles eram contemplados por um programa de tarifa social, pois como não se tinha hidrômetros para mensurar o consumo, pagava-se uma tarifa social. Pouco tempo depois, começou a instalação dos contadores de energia, o que aumentou a segurança dos moradores, nessa ocasião aqueles que possuíam fontes aproveitaram para colocar bombas em suas fontes – não era preciso mais carregar água – agora um simples botão levava a água dos poços até os tanques de armazenamento.

As casas que não possuíam fontes também se beneficiavam, era uma época onde se cavava as ruas de barro para colocação dos canos que ligavam as casas aos poços. Apenas nos primeiros anos do século XXI ocorreu a ligação de água da empresa estatal.

A eliminação dos dejetos fisiológicos e do lixo foram problemas que os moradores tiveram de lidar desde o início. Para solucionar a questão dos dejetos humanos, os moradores cavam buracos profundos, conhecido entre eles como fossas. O fato de nos quintais em que haviam fontes existirem também fossas, colocava em questão a qualidade da água consumida durante anos por esses indivíduos. Muitas das fossas eram construídas de modo precário, fazendo com que o cheiro das fezes e urina exalasse. Essa é sem dúvida uma violência despercebida em muito dos olhares. Como seria para nós hoje nos

alimentar sentindo o cheiro de nossas próprias fezes? Que riscos esse trato inadequado dos resíduos humanos nos trariam?

Com o lixo em específico, não era muito melhor a situação, pois durante os primeiros anos de sua existência o lixo era descartado nos córregos, áreas alagadas, enterrado ou mesmo incinerado. Todas essas práticas ofereciam riscos. O uso de córregos e áreas alagadas para se jogar lixo trazia o risco de criação de ambiente propício a roedores e insetos, além da contaminação da água.

A prática de enterrar o lixo também colocava novamente em risco a contaminação da água consumida pelos moradores. Outra prática usada, a queima do lixo, justificada por alguns moradores como boa para espantar os mosquitos, era frequentemente feita no entardecer, onde via-se o céu acinzentar-se e o ar ficar carregado, difícil de respirar, isso trazia o risco de doenças respiratórias, além de promover a contaminação de folhas e frutas existentes na área e usada pelos moradores.

Com a chegada da empresa estatal de água e esgoto nos meados do ano 2000, deixou de existir o uso das fossas, caiu em desuso. O lixo passou a ser coletado na segunda metade da década de 1990, os moradores se deslocavam com o lixo para colocá-lo em uma parte central do bairro, onde um caminhão do lixo realizava a coleta.

Nos dias atuais, o lixo é coletado nas portas dos moradores que moram nas ruas principais, os demais moradores ainda precisam se deslocar até essas ruas para terem seu lixo coletado. A constatação latente aqui é que, por muitos anos todos os resíduos produzidos pelos moradores nunca deixaram o bairro, e ainda hoje permanecem ali.

3.4 CASAS E QUINTAIS

No início da ocupação não havia condições dignas de moradia e sim barracos cobertos de lona, sustentado por estacas de madeiras. Em uma conversa com um dos moradores que vivenciou essa época, ele nos fala que dentro de seu barraco andava-se curvado, pois não tinha como ficar em pé. Nessa época existia apenas um cômodo em cada barraco, mesmo para os moradores que possuíam família com filhos era o único espaço para abrigar a todos. Comida e necessidades fisiológicas eram feitas do lado de fora.

A casa, é o contexto da primeira socialização e, simultaneamente, o da primeira individualização, pois só nos tornamos indivíduos para os outros entrando no mundo – e antes de tudo no mundo doméstico. (AGIER, p.103, 2011)

Com a construção dos barracos de taipa pôde-se enfim dividir o espaço internamente, o que possibilitou a criação de quartos para o casal e para as crianças. Não mais apenas abrigava-se, as pessoas tinham práticas de moradia nos seus barracos. É interessante ressaltar que a construção desse novo tipo de habitação também fez uso de solidariedade, os vizinhos e parentes se ajudavam na construção dos barracos. A autoconstrução se tornou um domínio de elaboração simbólica (HOLSTON, p 29, 2013)

Antes de atingir a metade da década de 1990, começou-se a construção das casas de tijolos. Por se tratar de uma construção cara, os moradores só iniciaram o uso desse padrão de construção após a certeza da permanência na área. As casas eram de apenas um pavimento e cobertas com telhas de amianto, as paredes sem reboco, tinham quase sempre o tom de marrom dos tijolos. Nessa época os quintais dessas casas eram maiores que a própria casa, fazia-se uso da área para o cultivo de hortaliças, instalações de galinheiros, alguns quintais maiores tinham árvores frutíferas de grande porte e faziam criações de suínos. Tudo utilizado no primeiro momento no complemento da própria alimentação, apenas o excedente era doado aos parentes e vizinhos mais próximos, e em último caso vendido.

Na medida em que as casas foram crescendo, os quintais foram sendo diminuídos, as árvores foram dando lugar ao cimento e ao concreto. Um processo de diminuição das áreas verdes semelhante à própria criação das cidades brasileiras. Nos dias atuais em que caminhamos pelo bairro, ainda foi possível encontrar áreas verdes, o tom verdejante é a segunda cor que mais se destaca, somente sendo superada pelo amarronzado dos tijolos expostos das paredes desnudas das casas.

Diante da diminuição das áreas disponíveis para a construção, o bairro começa a sofrer o processo de verticalização desordenada – tão comuns aos espaços urbanos – vários pavimentos são construídos sem qualquer orientação técnica. Usam-se apenas as experiências adquiridas na rotina do trabalho na construção civil. Vigas e fundações variam em profundidade e espessura, medidas dos materiais usados também. As primeiras casas a possuírem além do térreo, um primeiro andar – as ditas *casas de dois andares* – eram um símbolo de distinção social, visto que mostrava ostentação de melhora financeira.

É em meio a esse movimento que encontramos um dos processos de solidariedade ainda existente – bater a laje. Essa prática foi intensificada nos últimos anos, ela nos é

interessante por reforçar os laços de amizade e parentesco, sendo seu acontecimento relevante de ser narrado:

Os preparativos para bater a laje começaram há alguns dias. No primeiro dia, logo pela manhã o caminhão da loja de materiais de construção trouxe todo o material, carregamos sobre os ombros todos os sacos de cimento, pesando 50 quilos cada. Depois, em dupla colocamos também sobre os ombros as longarinas (espécie de pré-moldado), com cerca de 5 metros cada. Ao fim, carregamos os blocos de cerâmica usados entre as longarinas. Partimos então para carregar a areia e o gravilhão (tipo de cascalho), usamos carros-de-mão para isso. No segundo dia, cobrimos os móveis e destelhamos a casa, de imediato colocamos as longarinas, encaixando os blocos em seguida entre elas, colocou-se ao por último as mangueiras por onde passará a fiação depois da laje está pronta. Escoramos tudo com estacas de madeira que partiam do chão em direção ao teto. O dia propriamente de bater a laje é o mais intenso, o número de pessoas aqui supera as duas dezenas, o dia começou ainda na madrugada, às quatro da manhã já estávamos carregando areia, cimento e gravilhão, misturando os dois primeiros usando pás e enxadas para acrescentar o cimento por último, o resultado é o concreto. Os homens são divididos em funções, os de maior capacidade técnica são colocados no alto da estrutura para colocação do concreto, os de menor capacidade - como eu - carregam e *viram* o concreto. A falta de habitualidade com essa atividade logo se manifesta, surgem as primeiras calosidades, verdadeiras bolhas, que depois viraram feridas, o remédio me foi ensinado: “coloca depois daqui a mão na água com sal, é certo!”, de fato a ardência e dor do tratamento dá resultado, no dia seguinte está bem melhor. Estou despreparado, uso sandálias e não botas, mãos nuas ao vez de luvas. Sou avisado: “vai comer suas mãos e seus pés!”. Isso de fato acontece, nos dias que se sucederam senti os efeitos do concreto, das mãos e dos pés se desprendem camadas de pele. O sol nasce bonito no horizonte, enquanto o suor desse pelos rostos, piadas são contadas em meio ao duro trabalho. Já com o sol alto sobre nossas cabeças ligamos o som, o pagode e o reggae dão o ritmo do trabalho. Perto do meio dia está tudo terminado. Somos levados para comer o feijão, anunciado a todos como atrativo quando foram chamados para bater a laje, os braços cansados faz o garfo parecer muito mais pesado do que realmente é. (Diário de Campo, Maio de 2012)

Um fenômeno que também explica a diminuição dos quintais e suas áreas verdes é o próprio processo de crescimento familiar. Um fato recorrente no bairro é a gravidez precoce, a chegada de crianças sem a devida estrutura de acolhimento, e dentre essa falta de estrutura para o acolhimento está a casa em si. Com isso, os avós dos bebês oferecem aos pais dos mesmos, a laje de suas casas, laterais ou o fundo, em geral são construções menores que as casas principais, e muita das vezes resumem-se a um quarto para dormir. O uso de um mesmo quintal para diferentes núcleos familiares é coisa comum no bairro, certos quintais inexistem hoje em dia, em virtude do crescimento das construções.

O processo que descrevemos atinge a maioria das casas, mas não a todas elas. Ainda hoje, encontramos barracos de madeira equilibrando-se na beira de córregos. A que isso nos alerta é a nossa continuada incapacidade de interpretar os bairros populares,

vistos enquanto periféricos, de modo heterogêneo, no seu interior estão pessoas vivendo realidades socioeconômicas distintas, há pobres e miseráveis morando em um mesmo ambiente. Ainda que no primeiro momento todos vivessem condições muito próximas, os processos históricos trataram de fomentar diferenciações, a chegada de contingentes de pessoas, posteriormente à negociação da permanência, é um deles.

3.5 MUDA-SE A GERAÇÃO, CONTINUA-SE COM A POBREZA

Como anunciou-se há pouco, o bairro já se encontra em sua terceira geração, alcançou-se em pouco mais de duas décadas o nascimento dos netos dos primeiros moradores. O número de filhos por família vem diminuindo, fato que não desperta grandes discordâncias de especialistas e órgãos estatais. O fato de gerações anteriores terem muitos filhos era usado para justificar o grau de pobreza. Outros diziam que eram por ser pobres que as famílias tinham muitos filhos. Entretanto, desperta-se aqui uma importante questão. Como explicar a pobreza ainda existente, já que o número de filhos vem diminuindo? A possibilidade explicativa parece apontar para a precocidade da gravidez. Durante a coleta de dados encontramos adolescentes de 15 (quinze) anos ou menos já gravidas, algumas de 17(dezessete) anos já na segunda gravidez.

Esse fato empírico apontou para onde devíamos olhar – dentro dos quintais e casas – facilitando assim o nosso melhor entendimento. A precocidade para essas adolescentes acarreta uma série de problemas, defasagem escolar nos últimos meses de gestação e nos primeiros de amamentação é um deles, mas muitas resolvem mesmo deixar de estudar após a gestação. Os pais desses bebês, na maioria também não passam de adolescentes, ainda na fase de cursar os anos escolares do ensino médio. O que faz muitos abandonarem a jovem gestante no processo de gestação e criação do filho, os que resolvem assumir a paternidade deixam de estudar e se lançam no mercado de trabalho de salário mínimo. Com isso, não há estrutura social e psicológica para a chegada do bebê, levando os avós a saírem em amparo de seus netos, fornecendo local pra morar, como dissemos anteriormente, bem como, ajudas financeiras.

Os novos arranjos familiares passaram a ter menos filhos, entretanto, em virtude do despreparo para essa situação, repassam parte ou a totalidade das responsabilidades no acolhimento do filho aos avós do mesmo, sendo assim, casais tem menos filhos, porém mais netos. Ao fim, fica evidenciado que o programa de planejamento familiar deveria servir de base, sobre onde se deve pensar todo o conjunto de políticas públicas, e não

funcionar como um apêndice dos programas de saúde na fase em que se encontra. Como se podem elaborar metas e projetos se não se sabe, acompanha, ou planeja o crescimento do público assistido por elas?

3.6 OUTROS ATORES EM CENA

Durante um período que o tráfico ainda não estava consolidado no bairro da Ilha Grande, outros atores estiveram liderando ações no bairro, conhecidos no eixo Rio de Janeiro - São Paulo como milícias, os grupos de policiais e ex-policiais que vendiam um serviço clandestino de segurança privada atuaram fortemente em dois momentos do bairro. No primeiro momento, um grupo liderado pelo policial conhecido como Mosca atuou por muitos anos no bairro, seu grupo é descrito como um de amizade com muitos dos moradores, contratados pelos comerciantes do bairro, eles buscavam ter laços de amizade na localidade e resolver os conflitos com outras ferramentas, além da violência muito usada.

Na época que o grupo dele atuava era uma era medieval aqui dentro, olho por olho e dente por dente. Via muito de parte, ele conhecia muita gente aqui, fazia esse papel que o tráfico faz, botava ordem na casa, chegava em um grupo e dava um direcionamento chegava em outro e dava uma ordem. Tinha um grupo fechado desses policiais que atuavam paralelo ao serviço da polícia, eles causaram muito impacto, chegaram amenizar muita coisa. (Marcos, 24 anos, técnico de informática)

O período em que Mosca agiu juntamente com seu irmão e demais policiais no bairro, foi um tempo de muitas controvérsias. A fala acima cita o uso dos diálogos como mecanismo de mediação utilizada, porém em outras ocasiões o que ocorria era execuções. Essas mortes fizeram emergir uma “lenda urbana” de que haviam pessoas que eram enterradas até a altura do pescoço recebendo em seguida disparos na cabeças. O fato é que os atos praticados por ele e seu grupo ainda hoje rendem ricas narrativas:

Oxe! Mosca uma vez pegou meu irmão e os amigos, eles estavam indo pra escola a noite, abordou eles e mandou eles tirarem a roupa, um ficou só de cueca o outro tava sem cueca e ficou foi nu mesmo, no meio da praça isso. Dizendo ele que estava fazendo revista, tava tendo muito assalto no bairro. (Deise, 29 anos, estudante)

Em rápida sequência, todos do bando de Mosca foram sendo mortos, ele próprio morreu em um bar do bairro, na ocasião ele ainda conseguiu matar um de seus executores.

Revoltado, um parente do rapaz morto pegou uma pedaço de concreto e utilizou para esmagar a cabeça de Mosca que já agonizava por conta do tiro que levou. Não tardou para que seu irmão fosse morto em um bairro vizinho.

Passados alguns anos, já em meados da primeira década dos anos 2000, um segundo grupo passou a atuar no bairro, esse grupo não desenvolveu muitos laços sociais com os moradores, os mesmos impuseram, por vezes com intimidação, que os moradores pagassem pelo serviço de segurança que eles realizavam, o valor variava entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00. Diferentemente do primeiro grupo esse grupo é descrito como composto por figuras violentas.

Existia um diacho de uma guarda ai que eram feitas por ex-policiais, não chegou a ser uma agressão não, na época morador que morava ai na época ele entreviu e evitou que eu fosse agredido, mas se não fosse isso ai. Olhe que situação, eu tava sentado com um colega na rua eles passaram com o carro e ai eu tava conversando com o colega no que eles passaram eu dei risada, eles ai deram ré no carro e voltaram, me revistaram não acharam nada, ai o cara que tava no carro falou ‘dê umas porradas nesse gaiato ai pra ele aprender a não rir quando vê a polícia’ ai na hora o vizinho que tava vendo tudo se meteu e não deixou.(...) Por essa mesma segurança informal o cara ia com o celular na mão e segurando o cachorro na outra, os seguranças mandou ele botar a mão na cabeça ai o cara ficou meio assim ou ele soltava o cachorro ou soltava o celular ai o cara seguiu atrás dele e disse ‘mandei você botar a mão na cabeça sua lá ela’. Ai o cara virou pra ele assim e disse ‘amigo boa noite! Você não ta vendo que eu estou com as duas mãos ocupadas como é que eu vou botar a mão na cabeça? Ai o cara arrastou um taco de baseball e deu uma paulada na cabeça. (ALEXANDRE, 27 anos, educador)

A existência desses dois grupos decorre do fato de no período de diversificação no mercado de drogas haver áreas desprovidas de domínio por algum grupo, a exemplo da praça central, área de tamanho fluxo que ninguém conseguia exercer domínio sobre a mesma. Por conta disso, foi também o período em que muitos comércios foram assaltados, segundo alguns dos entrevistados, o próprio Mosca mandava assaltar para que os comerciantes continuassem a requisitar seu serviço. O que ficou perceptível na fala dos entrevistados é que nesse período o bairro era perigoso, não tanto pelos casos de morte, mas pela possibilidade das trocas de tiro e dos assaltos, sendo assim, o bairro era visto como violento, visto que as ações delituosas não se limitavam ao “mundo do crime”, elas podiam se espalhar sobre as “pessoas de bem”.

Ao se tentar matar um rival em uma disputa para a eliminação de concorrência, poderia ocorrer trocas de tiro. Com isso, havia sempre um alerta, os bares terminavam sendo locais de grande risco, já que era comum ir a esses locais eliminar os rivais. Viviam

se em estado de alerta. É justamente desse período que pertence um dos termos mais carregados de sentido em termos de morte – chacina. A prática de matar uma série de indivíduos de uma única vez é a marca maior das disputas por espaço no mercado de drogas.

4 OS MARGINAIS EM MEIO AOS MARGINALIZADOS

Ao passo que se demonstrou anteriormente que o processo de marginalização sofrido por grandes contingentes de pessoas que se lançaram a ocupar terras públicas, fica latente a seguinte questão: como delinear um “mundo dos marginais” dentro do “mundo dos marginalizados”? Esta pergunta já serviu para a construção de densos e interessantes capítulos na obra de Zaluar (1994) e Feltran (2011). Não se pode aqui já apresentar uma resposta, mas sim apontar um modo de alcançá-la. As leituras desses mundos parecem forçar quem os tentar entender a realizar o mesmo movimento de quem tenta ler uma partida de futebol, ou seja, é mais do que entender o esquema tático de cada time e as regras; é preciso entender suas interações, interpretações das regras e características coletivas e individuais.

Falar de uma porção ínfima de pessoas que fizeram e fazem parte de um “mundo do crime” não se faz um exercício fácil. Afinal, em situações de estudo de caso, há um contexto específico ligado ao campo e que precisa ser considerado, é preciso salientar que as nítidas divisões sociais elaboradas no campo do intelecto dissolvem-se na empiria cotidiana, sendo assim não há como pensar esse “mundo do crime” como uma esfera social estanque das demais, onde apenas criminosos habitam, fazendo-se mais eficaz pensar a dimensão crime como um conjunto de práticas. Todavia, fica latente que, no imaginário social o bandido é o anti-trabalhador, ele figura como aquele que rompe com um elemento há muito sacralizado - o trabalho - haja vista que, ele o despreza, optando pelo “dinheiro fácil”, um pecado capital, pois conseguiria seu dinheiro sem derramar o santificado suor de sua face. A palavra “criminoso” é a representação do termo “trabalhador” escrita de trás pra frente, é o invertido, o criminoso se apresenta como o avesso. Por isso, a identidade do trabalhador é uma oposição aos bandidos e vagabundos (ZALUAR, 1994).

A carteira profissional, se tivesse assinada ótimo, se não tivesse a tábua comia [...] era a carteira profissional que valia, mais nada. Tinha que andar com a carteira no bolso. Se vinha de lá pra cá: “Cadê a carteira?”. Se tivesse dado a baixa, mostrava o contracheque do mês. Negócio de identidade naquele tempo, pra eles todo vagabundo tem identidade (Manoel, 46 anos, comerciante)

Para entendermos a força com que esse elemento sacralizado - trabalho - atua em nossa sociedade, temos que recorrer a Holston (2013), ao passo que ele demonstra o processo de criação da cidadania brasileira em torno desta categoria, expressando assim

que as “pessoas de bem” são os trabalhadores. Um dos elementos mais presentes nas matérias jornalísticas que cobriram a ocupação - descrita por eles como invasão – era a infiltração de traficantes e bandidos em meio aos “invasores”, esse fato era trazido no seio das manchetes por meio do medo que os vizinhos da área expressavam, apreensivos de que as taxas de criminalidade e violência aumentassem na região, o tráfico é também o aspecto da vida na favela mais enfatizado pelos meios de comunicação (ALVES; EVANSON, 2013). Neste sentido, torna-se importante ressaltar que, a mídia possui um papel marcante no que diz respeito à expressão, organização e controle do imaginário social (SCZPACENKOPF, 2003).

Os homens que ocuparam a região, para poderem transitar ali tinham que possuir em mãos a carteira profissional ou contracheque da empresa, uma forma de mostrar que eram trabalhadores, caso fossem pegos andando entre os barracos sem esse “passe”, seriam meticulosamente levados e interrogados pela polícia, fato já mencionado. Sendo assim, vale lembrar o pensamento de Espinheira (2004) de que em toda agregação social existe violência.

O temor, carregado de determinismo, quanto à periferia ser o local de origem dos marginais que saem às ruas para cometerem crimes, regressando também para lá após cometê-los; acaba por encobrir um importante fato, em meio às práticas criminais, há uma série de criminosos que fizeram da periferia não apenas o local de se *entocar*, mas também das pessoas que ali residiam suas principais vítimas no espólio de pertences, dividendos e prazer. Afinal de contas, a grande massa de trabalhadores pobres se mostraram as vítimas mais acessíveis a certos tipos de crime, a exemplo de roubo à residência e assaltos na ida e regresso do seu local de trabalho, bem como demais atividades do cotidiano, como a ida ao médico que quase sempre se inicia ainda de madrugada.

Esse fato não é apresentado pela literatura sociológica de maior prestígio, há nela uma clara segmentação no trato do crime: na periferia se busca entender o tráfico e as mortes violentas; na classe média e alta os crimes do “colarinho branco”, assim como crimes com uso da força para obtenção de dividendos ou itens de grande valor. Essa configuração se faz presente na obra de Feltran (2011). Mesmo sendo uma das referências mais antiga, a obra de Zaluar (1994) ventila este fato, apesar de não adentrar o seu cerne à medida que discute a defesa de territórios.

Há um grande equívoco de se imaginar a periferia como o lugar em que ninguém roubou e nunca roubará, o que há é um certo princípio moral, como afirma um dos

entrevistados: “Rapaz, eles geralmente aqui eles consideravam, o negócio deles era fora. A maior parte da vagabundagem daqui sempre comandou lá fora, aqui sempre respeitou.” (Carlos, comerciante, 50 anos), em outro momento este mesmo entrevistado lembrou a ocasião em que quase teve seu estabelecimento roubado.

Não roubar os moradores ou mesmo defendê-los não é um elemento apriorístico na construção das periferias, Zaluar (1994) presenciou isso ao tentar remontar os conflitos armados ali dentro da Cidade de Deus. Antes de tudo, deve-se entender esse fato enquanto resultante de uma configuração específica e temporal. Há grandes bairros na capital baiana que, ainda que dominados pelo tráfico, sofrem com furtos e assaltos. Qual a motivação para que isso ocorra? Um grupamento de fatores causais que precisa aqui ser apresentado: 1- proximidade com outros bairros periféricos, sendo assim, os atos criminosos são feitos por pessoas de outros locais. 2- bairros cortados por grandes avenidas, gerando grande fluxo de veículo. 3- a estratificação social existente dentro da própria periferia, o que cria um abismo social até mesmo dentro de um pequeno bairro. 4- o período histórico, pois as pessoas nos bairros virem a serem ou não vítimas de roubo precisa ser analisado ao longo de ciclos históricos desde a sua criação. Sendo assim, não podemos olhar para o bairro escolhido para o trabalho de campo e atribuir a ele o determinismo: aqui não há roubo! Antes de tudo, será preciso levar em consideração os pontos estabelecidos acima.

O bairro da Ilha Grande apresenta certo isolamento geográfico, sendo assim somente em uma das suas margens ocorre encontro com outro bairro periférico. Não há, até o presente momento, nesta localidade grandes avenidas cortando seu território, o que delimita o fluxo de pessoas quase que exclusivamente ao conjunto de moradores. Ao longo das suas décadas de existência, o bairro experimentou diferentes configurações entre bandidos e trabalhadores, sendo assim, existem alternâncias nas falas dos moradores quanto à segurança que experimentaram morando ali.

A coexistência em um mesmo espaço entre trabalhadores marginalizados e os marginais – os criminosos - ocorre mediante estados de configuração que variam desde uma dada cumplicidade, alcançando até mesmo o reconhecimento do outro como mero objeto de alcance de seus desejos e necessidades, as relações entre trabalhadores e bandidos são complexas e ambíguas (ZALUAR, 1994). É em meio a essas configurações que se encontram as tipologias do “bom bandido” e de seu extremo opositor – o estuprador – alcançando ao fim a imagem do “dono do bairro” (o chefe do tráfico),

atingindo assim o entendimento de como se posiciona essas figuras nas relações sociais cotidianas. É preciso salientar que, a forma como um texto é escrito – uma linha após a outra – conduz comumente a uma leitura e análise linear, mas há de se reconhecer que essa linearidade é operada no campo da reflexividade, pois diante das práticas cotidianas não se observa tal geometria dos fatos. Ao contrário, as práticas são, por vezes, entrelaçadas e curvilíneas.

As duas categorias que já mencionamos – trabalhadores e marginais– representam o que há de mais categórico na sociedade, o certo e o errado. Tratar dessas balizadoras da conduta social que, como já foi demonstrado, ao mesmo passo que se antagonizam, promovem também aproximações e infiltrações entre si, torna-se um caminhar analítico de grandes armadilhas. Com isso, apresenta-se como alternativa mais eficaz aprumar o olhar pelo caminho do meio, a informalidade e a ilegalidade que costuram esses dois “mundos”, ao passo que elas mesmas adentram em ambos, pois é por meio delas que se estrutura muito do cotidiano vivenciado.

4.1 O “BOM BANDIDO” E AS QUADRILHAS

A figura do “bom bandido” pertence ao cenário urbano de Salvador, em especial às décadas de 80 e 90, é o momento em que muitos dos filhos dos que migraram do interior atingiram a maturidade, eis o caso de Deco:

Eu mesmo considero ele quase um filho, foi criado aqui, os tios deles eram amigão meu, trabalhamos juntos muitos anos, viajamos muito [...] o pai dele chamava João morreu de cachaça. Ai nós via ele nesse meio ai pra cima e pra baixo. A gente jogando dominó ele vinha e perturbava, pegava uma pedra de dominó e sai correndo... Crescia já naquela atitude de gente já danada. (Pedro, 52 anos, carpinteiro).

A citação acima carece de múltiplos momentos de análise, pois se trata de uma referência quanto a uma das figuras históricas do crime no bairro. Ao mesmo passo que nosso interlocutor fala de sua estima por esta figura, ocorre também todo o seu julgamento quanto à carreira moral² do mesmo. Mas ainda não há o anunciar do momento de iniciação propriamente no crime, fato só revelado em outro trecho da entrevista: “Ai o moleque

² Trata-se de um conceito central da obra de Evinger Goffman

queria mandar, ele também queria, ai começou! Ele foi se revoltando, ai quando mataram um amigo dele ai pronto, ele cabou de se revoltar.” (Pedro, 52 anos, carpinteiro). O bandido “formado” teria o princípio moral de respeitar e defender o morador (Zaluar, 1994), ainda segundo a autora, recai sobre ele uma representação positiva, uma espécie de vingador do povo. Deco vingou a morte desse seu amigo, dando início a seu protagonismo, “A partir dali e de lá pra cá que começou a vida dele: os homi caçando ele, e ele caçando os homens” (Cláudio, 47, pedreiro). Rapidamente sua fama de protetor se espalhou:

Quem era doido de panhar uma roupa? Porque roupa não ficava, você não podia estender uma roupa e dormir não. No outro dia num ficava nada, até os varal eles levavam. Mas se ele desse a ordem: pode deixar comigo. Quem era doido de vim mais? Com um ou dois dias você ouvia a notícia, olha na desova lá embaixo tem uma fila lá tudo amarrado. (Maria, 47anos, dona de casa).

O protagonismo de Deco no mundo do crime o levou a uma trajetória que ao longo do tempo se fundiu com uma dada mística, o que torna difícil mensurar seus reais atos neste bairro. Com isso, houve a necessidade de buscar múltiplas fontes informativas, por meio delas alcançou-se um conjunto de fatos, a relação de proteção feita por alguns moradores a Deco é algo que se faz presente: “pegava a arma e enchia, duas ou três armas, enchia ali na presença, ali. Quando os homi vinha ai: ‘num sei quem é não!’, eles diziam ‘passou aqui agora’, eu dizia ‘passou um bucado de gente’, ai pronto.” (Pedro, 52 anos, carpinteiro). Qual a motivação desta proteção? Resulta apenas do processo de convívio na infância?

Uma arma ou duas armas, botava uma na frente e outra atrás, todo doido, mas vinha de lá pra cá, pagava duas cervejas e ia embora, não ficava ali no meio abusando não. [...] Ele foi crescendo, crescendo, crescendo... Não guentava vê nada errado, se viesse uma gangue de lá pra cá querendo aprontar ai ele caia pra dentro. (Osório, 43 anos, aposentado por invalidez)

A sua capacidade de conviver com os moradores, ofertando aos mesmos uma relação desprovida de atrito, expressava-se em atos de singela cordialidade – botar duas cervejas na mesa. Por vezes o bandido é apenas mais um ali no meio, gente como qualquer outra (ZALUAR, 1994). O senso do agir correto, da dissolução do errado, aparece como a justificativa de muitos dos atos consumados:

Deco foi um menino novo que fez muita estripulia, inclusive matou um do lado de minha casa [...] Não sei te explicar a morte, ele só chegou e disse que ia matar o cara e matou. [...] uns dizem que o cara tava roubando na área, outros dizem que ele não topava com a cara do cara. (Cláudio, 47, pedreiro)

Sobre suas costas recaem um considerável número de mortes, o que faz emergir uma questão importante: o que pensam os moradores acerca das pessoas que morreram? Um dos entrevistados responde de modo muito simples e direto, destrinchando a questão como um cirurgião a um corpo. Segundo ele: “*Gente só do ruim, só do ruim. Gente boa não*”. (Osório, 43 anos, aposentado por invalidez).

O apogeu de Deco durou pouco, logo sua figura passou a ser latente no radar policial, em uma dada oportunidade ele veio a ser morto em um cerco policial que utilizou maciçamente a cavalaria na ação. Existem é claro outras versões para sua morte, cheias de místicas e do romantismos da ação, a mais interessante dá conta de que ele teria morrido ao ir impedir que um comércio do bairro fosse assaltado e que no momento de sua chegada ao local teria esbarrado com a polícia. Ao relatar ambas, deixa-se ao cabo do leitor por qual das linhas optará em inclinar seus olhos.

A partir do momento em que há o vazio da morte de Deco, outras figuras do mundo do crime passaram a atuar no bairro, muitas delas passaram a praticar roubos dentro do próprio bairro, criando situações que serão tratadas a baixo.

4.2 - O ALVO: QUANDO O OUTRO SE TORNA OBJETO

O enunciado desse subtítulo traz um dos cernes que expressão a relação entre os marginais e os marginalizados: o alvo. Nesse binômio intrincado, ambos os expoentes podem ser objetivados na forma de alvo: o bandido pode tornar o trabalhador - o pai de família - alvo de seu desejo por algum dinheiro e assaltá-lo. Com muita facilidade se encontra em meio às narrativas de trabalhadores casos de assaltos e seus respectivos julgamentos morais acerca de seus perpetradores. Ocorre também de o criminoso enxergar nos indivíduos do sexo feminino o alvo de seu prazer sexual:

Durante um dia de muito movimento no bar, Seu Nilson pede a sua esposa que desça e o auxilie, deixando no andar superior sua filha de cinco anos brincando. Em um dado momento, Macaco, um jovem ladrão que mora no bairro desde criança entra no bar correndo e avisa a Seu Nilson que viu alguém entrando em sua casa, ele então sobe a escada correndo e chegando na porta da sala ver seu vizinho Carlos tentando molestar sua filha, ao ser pego no ato Carlos pula a janela na tentativa de escapar, mas os demais moradores da rua que estavam

no bar já cientes do fato o persegue e o captura, Carlos então passa a ser linchado a golpes de socos e pauladas. Passado algum tempo, um grupo de policiais que atuavam ilegalmente na área chega ao local e assume a situação, passando a serem eles a executarem os golpes em Carlos. Conduzido à delegacia após o espancamento, Carlos não durou sequer uma noite, na manhã seguinte foi noticiada sua morte. Os moradores ainda com sede de vingança, invadiram sua casa e colocaram todos os pertences na frente da casa para quem quisesse pegar, recordo-me que muitas jacas que estavam na casa foram colocadas na calçada, vindo uma delas a serem levadas por algumas freiras. Posteriormente derrubaram as paredes da casa, o local ficou muitos anos abandonado. (Diário de Campo, Fevereiro de 2012).

Por sua vez, o trabalhador pode enxergar no indivíduo que está no “mundo do crime” o alvo de sua vendeta, passando a instrumentalizar sobre ele toda a frustração de ter sido outrora um alvo. Esse fato é corriqueiro, basta pensar no ato de linchamento, visto pelo Direito penal como um crime, mas nem de perto sendo visto por quem o comete como delituoso. A cena descrita aconteceu há poucos anos, Hoje a filha de Seu Nilson é uma adolescente e este evento parece ter sido sepultado juntamente com o acusado do ato. Os crimes violentos ocorreram em diferentes momentos da história do bairro, sem dúvidas, é um dos atos criminosos que despertam mais comoção. Com isso, estupradores são vistos como execráveis, sendo temidos e odiados, evitados e perseguidos. A figura do estuprador apresenta uma dada inércia histórica, suas formas de agir e o julgamento moral permanecem inalterados.

As famílias avaliam o equilíbrio entre o “mundo do crime” e o “mundo do trabalho” por meio de sua órbita social; está terminologia expressa os indivíduos que compõe a família, suas posses e sua rede social de parentes e amigos. Com isso, o que se observa é que, mediante a constatação de que os elementos que norteiam sua dimensão social não sofrem graves riscos de atos criminais – roubos, furtos, estupros – as famílias reconhecem a existência do crime, mas reconhece também um dado equilíbrio nessa relação, fato constatado na expressão “está uma calmaria”. Mas, havendo a percepção de risco eminente em sua órbita social, constata-se uma inversão, sendo assim, passa-se a entender que tudo pode ser afetado pelo crime. É como se de repente todo um equilíbrio estivesse sendo desfeito por um grave incêndio – “tá pegando fogo” – essa expressão, por tantas vezes ouvida em campo, aponta justamente para o que já foi dito, as famílias pensam sua segurança/paz tomando a si como núcleo e alastrando sua visão para os demais espaços/relações.

Muitos dos comércios que se iniciaram, ou mesmo os que se mantêm, pertencem a pessoas que não moram no bairro, isso fazia do comércio nesta periferia um alvo comum

de furtos e assaltos durante muitos anos. Os furtos eram comuns nos mercados maiores, a intensa circulação de pessoas em meio ao grande espaço possibilitava o ato, é importante frisar que esses furtos muitas das vezes eram feitos por adolescentes interessados em uma aventura e em alguma coisa saborosa para degustar.

Desde a minha adolescência, final dos anos 90 e início dos anos 2000, o que não faltava eram histórias de amigos que se deram bem, e outros tantos que se deram mal, praticando furto em mercado. Normalmente quando alguém era pego, virava motivo de risos entre os amigos, foi o caso de Guinho, vizinho de porta de um parente, ele foi pego junto com um amigo escondendo biscoito recheado dentro da bermuda. Na época o dono do mercado mandou os dois tirarem a camisa e os chinelos e irem para casa chamar os pais, somente assim devolveria, foi de fato o que ocorreu, sua irmã pagou pelo biscoito, sem ter direito a levá-lo, ainda naquela noite Guinho apanhou com tábua de caixote. No dia seguinte, Guinho era motivo de piada entre os amigos. Os mais “preparados” tinha melhor êxito, colegas de outros bairros tinham uma tática, eles cortavam as páginas do caderno escolar e escondiam barras de chocolate no seu interior. (Diário de campo, abril de 2011)

Havia quem tivesse mais habilidade no ato, fossem mais preparados. Entre os adolescente existia os que se orgulhavam de nunca terem sido pegos, mas nenhum se via como criminoso, ou era visto assim. Entretanto, os que foram pegos em reincidência ou mesmo os adultos pegos, eram alvos de castigo físico. Por muitas vezes, ouviu-se relatos de jovens que levaram “bolos nas mãos”, ou mesmo adultos que receberam socos e chutes ao serem pegos, os castigos nessas ocasiões eram aplicados pelos comerciantes ou empregados dos estabelecimentos.

Mais raros, mas também existentes, eram os assaltos. O temor maior dos comerciantes acontecia ocasionalmente, e gerava grande repercussão, pois havia o temor de que o comerciante assaltado fechasse o comércio. Onde nós vamos comprar? Era o que pensavam os moradores. Um dos assaltos nos é bem descrito por Sandro, um jovem universitário de 25 anos:

Lembro de um que ocorreu quando eu ainda era jovem, tipo adolescente. Foi assim, eu estava dentro de casa vendo televisão, ai sai no beco de casa e olhei para a rua de baixo, ai tinha dois caras, com roupas longas pra cobrir o corpo todo, eles estavam agachados olhando para o beco que sai na frente do mercado. Vi logo que eles iam meter no mercado. Eles cobriram o rosto e foram, naquele sou de meio dia, devia tá um forno. Eles renderam a dona do mercado, renderam os clientes, fizeram o irmão da barbearia deitar no chão, dele eu lembro que levaram cinquenta conto. Levaram todo o dinheiro do caixa, mas a parte engraçada foi que um deles resolveu pegar uma caixa e colocar várias coisas do mercado dentro. Ele altão, seco e carregando a caixa pesada e pensando que aguentava correr, hoje eu penso dando risada, mas no dia eu vi tudo escondido, teve uma hora que eles olharam em minha direção eu pensei que eles tinham me visto. Um deles todo mundo sabe quem foi, daquele tamanho e seco daquele jeito. Lembro que eles fugiram por uma rua que fica

perto do mercado, quase foram pegos por uns caras que faziam segurança no bairro. (Diário de Campo, Dezembro de 2012)

O grau de detalhes demonstra o quão presente são os atos criminosos na memória das pessoas. Conversar com os moradores deste lugar representa falar com pessoas que foram vítimas de seus vizinhos. Por isso, há o agravante de que buscar por uma resposta do Estado significa querer mexer na grande máquina burocrática ao passo que se expõe a possíveis represálias. Sendo assim, ser furtado ou roubado na periferia quase sempre vira uma cifra oculta, pois ou se resolve na ilegalidade ou “*entrega nas mãos de Deus*” (Maria, 47 anos, Dona de casa)

4.3 DRIBLANDO A ALÇA DE MIRA

Diante da possibilidade de ser alvo dos assaltos e furtos, os moradores desenvolvem práticas de segurança com o intuito de diminuir a possibilidade ser atingido por tais ações (PAES-MACHADO; RICCIO-OLIVEIRA). Com isso, reserva-se esta parte do texto para apresentar e analisar essas precauções adotadas pelos moradores nas suas práticas de promoção da segurança.

segurança não é uma propriedade social cumulativa que permite somar todos os meios desejáveis para lidar com os perigos e as ameaças. A busca de segurança também envolve subtrações resultantes de incompatibilidades de escolhas e compromissos não desejados, mas incontornáveis, que emolduram as atividades e as situações concretas de indivíduos e grupos (PAES-MACHADO; RICCIO-OLIVEIRA, 2009, p. 98)

Por morarem longe de seus locais de trabalho, muitos dos moradores precisavam – muitos ainda o fazem – saírem de casa no escuro da madrugada para chegar no horário nos seus empregos. Sendo assim, muitos eram expostos ao risco que a escuridão representa. Como burlar isso? A forma mais comum e, aparentemente, eficaz entre eles é andarem em grupos, sendo assim, uns esperavam os outros, grupos grandes se formavam para chegar ao ponto de ônibus, a ideia era que a superioridade numérica faria os ladrões – comumente atuantes sozinhos ou em duplas – sentirem-se inseguros em abordar um grupo grande.

Outra preocupação dos trabalhadores era como trazer o salário do mês pra casa, eis que surge o mais variado repertório, apresenta-se a seguir as mais incidentes. Uma das formas mais comum era trazer o dinheiro em parcela, trazia-se uma determinada quantia e depois a outra, assim, caso fosse assaltado não se perdia tudo. Outro modo era trazer o

dinheiro escondido dentro dos sapatos. A mais comum era trazer o dinheiro escondido nas peças íntimas, geralmente dentro de um saco plástico e amarrado.

Dona Mila contou um caso curioso, ela falou a respeito do dia em que seu marido – um operário da construção civil - perdeu todo o salário. Segundo Dona Mila, ele havia colocado a quantia dentro de um saco e escondido em sua cueca, mas ao chegar a sua casa deu por falta do dinheiro, entristecido e frustrado, resolveu pôr fogo em toda a roupa que usara naquele dia, ela afirma que esse ato dele se deve a sua crença que seu marido tinha. (Diário de Campo, Março de 2011).

Essas práticas de segurança foram desenvolvidas para a rua, sendo assim, tem-se que apresentar agora as que se constituíram para a proteção da casa. A preocupação dos moradores com suas casas iniciaram-se quando muitas moradias ainda eram apenas barracos de taipa. A partir do momento que os moradores se viram sem Deco - seu anti-herói protetor – a rotina dos moradores passou a ser mais difícil. Uma questão se apresentava na ordem das necessidades práticas: como proteger suas casas quando estiverem fora a trabalho ou em viagem?

A criatividade, aliada às condições reais e suas dificuldades, ofertou boas respostas. Como havia uma rede de favores intensa entre os moradores, era muito comum deixar um morador a quem se tinha maior intimidade, ou mesmo parente, encarregado de vigiar a casa – “passar um olho na casa”. O que se observa assim é uma ideia de vigilância comunitária, uma alto-defesa. Outra forma utilizada em associação com a mencionada anteriormente, é a tática de deixar uma lâmpada no interior da casa ligada, era comum também deixar também o rádio ou a TV ligada. A ideia era fazer com que possíveis arrombadores pensassem haver alguém em casa. Essa estratégia era comumente usada nos períodos de grandes feriados, quando os moradores aproveitavam para visitar seus familiares no interior.

A principal preocupação dos moradores era fazer com que sua casa não fosse chamativa. Como fazer isso? Há de se surpreender aqueles que poderem entrar nas casas na periferia, pois muitas apresentam um descompasso entre sua parte exterior e seu interior. Isso não ocorre por acaso, há uma racionalidade por trás disso, diante das limitações orçamentárias, os moradores dão prioridade nas comodidades e confortos internos de suas casas. Com isso, o acabamento e ornamentação das casas do lado de fora, ficam em segundo plano ou mesmo sem pretensões.

Ha ideia é também que uma casa inacabada ou feia por fora se torna menos chamativa; pensando assim, muitos moradores têm um extremo cuidado com o acabamento interno de suas casas, paredes revestidas de cerâmica destoam das paredes cruas em tijolos do lado de fora. Ao desconhecer o interior da casa, os ladrões teriam que julgar a mais atrativa por meio de sua aparência externa. Mas essa prática de segurança tem suas limitações, pois se o ladrão for alguém que conhece as práticas e posses da família, a estratégia perde sua eficiência.

Soma-se a isso, a criação de cachorros, muitas casas criavam e criam cachorros, o intuito não necessariamente que o animal atacasse e dominasse o invasor, mas sim que por meio do latido fizesse bastante barulho, dificultando assim a ação do invasor, uma frase ouvida é a de que “cachorro avisa”.

Na virada dos anos 2000, os moradores passaram a investir mais intensamente na construção de muros e instalação de grades. Esse fato tinha uma dupla intencionalidade - a entrada e a saída. Os muros e grades dificultavam a entrada de criminosos, tornando mais trabalhoso um furto ou assalto. Havia também o desejo de dificultar a saída de seus filhos pra rua. As cercas, as grades e os muros são importantes mecanismos pedagógicos, pois ajudam os pais a afastarem seus filhos dos perigos que a rua representaria.

4.4 OS ROLOS

O rolo nada mais significa do que uma gíria para falar de transações, outra palavra pra um acerto, o termo usado para designar as práticas comerciais que ocorrem entre trabalhadores, ou mesmo entre trabalhadores e criminosos. Essas trocas são feitas mediante o pagamento em dinheiro por uma dada mercadoria, mas pode ocorrer por meio da troca uma mercadoria por outra, ou mesmo, de um serviço por outro. Tratem os a seguir de demonstrar exemplos de cada uma dessas transações. *O rolo* entre trabalhadores é muito comum, demonstrando que a informalidade é algo que em muito os interessa, mas há também uma dimensão ilegal que trataremos posteriormente. Diante do fato de que os trabalhadores cada vez mais estão motorizados, os *rolos* com motos são muito comum, eis um deles:

Xará, como é conhecido, é mais um jovem trabalhador da construção civil. Ele gosta de desfilas pelas ladeiras com sua moto envenenada, levando de um lado para o outro sua namorada, ou mesmo buscando sua mãe na escola, já que a mesma estuda a noite. Entretanto, ele nos conta que não está contente com sua moto, ele irá fazer um *rolo*, com seu amigo. Xará vai dar sua moto, mais a quantia de R\$ 500,00, e assumir as prestações do financiamento da moto mais

potente do amigo, em troca dará sua moto menos possante. (Diário de Campo, Março de 2013).

Essa transação é permeada de “enrolações”, ou seja, de situações complicadas, vide exemplo, assumirem parcelas em atraso junto a um banco. Há também outra modalidade *rolo* corriqueira entre trabalhadores – *o gato-net*. Essa talvez seja uma das mais aparentes, pois há o resquício explícito da mesma, as antenas nos altos das casas. O *gato-net* é o nome dado ao serviço e usufruto dos sinais de TV a cabo, sem que se pague as faturas mensais:

Percorrendo as ruas do bairro um fato chama a atenção, o grande número de casas com antenas de recepção de TVs por assinatura, algumas com até duas antenas, apesar de ter se tornado algo mais acessível, esse tipo de serviço ainda é item de certo luxo. Com tal inquietação na mente, parti em busca da resposta, não demora e um familiar me explica o que está ocorrendo, rolo. Com um vídeo cassete adaptado com uma placa eletrônica e uma antena de TV por assinatura desativada, chamada de ‘rabo de porco’, um técnico de eletrônica consegue captar o sinal de uma das operadoras de TV por assinatura, cobrando R\$ 400,00 pelo serviço. Dias após, visito uma tia, é momento de mais o grande almoço em família. Nessa ocasião sou indagado por um parente o motivo de eu ainda está pagando assinatura. Com grande desenvoltura, ele fala que sua TV de 32” exibe todos os canais desbloqueados e ele pode optar entre três operadoras de TV para ver seus jogos de futebol, esse serviço lhe custou R\$ 900,00, mas tratou de parcelar sem juros. (Diário de campo, Julho de 2012)

Seriam eles criminosos? Do âmbito do direito penal sim, mas diante da complexidade sociológica carece aqui ser feita o devido tratamento. Como já fora dito antes, um ato não possui em si qualidades de desvio (BECKER, 2009), seu ato é analisado pelos outros, vindo assim ser enquadrado ou não como desviante. Neste caso mencionado acima não há o reconhecimento de desviante, o que se constata é uma emblemática terminologia nativa – *tirar vantagem* – o trabalhador terceirizado, e conseqüentemente, ganhando muito mal, vê no *gato-net* um ganho extra de sua renda, por sua vez, quem adquire o serviço sente-se tranquilo com o ato, pois ele apenas quer ver os jogos de seu time, que não passam na TV aberta. Ambos compartilham de uma mesma ideia, estão apenas tirando uma vantagem de quem muito já tem, neste caso, das operadoras de TV a cabo.

Outra modalidade do *rolo* se dá justamente entre trabalhadores e bandidos, nessa o que há de mais intenso é a comercialização de eletrônicos. Nas periferias há um grande fluxo de comercialização de aparelhos celulares, muitos querem os aparelhos mais

modernos, mas nem todos querem pagar os altos custos dessa regalia. Como se diz no crime: “pode-se ter um celular encomendado”. Essa expressão é uma síntese de como se dá muitos dos assaltos e furtos na cidade – por encomenda. É possível dizer o modelo e cor que deseja, depois de poucos dias se tem o aparelho desejado, mas quem compra nunca pergunta a origem. Mas boa parte do comércio de aparelhos não se dá assim, o que ocorre é alguém aparecer em sua frente com um aparelho novo, lhe contando alguma história do motivo que o está levando a se desfazer daquele bem. É bem verdade que, vender pertences próprios é um modo de *fazer uma grana rápido*.

Muitos dos que oferecem esses aparelhos já estão há muito tempo rotulados de ladrão e se sabe que muito provavelmente aquilo veio de alguém que foi roubado. Mesmo as pessoas que compram, tem um olhar extremamente depreciador sobre quem lhe oferece essa vantagem, termos para definir estas pessoas sobram aos montes, “safado” e “descarado” são os mais comuns:

Hoje acabo de ser visitado por outro amigo acadêmico, Carlos, ele mora no meu campo de pesquisa, sendo assim, é duplamente bom estar em sua presença, para além dos altos papos intelectualizados, há também minha dimensão de pesquisador, constantemente ligada. Em dado momento da conversa ele passa a me relatar, com todo o seu julgamento moral, de como agem alguns dos “descarados” que ele conhece, rapidamente tomei uma folha na mão e escrevi sua fala: “pivete, eles chegam com uma conversa mole, você vai na usura e compra pensando ser esperto. Já fiz isso, mas hoje num faço, num dou mais espaço.” Ele fala hoje pensar na procedência do que está sendo oferecido. (Diário de Campo, Dezembro de 2013).

Na ordem do discurso de Carlos há um claro divisor, o ofertante é um criminoso, mas quem compra para si está apenas sendo *esperto*. Essa relação incriminadora assimétrica, onde quem rouba é criminoso, mas quem compra é apenas alguém querendo se dar bem, denota a complexidade existente em torno da rotulação social.

Ser *esperto* em algumas ocasiões apresenta elementos de um interessante jogo social, onde há sempre uma tentativa de tirar um pouco mais de vantagem:

Estávamos na varanda conversando, deitado na rede pude ver a chegada de José, conhecido *das antigas*, estudamos juntos durante muitos anos. Sua visita tem um interesse, ele deseja que meu parente Davi examine algo para ele, em suas mãos está algo prateado, não muito maior que uma carteira. Davi pergunta a José onde ele achou aquilo, rindo alto José responde que Dog – um conhecido *pivete* da área – lhe abordou oferecendo aquilo. Examinada a peça eis a constatação, tratar-se de um HD externo, Davi afirma que pela capacidade de armazenamento, marca e tamanho, um novo não custaria menos que R\$ 350,00. José, pega a peça e sai. Dias após o fato, em visita a outro entrevistado, consigo encontra-lo, ele conta que disse a Dog que a peça era velha e que já

estaria em desuso, diante disso, Dog teria lhe pedido R\$ 40,00, relutante, José paga apenas R\$ 20,00 – negócio fechado! José faz sua análise do fato, afirmando que Dog é um ladrão burro, que nem sabia o que tinha roubado. José é um trabalhador – *correria pura* – faz todo tipo de serviço pesado. Como posso lhe conferir o mesmo rótulo de criminoso que atribuímos a Dog? Afinal, ele apenas enrolou um ladrão. (Diário de Campo, Março de 2012).

Ter adquirido um produto resultante de roubo, não parece ser elemento suficiente para que a rotulação de criminoso seja feita com eficiência. Pelo contrário, a posição assumida por José é a de trabalhador, mesmo Davi deixando claro que não compraria, ele não muda sua visão sobre José, segue ele sendo um sujeito do “bem”.

A difícil mensuração dessa relação salta os olhos de qualquer pesquisador quando ele visita uma das feiras mais conhecidas de Salvador – a tradicional Feira do Rolo. Esta feira ocorre aos domingos na região conhecida como Baixa do fiscal, a sua localização específica é ainda mais emblemática, ao lado da Delegacia de Furtos e Roubos. O que ocorre naquela feira é de conhecimento de todos: a procedência duvidosa das mercadorias ali vendidas, algumas quebradas ou com mau funcionamento, outras apenas roubadas.

Quando se apresenta o histórico do mundo do crime e se coloca as figurações de interação existentes entre o “mundo do trabalho” e o “mundo do crime”, tornam-se inteligíveis os movimentos de oposição e aproximação, existentes na sobreposição social chamada cotidiano.

5 A MOTIVAÇÃO: MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS

Ao questionar-se sobre qual a motivação para um indivíduo adentrar para o tráfico, facilmente irá se defrontar com o imediatismo do senso comum, eis que esse exclama: ‘Querem vida boa!’, mas ao resumirmos a motivação dos indivíduos a um conjunto causal unitário, simultaneamente, estará se resumindo as possibilidades de se pensar o incontornável debate sobre o fenômeno do tráfico de drogas. Segundo Rodriguez (2013) entrada cada vez mais precoce de crianças no tráfico é vista como a fonte de ameaça na sociedade, projetando medos e tensões cotidianas.

É preciso refletir acerca dessa notória explicação, bem como ao erro que ela induz, pois é mesmo possível explicar trajetórias de vidas diversas, que em determinado momento encontram com o tráfico, vindo a desempenharem funções distintas, terem como real explicação um único fator? Essa pergunta foi exaustivamente discutida por autores mais recentemente. (LYRA, 2013; RODRIGUEZ, 2013)

Na estrutura do tráfico há *cabeças* e *laranjas*, essas duas terminologias definem não apenas a localização dos indivíduos na pirâmide da estrutura, vai muito além. Representa os valores que recobrem a identidade desses indivíduos dentro do grupo e perante o resto dos moradores do bairro da Ilha Grande. Apesar de a vida no tráfico oferecer poder e glamour, representando uma autovalorização (RODRIGUEZ, 2013), essa relação não é simétrica.

Cabeças e *laranjas* representam os polos extremos da mesma coisa. O primeiro travestido de autoridade, o segundo representando aquilo que pensa ser, mas não é. Apesar de ambos estarem presentes no comércio de drogas, dentro da estrutura e fora dela seu reconhecimento social é distinto.

Os *cabeças* são um grupo seletivo de indivíduos que ocupam os cargos mais altos do mercado de drogas, são vistos como os patrões. Por sua vez, *laranja* é a terminologia de caráter negativo usada para se referir aos indivíduos que ocupam os cargos da base do mercado de drogas, essa terminologia também expressa que esses indivíduos da base pensam-se como figuras muito maiores do que são, além de serem vistos como extremamente descartáveis, e por isso mesmo servem comumente como aqueles a serem culpabilizados e mortos. Contudo, “prevalece a ideia de que seria melhor viver pouco,

com muito, do que viver muito com pouco” (RODRIGUEZ, 2013, p. 48). É preciso entender justamente como indivíduos que provam nas suas relações diárias tamanha distinção, podem ser enquadrados sobre a ótica de uma mesma e primária explicação.

Busca-se aqui desmistificar esse simplismo causal no que se refere à motivação dos indivíduos em participarem do tráfico. Sendo assim, analisar a história de vida de jovens como Jonas é uma premissa necessária nessa pesquisa, possibilitando que se alcance dados novos sobre essa temática.

Jonas nasceu em uma família de cinco irmãos, sendo um dos mais novos, ainda muito jovem perdeu a mãe que morreu por problemas de saúde. Logo após a morte da mãe, o pai de Jonas que era pescador, disse aos filhos que iria viajar para o interior, mas que logo voltaria, nunca mais retornou.

Desse modo, Jonas e seus irmãos foram sendo criados nas casas de familiares e conhecidos, a irmã de Jonas uma das mais velhas entre os irmãos logo que ficou adulta veio a se tornar cobradora de van, em seguida a mesma passou a se relacionar com um jovem que era traficante, fato que a mesma não conhecia ou ignorava. Após algum tempo, esse jovem veio a matar uma pessoa, coisa que a irmã de Jonas somente ficou sabendo depois, por receio de ser entregue o então namorado decidiu matar a irmã de Jonas.

Na ocasião, ele cortou a língua e colocou o útero da moça para o lado de fora, deixando seu corpo em uma área de matagal próxima, o corpo da Irmã de Jonas veio a ser encontrado dias após já em estado avançado de decomposição, esse fato marcou Jonas de tal forma que ele começou a falar que quando ficasse adulto iria vingar a morte da irmã. Alguns anos depois Jonas sofreu outra perda, dessa vez seu irmão que virou dependente químico, morreu por conta de dívidas na boca de fumo.

Essas mortes marcaram Jonas, quando o mesmo ainda era apenas mais um jovem negro do bairro começou a cumprir suas promessas, ingressou no tráfico e realizou seu antigo desejo, matou o assassino de sua irmã e por tabela o irmão do assassino. Posteriormente, veio a se tornar dono de boca. A trajetória de Jonas é marcada por revolta e tragédias, o tráfico representou não apenas possibilidade financeira, mas também um poder de realizar sua vingança.

Há também outros atores que entraram para o tráfico motivados por questões financeiras e familiares: “Família pobre, nunca teve muitas oportunidades, nunca teve

muita vocação pra estudar, nunca gostou de estudar e encontrou no tráfico um modo de ajudar a família, possibilitar a família o que nunca teve.” (Marcos, 24 anos).

Durante a busca para se compreender quais foram as motivações, o que se descobriu foi um conjunto de variáveis. Nas falas dos entrevistados apareciam uma pluralidade de causas, que variavam dos “clássicos já conhecidos: revolta e pobreza, alcançando alguns outros de menor frequência, a exemplo do jovem Carlos, que teria sua entrada no tráfico relacionada à sua infância, período em que sofreu com as “brincadeiras” dos amigos, o que hoje se conhece como *bullying*.

Cansado de ser tratado assim, Carlos adentrou o tráfico para que fosse tratado com o devido respeito pelos amigos. Essa ao menos foi a motivação dada por quem o conheceu de perto. A figura do traficante neste contexto social é revestido de masculinidade (CECCHETTO, 2004), esta masculinidade é o que todo jovem busca, uma forma de se afirmar enquanto homem. Para muitos o tráfico representa também a oportunidade de se relacionar com muitas mulheres, o tráfico representa uma masculinidade pelo viés da virilidade (RODRIGUEZ, 2013). Percebe-se então que torna-se homem é mais que uma questão biológica ou psicológica, há uma terceira vertente necessária, adquirida no meio social (LYRA, 2013).

Essas duas trajetórias partem desejos distintos: busca pela vingança e busca pela *consideração*. A convergência desses dois jovens para o tráfico demonstra como o mercado de drogas apresenta-se também como o mercado das realizações, capaz de atender demandas – ainda que transmutando-as – que socialmente custam caro, vide exemplo a busca por justiça, convertida no tráfico em capacidade de realizar vingança.

Vale ressaltar que, sendo a base do tráfico a parte com maior capacidade de absorção, é nela que a grande maioria dos jovens é alocada. Poucos fizeram o caminho diferente, entrando já na cúpula. Durante a pesquisa apenas um exemplo foi encontrado, mesmo os atuais cabeças começaram quase todos na base do tráfico, tendo que mostrar sua disposição para serem reconhecidos, tanto para entrar como para progredir na estrutura. O tráfico nesse sentido faz sua própria filtragem, bem verdade ao custo de muito sangue.

A ideia de progredir no tráfico é algo que muitos pensam, mas poucos conseguem, muitos dos *laranjas* jamais conseguiram sair dessa condição. Mesmo que muitos

ênfatizem ter disposição para encarar as mais tensas situações e demonstrar suas habilidades na hora de trocar tiros, existem outras habilidades que são necessárias, além de outros elementos como a própria ideia de sorte que muitos deles atribuem ao fato de ainda estarem vivos.

5.1 MOSTRANDO DISPOSIÇÃO

Com o passar do tempo, o tráfico experimentou o mesmo efeito que permeia o cotidiano da sociedade brasileira - a precocidade. Com isso, passou a ser cada vez mais comum observar não mais que meros adolescentes, com idades entre 13 a 16 anos ansiando por uma oportunidade de mostrar seu valor perante algum *cabeça* do tráfico. As entrevistas têm exemplos de como essa precocidade tem ocorrido: “Professor, a cena que mais chocou foi ver um menino de quatorze anos matando, isso me chocou. Professor eu nunca tinha visto aquilo.” (Fernando, 19 anos, estudante)

A precocidade de muitos dos membros que compõem o mercado varejista na periferia é dos elementos que o distingue do mesmo comércio na classe média. Enquanto que na classe média percebe-se a maioria dos operadores na faixa etária jovem, na periferia a maioria ocupa a faixa da adolescência.

Outro fato que diferencia o tráfico realizado nas periferias daquele que ocorre na classe média é a fama. Enquanto que na classe média há um empenho pelo anonimato (GRILLO, 2008), onde se mensura sempre a venda ou não a um cliente novo. No tráfico de periferia as coisas se configuram em sentido oposto, é preciso ganhar fama. Com isso, revisita-se o que já fora dito no início desta pesquisa, o tráfico na periferia é a parte débil do “mundo das drogas”.

Essa afirmação é respalda no fato de que diferente do tráfico baseado em uma rede de contatos, o tráfico que necessita de um território, carece que os mandatários sejam conhecidos, respeitados e temidos. A conjunção dessas variáveis não é fácil e ao mesmo tempo ambivalente, pois à medida que se consegue realizar essas três potências, fica-se exposto, o anonimato enquanto importante mecanismo de defesa deixa de existir. Sendo assim, ser comerciante de drogas na periferia não fornece o *status* necessário para que se

consiga toda a trilogia de pressupostos estabelecidas acima. É preciso incorporar uma identidade social complementar – matador. Para eles seu território ser visto sob a ótica de uma constante ameaça (LYRA, 2013).

Matar não aparece como uma mero saciar dos desejos mórbidos desses “degenerados”, é algo bem mais complexo. Matar aparece antes como a forma mais eficaz de mostrar seu valor e determinação, o ato de extinguir a vida de outro torna-se um rito de passagem para muitos, uma forma de ser aceito em uma quadrilha de tráfico. A morte de Mancha foi um claro exemplo disso.

Mancha já era uma figura que apesar de jovem, a pouco tempo tinha completado a maior idade, via sua fama crescer muito rapidamente. Ele havia *rodado* há um tempo praticando sua especialidade, assalto a mão armada. Suas temporadas nas cadeias não foram tranquilas, lá dentro ele havia se desentendido com figuras do bairro que também cumpriam pena. Já em liberdade, Mancha retornou ao bairro, iniciando um pequeno negócio de drogas, estava vendendo junto com um parceiro. Segundo informações, Mancha não estava respeitando as áreas dos outros, isso despertou o descontentamento de quadrilhas estabelecidas já há algum tempo.

A situação estava dada, Mancha precisava morrer, essa necessidade resolutiva abriu espaço para que outras questões também fossem efetivadas. Diante da decisão de matar Mancha, um chefe de quadrilha do tráfico convocou os adolescentes que andavam desejando mostrar seu valor e integrar seu grupo e lhes disse: “querem mostrar disposição? Vão lá e matem o cara!”. O significado disto é que a disposição para matar aparece como sinal de coragem, ainda que para os demais moradores seja algo covarde, logo, negativo (ZALUAR, 1994).

Os adolescentes pegaram as armas e subiram em direção à região em que Mancha morava, nas proximidades da rua se dividiram em dois grupos, um contornou a rua para surpreendê-lo por trás. Ao avistar o grupo, Mancha e seu parceiro passaram a correr, manchar correu pra rua, já seu parceiro correu para um canal de esgoto.

O parceiro de Mancha teve mais sorte e conseguiu fugir, mas ele não obteve a mesma sorte, Mancha sacou o revólver calibre 38 que trazia na cintura e chegou a fazer alguns disparos, mas não conseguiu fazer frente ao poder de fogo de seus algozes, tombando com vários disparos já perto de sua casa. Estava provada a disposição.

Em período de tráfico fragmentado e de suas disputas resultantes, Jonas e outros fizeram carreira mostrando disposição como nos narra sua prima Gabriela: “Se você matar fulano, você vai crescer vai ter média, ai ele mata, se você matar fulano que ninguém consegue matar você vai ser considerado, ele foi e matou e se tornou o cara”. Certa vez, querendo tomar uma boca de fumo ele tentou matar o atual líder do tráfico do bairro, mas não conseguiu, vindo ele a se tornar o alvo.

Ele tava em casa e o telefone dele tocou ‘Jonas você pode subir aqui?’ ele ‘qual é cara o quê que tá pegando?’, ai disseram a ele ‘suba aqui que tem um negócio pra você’. Quando ele chegou, um cara veio por traz e deu um tiro, foi quando o tiro pegou perto dos olhos, foi pro HGE com identidade falsa, ficou lá uns dois meses, fez uma cirurgia, foi bem sucedida, não teve nada, ai quando saiu do HGE ficou no bairro por um tempo. (Gabriela, 29 anos, dona de casa)

A história de Jonas tempos depois toma outro rumo, em outro bairro ele começou a atuar no interior, aonde veio a se tornar também dono de boca de fumo com grande estrutura. Tempos depois, Jonas veio a ser abatido em confronto com a polícia.

5.2 A OPORTUNIDADE, O CONVITE E A PARTIDA: ENTRANDO E SAINDO DO TRÁFICO

O tráfico é exaltado como um caminho sem volta, mas até que ponto isso se faz verídico? Essa é somente uma das inquietações que necessitam ser respondidas. Outra questão importante é pensar: Como se faz para entrar nesse ramo? Onde se está entrando?

Eu parto do princípio de que o jovem trabalhador do tráfico de drogas não entra no mundo do crime: ele entra no mundo do trabalho. Esse mundo do trabalho é fora da lei, mas é o mundo do trabalho. (FEFFERMANN, 2008, p. 3).

Segundo pensamento da autora, pensar no tráfico como um mercado empregador é a maneira adequada de entender como os adolescentes e jovens enxergam o tráfico:

A oportunidade mais tentadora foi quando meu pai faleceu, minha família tava passando necessidade, tava andando na rua normalmente parei pra conversar com um amigo de infância que hoje, infelizmente, é falecido. E ai contei a ele

que tava passando necessidade ele disse que podia me ajudar, achei até que ele fosse me dá alguma quantia em dinheiro, fazer uma compra e me dá e tal, ele me ofereceu uma vaga pra trabalhar no tráfico, mostrou um trinta e oito e um celular. Perguntou se eu estava disposto a trabalhar. (Alexandre 27 anos, técnico de informática)

Logo após a morte de seu pai, o jovem Alexandre não passava de um adolescente passando por sérias dificuldades, mas por temer pela vida e por não acreditar que fosse esse o futuro que seu pai escolheria para ele, não aceitou o convite do amigo para entrar para o tráfico. Desde os tempos do tráfico diversificado até o atual momento de um monopólio, a entrada de jovens no tráfico é quase que o mesmo, mostrando disposição de ingressar após o convite de algum amigo. Amigos que já possuem envolvimento ensinam o funcionamento do tráfico, fato que gera ainda mais curiosidade em alguns jovens (RODRIGUEZ, 2013).

O ingresso no tráfico requer um prévio capital social – ser amigo de alguém. Há outro laço ainda mais forte e também usual no tráfico e muito mais íntimo, trata-se do parentesco. Já que o tráfico, enquanto atividade ilegal e sobre constante alça de mira da polícia, requer fortes relações de confiança entre seus membros nada melhor que amigos e parentes. Esse padrão de conduta já havia sido encontrado e descrito por Bourgois (2010). Eis uma exemplificação:

O senhor sabe que sou eu que controlo daqui até o alto da paciência? Eu num me envolvo em nada, não cheiro, não fumo. Só estou tomando conta enquanto meu irmão não chega, ele só tem mais uma audiência. Ele está respondendo por aquela chacina lembra? Mas eu quero me sair disso, o senhor sabe, eu trabalho (em uma grande construtora), vendo lanche no fim de semana (Lino, 22 anos, estudante)

O jovem Lino não se reconhece como traficante, já que seu irmão não lhe pediu que para cuidar da venda das drogas, mas que realizasse um papel diferente, mais especificamente, o controle social da área, isso significa, dentre outras coisas, resolver problemas e mediar conflitos entre moradores, principalmente entre outros jovens. A conversa prossegue: “Todo dia em tenho que ir... (bairro fronteiroço) levar dinheiro, todo dia o dono do bairro me liga ‘olha toma conta ai até eu sair’, sacou?”. Ele conta um fato da escola em que estuda e que o tem preocupado no momento: “A diretora quer me

transferir pra tarde pra eu tomar conta dos meninos, ela sabe que comigo aqui num tem problema”.

Tem mãe que vai pedir pra botar o filho pra vender na boca, pra conseguir algo pra comer, pra pagar as contas. Então eu vejo o crime aqui hoje como uma válvula de escape, pra você trabalhar, porra dinheiro rápido e fácil. (Marcos 24 anos, universitário)

A fala acima choca, pois vai de encontro com muito do que se pensa sobre o tráfico, ela aparenta estar muito mais pedindo um emprego do que propriamente levando seu filho ao mundo do crime, há de se ressaltar que diante do monopólio, haveria menos riscos, a exemplo da ausência de troca de tiros entre grupos de ruas e áreas rivais. Contudo, ainda é preciso entender: o que motiva a busca dessas pessoas pelo tráfico?

O jovem André, menino negro de traços largos - cresceu como todo menino – queria desde a infância ser reconhecido como homem. Sua cara invocada muitas vezes contrastava com seu jeito inocente, muitas vezes os amigos faziam disso motivo de gozação. Quando alcançou os 13 anos, André decidiu seu caminho, começou a andar em uma das bocas de fumo, sua mãe - apontadora do jogo-do-bicho - insistentemente tentava tirá-lo de lá, em uma das ocasiões André disse o seguinte a sua mãe: “Já tô fichado, agora não tem mais como sair”. (Diário de Campo, Janeiro de 2014)

As motivações que levam um indivíduo ao mercado de drogas só se fazem entendíveis se houver a busca por suas múltiplas perspectivas. Diante da gama de elementos que se encontra nesta ceara, destaca-se aqui alguns: ganhos financeiros, reconhecimento e necessidade de afirmação, este último é o que marca a trajetória do jovem André.

Com referência aos ganhos financeiros e ao reconhecimento, esses dois elementos são convergentes, sendo assim o que se busca com eles é ser diferente dos demais em meio a um bairro de trabalhadores urbanos. O milagre da mudança de vida via emprego formal já tem sua falência constatada, os pais desses jovens são os exemplos que eles têm para mensurar a eficácia de um emprego. É preciso tentar a sorte em outras empreitadas: jogar futebol, virar cantor ou tentar ser *cabeça* no tráfico.

Tentar a sorte é algo que já é íntimo de quem convive na periferia, afinal, tenta-se a sorte de conseguir uma consulta, de marcar uma cirurgia. Mas não é somente na

saúde, busca-se a sorte de conseguir uma vaga na creche. Quando não há chances para todos, atribui-se o sucesso em algum campo à sorte.

Hoje durante a noite, vejo uma cena muito curiosa e ao mesmo tempo ilustrativa, em um canto escuro quatro jovens se reúnem, um deles está fazendo o papel de filmar com seu celular, dois fazem a batida e o quarto solta voz no funk proibidão. Um pouco mais cedo, um jovem conta aos seus amigos que conseguiu um teste em um time de futebol da capital, seus amigos fazem votos e orações pra que ele consiga. Eles têm em quem se espelhar, um jogador profissional que já rodou por médios e grandes clubes saiu deste mesmo bairro. (Diário de Campo, Janeiro de 2013)

Esse é o cenário que a juventude da periferia ainda convive, sonha-se com a fuga dos empregos de baixa formação e dos salários ainda mais baixos, e universidade ainda é algo muito distante, muitos sequer sabem como uma funciona. No que tange ao tráfico, têm-se a ideia de um caminho sem volta. Contudo, recorrer aos dados de campo coloca outras possibilidades de compreensão:

Daniel após três meses no tráfico pediu para sair, a motivação, como ele faz questão de ressaltar, foi o seu respeito por sua mãe, “eu lembrava o quanto a minha coroa já ralou para manter eu e meus irmãos”. Para Daniel, sua mãe não merecia esse desgosto tamanho e diz não ter se arrependido de ter ingressado no tráfico, tão pouco de tê-lo deixado, para ele foi um momento que já passou. Por sua vez, Daniel fala que seu parceiro Carlos não quis sair e que quando o aconselhava Carlos sempre dizia que iria sair, mas nunca o fez. Mais recentemente, Carlos contraiu uma dívida junto a um agiota do bairro, a dívida cresceu e ele não conseguiu pagar, levando-o a fugir do bairro. (Diário de Campo, Fevereiro de 2012)

No bairro existem muitos jovens que entraram e saíram do tráfico sem sequer terem qualquer fato estampado em sua ficha criminal: como isso é possível? O tráfico enquanto caminho sem volta há muito é contestado. Por isso, é preciso rever essa relação direta. Afinal, ao ouvirmos os depoimentos nos altares das igrejas o que irá se ouvir?

A conversão evangélica é uma armadura há muito conhecida e respeitada no “mundo do crime”, mas esse já não é mais o único caminho para uma volta ao “mundo dos homens de bem”. A terminologia labirinto é algo perspicaz utilizado pela autora Rodriguez (2013), visto que ao questionar a ideia de caminho sem volta, faz-se necessário uma nova alusão que possibilite uma reflexão mais afiada. Reconhece-se assim a possibilidade de achar uma saída, mas estampa-se também que a mesma não é fácil de ser

encontrada, quebra-se com o determinismo: “sem volta”. Porém, aguça os olhos para o quão tortuoso é esse caminho que leva à saída.

Isso obrigou com que ao longo da pesquisa busca-se identificar quais as possíveis formas de saída, tentando assim entender se tratava-se apenas de uma tomada de decisão individual, se tratava-se uma posição da estrutura, ou mesmo um elemento relacional entre indivíduo e estrutura.

Em sua formatação cada vez mais parecida com uma empresa, o tráfico hoje demite ou permite que se peça para sair, mas é claro que existem variáveis que contribuem ou dificultam esses desligamentos. Quanto mais baixo for a função do indivíduo no tráfico, mais fácil será sua saída, sendo assim a saída de alguém visto como *laranja* é o tipo mais comum de indivíduo a deixar o mercado de drogas. O inverso também se faz verídico, quanto mais alto o cargo, mais difícil, pois já se tem uma fama construída junto a inimigos e à própria polícia. Mais que isso, existe todo um investimento da própria estrutura nesse indivíduo, achar alguém que consiga desempenhar as suas funções com o mesmo equilíbrio e experiência é muito mais difícil.

Durante outra entrevista informal, um *ex-jóquei* revelou que os *cabeças* não ligam se alguém quer sair mesmo, pois o número de pessoas desejando entrar é alto. O que mais chama a atenção neste deslizar de uma esfera social à outra é a permanência dos indivíduos no bairro, não precisando abandonar a suas casas e familiares faz com que se faça observável a ausência de retaliações sobre esses egressos do tráfico.

Foi possível encontrar no bairro da Ilha Grande jovens que trabalharam na base da estrutura - hoje já fora do mercado de drogas – andando tranquilamente pelas ruas do bairro, podendo sentar nas mesas dos bares. O caso de Sandro é exemplar nesse sentido, indivíduo de sorriso fácil, entrou no tráfico com pouco mais de 18 anos, durante uma das guerras quase foi morto, mas sua personalidade brincalhona e extrovertida o salvou, do lado vencedor houve quem o defendesse. É bem verdade que, o fato de durante a guerra não estava mais traficando, fato que certamente pesou para sua salvação.

Depois disso, Sandro voltou a estudar a noite, perdeu o primeiro ano de escola, mas não se tornou cifra de evasão, voltou no ano seguinte e em 2015 vai cursar o último ano de escola. O fato dele nunca ter se convertido às denominações evangélicas, demonstra que hoje é possível promover a saída do tráfico, recebendo o devido

reconhecimento dos demais operadores, sem que para isso tenha-se que se abrigar em uma nova estrutura, a igreja.

Durante os anos de pesquisa, a saída do tráfico de dois indivíduos – Pedrinho e Fabio - são destaques, pois trata-se de figuras com respectivos *status* médio e alto, eles eram *cabeças*. Pedrinho já tinha um desejo de sair do mercado de drogas, a deixa foi justamente durante uma guerra que ele não achava justificável. Afirmando não concordar, ele avisou que esperaria fora do bairro até que as coisas se resolvessem, mas ele não mais retornou.

Por sua vez, Fabio tinha um alto cago na estrutura, ficando por duas ocasiões como o representante do líder no bairro. Diferentemente de muitos, sua entrada no mercado de drogas já foi no topo, devido a todo o seu conhecimento logístico e capacidade de gerenciamento. Com um status tão elevado, isso terminou lhe rendendo duas prisões. Após a última, decidiu sair do mercado de drogas, indo morar em outro bairro.

Em ambos os casos, há um elemento em comum, a saída do bairro. Observa-se que para os cargos que gozam de um *status* elevado, não há como viver no bairro fora do tráfico, é preciso romper a ligação com o território, indo morar em outra localidade. Segundo Lyra (2013), as fronteiras da favela têm a função de definir a identidade. Com isso, a saída do bairro significaria a busca por outra identidade.

Um fato novo que se percebeu, ajuda no entendimento desse dinamismo, diz respeito justamente ao pagamento de uma multa rescisória por parte de alguns dos que pedem desligamento, esse fato pode servir para impedir a saída ou apenas para penalizar o indivíduo:

O cara pede pra sair, se o chefe for com a cara dele e perceber que ele quer mesmo sair, ver que ele é de família, ele libera e deixa o cara sair. Mas se o chefe não topa com a cara, aí já viu! Ele vai pedir uma grana alta pra deixar ele sair. Na maioria das vezes libera. (Jonas, 22 anos, estudante)

O valor cobrado é sempre muito maior do que se pode pagar, com isso o indivíduo é mantido na estrutura e tem seu desejo de saída progressivamente minado. Se há uma quantidade de indivíduos querendo entrar e tão poucos querendo sair, qual o motivo desse empecilho na saída de alguns? As conclusões apontam para uma mera demonstração de poder dos *cabeças*, não se abandona o mercado sem o aval de quem está no topo.

É justamente do topo que vem a terceira forma de saída – demissão. Sair do tráfico por imposição de alguém acima é uma estagnação quase que total: não irá se trabalhar em mais nenhum ponto. Esse tipo de sentença quase sempre é usada quando ocorre “batismo” não autorizado da droga, ou por algum outro desvio na função.

O que se pode refletir é que, em se tratando do mercado de drogas, há motivações diversas para se entrar. Uma vez dentro, ocupa-se funções ímpares, com *status* diferenciados. Consequentemente, a possibilidade de saída nunca é igual a todos, há dessa forma elementos que justificam a metáfora do labirinto (RODRIGUEZ, 2013). O que torna a análise das linhas uma amarradura mais trabalhosa.

6 OS TENTÁCULOS DO *COMANDO*

Quando o tráfico chegou aqui neste bairro? Teria sido quando o primeiro cigarro de maconha foi aceso? Difícil responder. Contudo, de fato havia entre os primeiros moradores aqueles que consumiam maconha, mas não faziam sua aquisição ali. Entretanto, sabe-se que comumente se estabelece uma relação muito estreita entre o uso de drogas e a existência de traficantes, essa percepção deve aqui ser quebrada. Para tanto, recorrer aos dados de campo parece ser a opção mais plausível:

Diney “cresceu nas ruas” como dizem os moradores, desde sua infância andou pelos semáforos da cidade. Diney não tardou a conhecer uma das aventuras da rua – cheirar cola de sapateiro. O efeito rápido produzido, associado ao fato de parecer tornar as coisas mais lentas, logo caiu no gosto dele. Nem sempre ele conseguia quem lhe desse, logo teve que criar modos de adquirir, sendo assim Diney passou a comprar R\$ 2,00 ou R\$ 3,00 de cola na marcenaria do bairro, seu papo era sempre o mesmo: “é pra colar o sapato que descolou”. O Sapato de Diney descolava várias vezes. Certa vez Diney exagerou no uso da cola, foi encontrado caído no mato, virou motivo de piada entre seus irmão e amigos. Posteriormente, ao saber o fim que Diney dava à cola, o dono da marcenaria parou de vender a ele. (Diário de Campo, Dezembro de 2013)

O trecho acima apresenta um elemento que passou a figurar como droga – o solvente – utilizado de muitas formas, inclusive para “bater uma onda”. A questão que fica é: pode-se enquadrar o marceneiro como traficante? Obviamente que não, demonstrando assim que houve períodos e situações em que se drogar não resulta em direcionar-se a um traficante. O que há de fato é, um período em comum na memória dos moradores, tempo esse que não necessariamente revela uma data, mas sim um conjunto de dificuldades e medos no cotidiano, estabelecidos por meio das disputas entre as quadrilhas.

É por meio desta concepção que está dado um dos desafios desta pesquisa: a necessidade de se apresentar as especificidades. Sendo assim, há aqui um desafio comum a muitas pesquisas - dizer algo de inovador. Uma das formas de se buscar a singularidade deste fenômeno é justamente regredir ao seu passado, algo que Feltran (2011) fez em São Paulo.

O tráfico inicialmente no bairro da Ilha Grande é conhecido pela venda de maconha, posteriormente, outras substâncias foram sendo inseridas, e o mercado de

drogas ganhou formato polivalente, seu público era estritamente interno e isso será o motor da “máquina de disputa”, representada nas sucessivas mortes, pois eram muitos grupos atuando para fornecerem a uma mesma clientela, esse era o cenário em meados da década de 90. Com a chegada da cocaína, e do crack por último, isso se intensifica.

Nos dias atuais pode-se classificá-los como operadores polivalentes, comercializam diferentes substâncias nos pontos de venda, maximizando a possibilidade de atender as necessidades dos usuários, conduzindo assim a um incremento na lucratividade. É importante salientar que não foi a substância do crack e da cocaína que tornaram o mercado mais disputado e violento, mas sim a lucratividade que eles promovem.

O tráfico era mais tímido, todo mundo sabia que existia droga, todo mundo sabia que era vendida, mas não era tão banal como é agora. É como aquela frase de Gabriel pensador ‘é proibido, mas se você quiser comprar é mais fácil que pão’. Sacou? (Alexandre, 27 anos, técnico de informática).

O tráfico, de fato, não era tão desenvolvido, não envolvia tantos atores, pois a ampliação e organização são efeitos de seu esplendor no monopólio. Na diversidade dos grupos atuantes não há, com tanta frequência, o que é essencial na estrutura de monopólio, a especificidade funcional. Na fase diversificada, também conhecida como mercado fragmentado do tráfico, havia de modo geral, uma sobreposição de funções sobre o mesmo indivíduo. Contudo, é preciso ressaltar que no campo da realidade as posições sociais não nascem já estabelecidas, antes elas passam por ajustes, aperfeiçoamentos ou mesmo evoluções.

Com isso, precisa-se pensar que, quando as primeiras pessoas passaram a vender maconha no bairro, ainda não havia a consolidação da imagem de traficante, a imagem mais conhecida era a de bandido. Outro fato importante é que, mesmo aqueles que faziam essa prática delituosa – a venda de maconha – não a faziam como única atividade para o ganho econômico, pois muitos deles praticavam roubos e assaltos, eram pessoas de um mosaico delituoso, a imagem de traficante vai emergindo aos poucos, principalmente quando começa a ocorrer a lucratividade com a venda de cocaína.

Assim como ocorrera na Cidade de Deus (ZALUAR,1994), o tráfico aqui foi iniciado por pequenos grupos ou individualmente. As pessoas engajadas nessa prática

eram oriundas da primeira geração de moradores, aqueles que chegaram ao bairro no fim da infância ou já adolescentes, passados alguns anos eles buscaram trilhar seus próprios caminhos, buscaram serem protagonistas. Isso já se apresentava como um indício da quebra do idealismo criado em volta do “mundo do trabalho”, já havia claramente a ideia de que o trabalho não era uma coisa sacralizada, necessária a todos os homens, era apenas a forma de se ganhar a vida, a forma de se manter no mundo. Diante disso, o trabalho enquanto uma forma, fez com que muitos o rejeitassem, passando a avaliar outras formas.

6.1 ESTRUTURA

Para se compreender o tráfico na periferia a palavra território aparece como um pressuposto incontornável, é por meio dele que se entende a modelagem que a estrutura incorpora. Sendo assim, analisar práticas territoriais é antes de tudo um elemento apriorístico. Contudo, a ideia de práticas territoriais está muito vinculada com a presença do Estado, com crime organizado ou quadrilhas de tráfico, o que reduz a capacidade de perceber “indivíduos comuns” em demais contextos realizando ações parecidas. Desse modo, pensar em um espaço restrito e com um público definido parece ser o melhor ponto de partida:

Já passa das 22 horas, caminho por uma das pontas do bairro, sentado em um banco estão dois homens negros, Baby e Gago, o primeiro conheci há pouco tempo, mas o segundo me faz lembrar de uma outra época, mais especificamente do final da década de 90. Naquela época estudávamos na mesma sala, Gago juntamente com Porco e Lili, dominavam a sala. Revê-lo foi uma grata surpresa acima de tudo, mas também um “prato cheio” em termos de pesquisa. Começamos a relembrar os muitos casos de disputas ocorridas naquela época, todos tinham seu lugar previamente estabelecido na sala, ninguém ousava sentar no lugar do outro, fazer isso quase sempre significava briga, ter os punhos rápidos naquela época era necessário, pois quase sempre era se provocado a brigar ou era quem provocava, Gago foi um dos que brigou com quase todos da sala, sempre “saía na mão” com quem agisse na sala diferentemente do que ele considera-se o ideal. Dificilmente se escapava de uma briga, não enfrentar significava abaixar a cabeça e ser perseguido pelo resto do ano letivo. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014)

O trecho acima demonstra como práticas territoriais ocorrem nos mais distintos espaços, pois ter o poder de influenciar as ações em um espaço denota uma forma de

atingir o que muitos desejam – ter um *status*. O fato de muitos quererem isso só aumentava a frequência dos conflitos:

Prosseguimos em nossa conversa, Gago segue se vangloriando de seus feitos. Ele fala que sempre que havia alguém *se botando* (querendo aparecer) demais era a hora de descer a porrada. Com isso, a prática de manter sua influência ou criar alguma se dava pela mesma via, ganhando brigas. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014)

Ainda que em escala menor, e com ausência de letalidade, já no ambiente controlado- a sala de aula – onde se encontrava indivíduos de baixo poder de combate – crianças – a violência já se fazia presente, sua utilidade social já estava estabelecida, em última instância era ela que mantinha e reestabelecia a capacidade de domínio. Em um único espaço físico encontram-se diferentes territórios.

O termo território vindo a ser dissecado expõe uma série de dados entrelaçados que necessitam ser tratados. Esta terminologia quando invocada desperta no indivíduo a ideia de pertencimento, mas há um outro elemento, o de ser também o dono. Com isso, está estabelecido território como a soma do espaço geográfico agregado às práticas sociais dos indivíduos.

Internamente o bairro estava historicamente subdividido em grandes áreas, essa divisão servia para ordenar o cotidiano dos moradores, uma forma mais adequada de saber se orientar, já que as ruas não possuíam placas de identificação. Essas divisões, uma vez construída através das práticas cotidianas, era muito comum entre as crianças e jovens do bairro as rechas entre as áreas, era proibido passar de uma área para a outra se houvesse rivalidade entre elas, entre os adolescentes essas rechas surgiam principalmente por conta dos namoros e paqueras, um adolescente de outra área andando com a menina da mesma de outros jovens era motivo de afronta, quase como um sentimento tribal de que se estivesse roubando as mulheres dá aldeia. O atual chefe do tráfico quando adolescente provou disso, vindo a ser recebido com o disparo de um artefato junino conhecido como “doze tiros”.

Quando as quadrilhas de tráfico começam a ganhar fôlego, elas se basearam nessa subdivisão já existente para daí traçarem seus territórios. Nem todas as áreas tiveram

quadrilhas sendo formadas, mas algumas sim, como a Jaqueira, até os dias atuais, é de lá que surgiram grandes figuras no tráfico, essa região desde o encorpar do tráfico vem sendo destaque.

A consolidação e unificação do tráfico no bairro não se explica por si só, existe um cenário mais amplo que o conecta ao resto da trama que transmutou a capital baiana, as rechas de bairros deram lugar a outras formas relacionais, não somente os adversários mudaram, mas algo inteiramente novo se concretizou, o tabuleiro se redesenhou e, concomitantemente, as regras que o rege.

A primeira década do século XXI representou uma profunda transformação nas cadeias e no dito “mundo do crime”. É a partir desse período que surgem nomes como: Pitty, Cláudio Campanha e Perna, mesmo já sendo figuras conhecidas na periferia, é nesse momento que eles se tornam figuras públicas nos jornais.

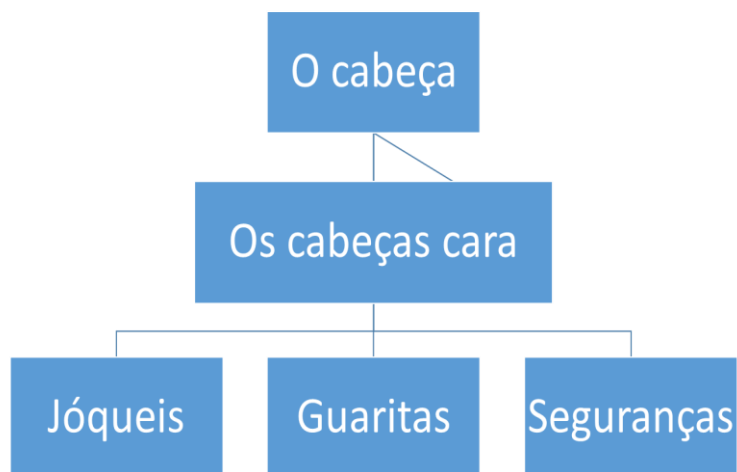
Esses nomes representam uma profunda passagem, as rivalidades e quadrilhas de bairros foram substituídas por novos grupos e redes criminosas (LOURENÇO e ALMEIDA, 2013). Foi neste mesmo período que ocorreu no bairro a consolidação de um único grupo à frente do tráfico de drogas.

É por meio do surgimento de uma figura de liderança que se estabelece o domínio de um único grupo sobre o bairro da Ilha Grande, semelhante ao que ocorreu nas prisões. Em um movimento típico de mercado econômico, passa-se de uma fase fragmentada para um processo de concentração, uma monopolização, isso é claro com o uso da força, a eliminação da concorrência é no âmbito literal. As cenas assemelham àquelas que Santos (2010) descreve em sua obra, os homicídios que ele descreve no subúrbio de Salvador assemelham-se com os que se encontra nesta parte pesquisada da cidade.

Fato comprovado na fala de um dos entrevistados, na sua narrativa sobre a morte de um indivíduo que quis criar um ponto de venda após sua saída da cadeia:

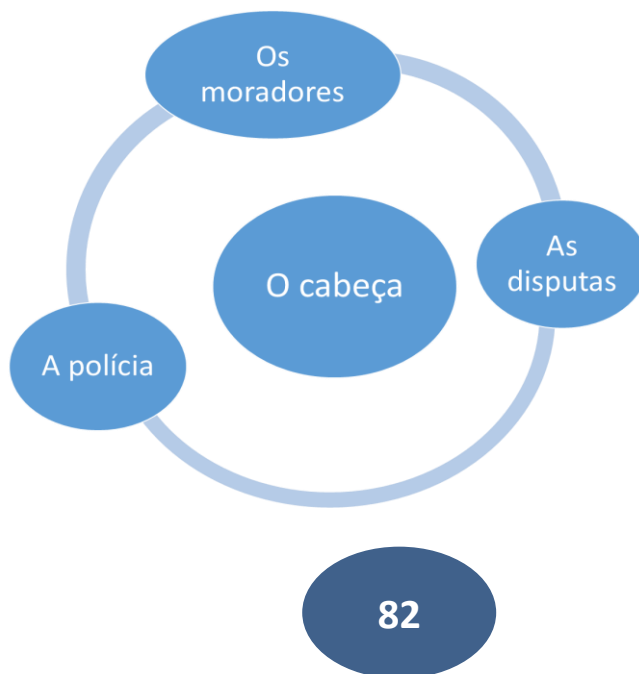
Oxe! teve um cara aqui que tinha saído da prisão há pouco tempo e queria abrir uma boca aqui na área, aí ele pegou e foi falar com o dono aqui, aí o dono pediu que eles fossem conversar bebendo aqui em um bar, chegando lá não deu outra! Mataram o cara. (Tales, 22 anos, ajudante de pedreiro)

A organização do tráfico estudada se configura como uma arquitetura piramidal, subdividida em três níveis. É a partir do líder é que se desenham as características do grupo, bem como seu *modus operante*.



O desenho aqui proposto não dá conta do emaranhado de relações, mas apresenta as principais tipologias encontradas nesse mercado. Estruturas já foram delineadas mais detalhadamente (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001).

Esta complexa estrutura equilibra-se em um ponto crítico, tendo que ser capaz de manter-se erguida perante a tríade: moradores, grupos rivais e polícia, sendo assim desenha-se uma espécie de ampulheta. Mas não é areia que vai de um lado para o outro, trata-se de algo bem distinto, são: demandas e tensões.



As demandas oriundas desse conjunto impõe ao tráfico a necessidade de absorvê-las, mantendo seu tensionado equilíbrio.

Os *jóqueis* desempenham a função de vender as mercadorias da boca, é dele a função de lidar diretamente com os clientes de modo rápido, para não chamar atenção das demais pessoas, isso lhe rendeu essa interessante nomeação. Para ser jóquei tem que saber contar, pois erros na contabilidade ou falta de mercadoria acarretam punições. Normalmente, mas não exclusivamente, essa função é ocupada por adolescentes, em sua maioria negros – meninos que querem serem vistos como homens.

A retaguarda dos *jóqueis* é feita pelos *guaritas*, que são responsáveis pela vigilância das entradas e imediações do bairro. Eles são verdadeiras câmeras vivas, focalizando cada ação ao seu redor. Seu instrumento de trabalho é um celular pré-pago; é de sua responsabilidade realizar as recargas e manter o aparelho carregado, pronto para o uso, caso perceba algum risco ou alteração nas entradas do bairro ou nas imediações dos pontos de venda. Ser um bom *guarita* significa subir posteriormente ao cargo de *jóquei*, vislumbrando assim ganhos financeiros maiores. Contudo, a capilaridade do tráfico faz com que existam pessoas de fora da estrutura realizando esse papel de observação; as motivações desses “amadores” são diversas, mas as principais são: amizade com o tráfico e recebimento de drogas.

Ao lado dos *guaritas* que operam como olheiros existem os *seguranças*. Essa função feita a mão armada é o último recurso da estrutura. Esta função é desempenhada mais constantemente por jovens maiores de idade. Eles protegem os pontos de venda e os arredores das casas dos *cabeças*. Aqui neste bairro, no período em que a polícia era atuava por meio de incursões, foi possível verificar pessoas montadas em motos com fuzis manipulados pelos que estavam de carona, mas a maioria trabalha ou “tira seu plantão” com pistola ou revólveres.

Antes de passar ao próximo nível da estrutura, há de se questionar no papel designado às mulheres. Na fase fragmentada do tráfico, haviam casos de mulheres envolvidas, inclusive uma delas havia sido morta por não prestar conta da carga de drogas que havia pegado em consignação. Durante muito tempo nesta configuração de monopólio, a participação de mulheres foi vedada, senso assim elas não possuíam cargos, mas sim o *status* – ser namorada/mulher de alguém. Contudo, nos últimos tempos isso mudou, as relações afetivas levaram essas mulheres a começarem prestando “favores”, a

pedido dos namorados, levavam dinheiro de um lugar para o outro, ou mesmo transportavam drogas, pois chamavam menos atenção da polícia. Com isso, esse papel de transporte ficou conhecido como *zig-zag*, muitas delas recebem recompensas financeiras por esse serviço. Nos últimos meses do trabalho de campo, tomou-se conhecimento de algumas adolescentes que já estavam fazendo a função de venda, mas a organização continua sendo um espaço predominantemente masculino. Contudo, a entrada da mulheres no mercado de drogas é algo que caminha com dada intensidade, muitas delas não querem mais andar do lado de alguém que tem um poder a ostentar, elas querem serem as portadoras desse dado poder

Os *braços-direito*, também conhecidos como os *cabeças*, são figuras que gozam de prestígios e confiança perante o chefe do tráfico. Esses indivíduos desempenham funções cruciais, como: gerenciamento das drogas, controle do armamento e planejamento, junto com chefe do tráfico, de ações centrais. Esses indivíduos são os donos dos pontos de venda de drogas; o próprio chefe do tráfico é um cabeça, pois ele também tem um ponto de venda, mas seu maior lucro advém do fato de ser ele o fornecedor dos demais pontos estabelecidos na área. Com isso, essas figuras se apresentam como aqueles que adquiriram uma franquia, um ponto de venda concedido pelo dono da empresa. Uma característica crucial desses indivíduos é sua “experimentação” no mundo do crime, por terem mais de 25 anos e já possuírem uma longa carreira no mundo do crime. Muitos já passaram temporadas em delegacias e presídios, além é claro de terem experimentado trabalhos formais.

O líder ou *Cabeça /Cabeça-Xeque* é viga estrutural que atravessa e mantém todos os patamares da estrutura, garantido a estabilidade da mesma. Neste sentido, é sobre ele que reside a maior pressão, pois é dele que se origina o equilíbrio de toda a estrutura, sendo de sua responsabilidade a resolução dos conflitos internos e externos, assim como absorção de demandas externas. A sua importância se fez perceptível no tabuleiro territorial justamente quando o mesmo foi preso, como mostraremos adiante.

A história desta figura é cercada de certa mística pelo fato de não ter nascido no bairro e possuir familiares em São Paulo. O que há de concreto sobre ele é que se trata de alguém com pouquíssima instrução, como demonstra um pedido que ele fez a uma professora do bairro: *Peça a minha pró pra me indicar uns livros bons, agora livros pra menino ser alfabetizado que eu não sei nada*. A baixa escolaridade, entretanto, não impediu que ele desenvolvesse atitudes empresariais e políticas. No mundo do tráfico na

Bahia, ele é figura de notoriedade, conseguiu passar alguns anos sendo o líder do tráfico neste bairro e no bairro vizinho sem grandes conturbações, possuindo conexões com outras áreas da cidade, inclusive criando e mantendo laboratórios de processamento de drogas.

Neste bairro em especial, ele é visto como uma figura moderada, alguém “gente boa”. A sua habilidade de liderar o fez escapar da rotulação de sanguinário ou impulsivo. É importante refletir neste instante sobre o peso da idade, dado que todos os cargos mais importantes são ocupados por figuras que se aproximam ou passaram dos trinta anos. Soma-se a isso o fato de que, ele carrega consigo um alto grau de moralismo, o que contribui para sua imagem de bem feitor.

Em uma noite em que se encontrava bebendo em um bar, o líder do tráfico teve sua atenção requerida por um de seus *seguranças*, o mesmo quis mostrar ao líder o que ocorria ali perto. Dois jovens fumavam maconha em uma escadaria próxima à escola. Diante deste fato, o líder se aproximou dos dois, um dos jovens já sabia de quem se tratava, o outro não. Ele saudou aos dois e pediu o baseado, e posteriormente pediu para aquele que não o conhecia que abrisse a boca, exigindo em seguida que o mesmo engolisse o baseado. Ele teria feito isso, pois não desejava qualquer tipo de desordem próximo às instituições públicas que atendem ao bairro. Ele tinha uma postura clara contra o uso de drogas nas vias públicas, não queria que os trabalhadores e suas famílias passassem por esse constrangimento. (Diário de Campo, Março de 20110)

O consumo de drogas em locais não permitidos é algo negativo na aliança entre moradores e traficantes (LYRA, 2013). A sua imagem positiva junto aos moradores foi mais uma vez demonstrada no ato de sua prisão, houve moradores que se mobilizaram para elaborar um abaixo assinado para que ele fosse solto. Temia-se que toda a pacificação que ele havia conseguido realizar desmoronasse. Esse temor acabou por se concretizar, pois algum tempo depois muita coisa mudou com a ruptura da cadeia de comando da organização, como veremos no próximo capítulo.

6.2 A BOCA DE FUMO: ROTINA E DISCIPLINA

Trabalhando em uma boca de fumo, onde a rotina é um mantra, muito dos riscos são convertidos em piadas e risos:

É NÓIS, que estais na atividade.
Carregada esteja minha arma,
vem a nós, comprar a vossa érva,
seja feita vosso baseado.
Assim na favela como no asfalto.
O malote nosso de cada dia,
nos dáí hoje.
perdoai os nossos amigos,
assim como nós perdoamos aqueles que são braços.
Não nos deixeis sem sua contensão,
mas livrainos dos alemão!!!!!!

(Retirado da página social de um dos operadores)

Os pontos de venda – popularmente conhecidos como *bocas* – são muitos, mas é preciso saber onde achá-los:

Davi, está buscar sua namorada que está chegando da UFBA, vindo ao seu encontro Dois jovens, um deles traz entre os dedos uma nota de R\$ 50,00, próximo a nós, ele faz questão de mostrar a nota. Eis que se trava o seguinte diálogo:

Jovens = Velho, boa noite! E ai beleza?

Davi = Boa, nego! beleza.

Jovens = Rapaz, tô vindo lá do Alto procurando, mas num achei ninguém, você sabe onde posso conseguir?

Davi = Rapaz... É que ninguém ta ficando de bobeira. Porra, cara! Faz o seguinte, segue aqui direto vira a esquerda, no terceiro beco você sobe, lá você acha.

Seguimos até o ponto, na volta, estamos conversando; ao olhar para as escadarias de um dos morros vê-se os dois jovens subindo, eles olham para a parte baixa e nos avistam, nesse momento, sorridente um deles dispara: Valeu véi! brigadão mesmo. (Diário de Campo, Março de 2013)

A boca fica bem acima do nariz (BARBOSA, 1998), é preciso saber onde elas estão e quais os códigos que permitem que elas se tornem acessíveis. Cada uma delas possui uma composição, ainda que muitos pense nela como algo homogêneo, o que termina por diversificar a movimentação em cada um desses pontos, é preciso conhecer suas localizações e códigos. Passar por uma rua onde existe uma boca não significa poder dizer que se andou em uma boca de fumo, pois a boca é uma territorialidade e não um espaço físico necessariamente:

Tipos	Formação – A	Formação – B	Formação – C
Cabeças	Um	Dois	Um
Jóqueis	Quatro	Dois	Quatro
Guaritas	Três	_____	Quatro
Seguranças	_____	_____	Dois

O quadro acima serve para demonstrar que as bocas possuem estruturas distintas, as variações da presença ou não de certos cargos ocorre com certa frequência. Contudo o que há de comum é uma rotina de trabalho por parte dos seus operadores. Eles são os assalariados do 12 como diz Lyra (2013).

Daniel diz que no primeiro dia na boca de fumo sentia muito medo de ser pego pela polícia, mas diz que com o passar do tempo o medo passa, “você acostuma e fica de boa”, em um certo momento chega a afirmar ser tranquilo o movimento. Ele cita frequentemente seu parceiro Carlos com quem trabalhava na boca e como já dito, foi quem o apresentou a uma das lideranças do tráfico. (Diário de Campo, Fevereiro de 2012)

O cotidiano de trabalho executado por estes jovens é semelhante, em muitos aspectos, ao próprio mundo do trabalho formal, incluindo o tédio.

Manhã de quinta-feira, um dia tranquilo, com bastante calor. No início da rua está um jovem de cabelos pintados, vestindo a camisa de um time europeu, em sua mão um celular, seu olhar aguçado sobre quem passa por ali, contrasta com sua expressão de cansaço que ele revela nos momentos em que a rua está vazia. Há poucos metros dali, no alto do beco encontra-se outro jovem, ele está sentado em um sofá velho, sozinho, ele risca o barro com um graveto, ainda falta muitas horas para terminar seu plantão. (Diário de campo, Fevereiro de 2011)

O movimento de indivíduos no ponto de venda não é homogêneo, havendo momentos de pico e refluxo da demanda. Por isso, uma parte considerável do tempo de trabalho desses jovens é tediosa, o que contrasta com o estágio da vida em que eles se encontram - a juventude - marcada pelo ímpeto e busca de agitação.

Hoje os bares estão agitados, é dia de jogo do campeonato de futebol, os bares estão abarrotados de pessoas ansiosos pelo jogo. Sentado na porta de um deles está um jovem que faz a função de *guarita*, com o celular colocado em cima da mesa; ele vibra com os lances de seu time na tela da TV esquecendo por alguns instantes sua função. (Diário de Campo, Janeiro de 2012)

Constatou-se que, ocorrem desvios na execução das atividades, semelhante às ocorridas no trabalho formal.

Qualquer coisinha que der mole assim é porrada ou até morte, eu me botei no lugar fiquei pensando que podia ser comigo. Cara vacilando, tá ali no serviço dele ali, aí vai em casa, tá namorando, aí vai na casa da namorada, aí no caso a polícia passa pega os caras, aí vai cobrar de quem? (Euller 24 anos, *guarita*)

Efetivamente, não são raras as vezes que os *cabeças* aplicam punições nos jovens, muitas vezes em forma de surras dadas nos indivíduos que “vacilaram” por todos aqueles que estão presentes no local. Não é incomum o uso de terceiros, geralmente moradores que possuem laços de amizade com o alto escalão do tráfico, para fiscalizar a assiduidade dos operadores do baixo escalão.

Contudo, os maiores riscos para os *guaritas* são as incursões da polícia, eles são os que ficam mais próximos da polícia, pois são a linha de frente:

Eu [estava] com dois celulares, só que um era meu e o outro era do serviço. A gente não bota o nome dos caras, a gente bota apelido, eu mesmo no celular que eu tava botei influência do hap. Javali era o nome de um *brother* lá, Mano Brow, esses negócios assim. Teve um dia que vieram dois carros da Polícia Civil, a senhora que me avisou ‘Ali é civil!’. Aí eles passaram e depois voltaram quando voltaram que me viram no mesmo lugar me pararam, pegaram os dois celulares e perguntaram de quem eram os dois celulares. Aí disse que um era meu e outro de meu primo. Perguntaram, aí olho assim e perguntou de quem eram os nomes no celular, aí eu disse que era dos caras que pegavam o baba. (Euller, 24 anos, *guarita*)

As estratégias para despistar a polícia como no caso de Euller são interessantes, mas percebe-se também como o fato dele ter sido avisado pela moradora demonstra que ela não desejava que sua prisão ocorresse.

Uma vez explicada a estrutura do comércio de drogas do bairro é preciso apresentar a quem serve tal estrutura, ou seja, é necessário apresentar a clientela desse singular mercado.

6.3 CONSUMIDORES

O termo consumidor parece ser o mais preciso, pois está se tratando aqui de relações ilegais, mas de caráter econômico. As regras de mercado aqui se fazem presentes: demanda e oferta de tipos e qualidades diferenciados de mercadorias, poder aquisitivo e endividamento.

Quem não tem determinado tipo de informação se engana, estranha o porte do veículo que tá aqui dentro sendo que ele não conhece ninguém e ao mesmo tempo você liga uma coisa com a outra, o cara para o carro na frente da boca, alguma coisa ele tá vindo fazer. (Alexandre 27 anos, técnico de informática)

O trecho acima revela que parte da clientela do tráfico são pessoas que não moram no bairro e que adentram pelas suas ruas, muitas vezes com modelos de carros lançados no mesmo ano, com o intuito de chegar até à boca. Contudo, ainda cabe lembrar que o mercado discutido por Grillo (2008) parecia apontar para o fim do romantismo da ação de entrar na favela pra buscar droga. Isso ainda não parece ser a realidade deste bairro.

Adentro as ruas do bairro, já passam da 23h, como de costume, caminho calmamente, chove muito e sobre as ruas asfaltadas do bairro correm verdadeiros rios de lama, de imediato me lembro do tempo que para ir à escola em época de chuva era preciso calçar por cima dos sapatos das crianças sacos plásticos para proteger os sapatos da lama. Ao olhar para uma lanchonete fechada avisto um antigo amigo que me chama para conversar enquanto esperamos a chuva passar, em meio a conversa informações preciosas surgem sobre a queda recente no faturamento do tráfico. (Diário de campo, Dezembro de 2011)

A greve da construção civil no ano de 2011, atrasou os cronogramas das empreiteiras, mas também prejudicou o tráfico, uma vez que sem dinheiro os operários da construção pararam ou reduziram seu consumo de drogas. Fato que dá indicações sobre parcela significativa dos consumidores, abrindo um questionamento dual, por um lado nos faz repensar se realmente é na classe média que estaria os “financiadores do tráfico” na condição de consumidores, e por outro lado nos conduz a repensar o uso do termo “usuário de droga” como um degenerado social, pois estamos falando de trabalhadores, com longas e exaustivas rotinas de trabalho e chefes de família, muito bem sintetizada

nesta fala, *“Oxe pai de família que você nunca pensaria e usa, gente que eu nunca diria...”* (Daniel, 24 anos, *jóquei*). Fato também registrado durante a rotina de observação.

Sábado, bela manhã ensolarada, saindo de uma das avenidas principais e adentrando uma das transversais encontramos à direita um bar acanhado, em sua frente uma cerca de arame farpado, duas mesas enferrujadas com algumas pessoas a beber preenchendo o interior do bar. O entretenimento da vez é a rinha de galo, enquanto as aves se atacam, ouve-se os gritos e risos de vibração a cada golpe. No lado esquerdo da transversal tem um beco e uma boca de fumo; no “plantão” estão dois jovens negros com idades inferiores aos dezoito anos. Enquanto passamos pelo local é possível observar um morador que passa para comprar maconha, após efetuar a compra o mesmo guarda a droga dentro de um saco de mercado junto aos alimentos. (Diário de campo, Outubro de 2012).

A compra de droga pode ocorrer em variados momentos do dia pelos consumidores do próprio bairro.

Terça-feira (08:30h), cerca de quatro operadores - jovens negros- estão na boca, um homem trabalhador da construção civil, aparentando idade entre 45 a 50 anos aproxima-se e compra um porção de maconha, na saída cumprimenta a todos ali presente. Esse caso mostra o tamanho da variação etária dos clientes desta boca. Na tarde do mesmo dia, a boca agora se encontra sob a responsabilidade de um único operador, aparentando cerca de 15 a 16 anos, trajando bermuda e camisas de marca cultuadas entre sua faixa etária, no pescoço corrente de prata. Por último, completando o estilo, um óculos new wave. Sentado em uma cadeira plástica ele ouve Alpha blondy (Banda de reggae) no auto falante de seu celular, enquanto isso prepara um fino de maconha para relaxar. (Diário de Campo, Julho de 2011)

A flutuação da procura na boca provoca períodos de ócio e tédio entre os que estão em seu “plantão”:

Quinta-feira (13:20), o sol está intenso, caminhar junto às casas buscando a sombra é a melhor estratégia para se proteger, devido à proximidade é fácil escutar o que se passa em muitas das casas, um som frequente é o de TVs ligadas nos programas sensacionalistas policiais. Caminhado à frente vão duas adolescentes com idades em torno de 15 e 14 anos, seu destino é certo, a boca. As duas cumprimentam os jovens de plantão, tiram R\$ 5,00 reais do bolso de traz da bermuda e recebem uma porção de maconha. (Diário de Campo, Setembro de 2011)

A faixa etária varia muito, desde pessoas de meia idade, idosas ou até mesmo adolescentes. Também há casos de crianças, por volta dos dez anos, consumindo

maconha. Para além da variação na idade, existe também a variação quanto ao segmento social que busca abastecer-se nos pontos de venda do bairro, o fato desta área está cercada por condomínios de classe média e margear uma importante avenida, favorece o acesso da classe média.

Segundo um dos informantes, os carros da classe média entram no bairro para comprar muito, as vendas chegam alcançar mais de mil reais em uma única transação, ele mesmo afirma que essas compras são para abastecer as festas nos condomínios ao redor. A droga que esse segmento busca não é a mesma dos usuários do bairro, ao menos em qualidade, o grau de pureza é maior. Sendo assim, quando eles descem para buscar é alguém do alto escalão que é acionado para trazer, sempre uma mercadoria diferenciada.

6. 4 AS DÍVIDAS NA BOCA: FORMA DE LUCRO E MOTIVO DE MORTE

As dívidas nas bocas de fumo é o motivo de muitos conflitos e a causa de algumas das mortes. Diante deste cenário desgastante, qual a motivação para que as bocas continuem vendendo para receber depois? A pertinência dessa questão se deve ao fato de que essa parte do comércio de drogas foi muito naturalizado, sem haver o questionamento de qual a razão de um comércio ilegal realizar esse tipo de prática.

Começar elencando as formas de pagamento parece ser o caminho mais didático. Os meios de pagamento são variados: dinheiro, outras mercadorias, sexo, comprar a crédito ou com a prestação de outros serviços. Foi possível encontrar jovens operadores tatuados que pagaram pelo serviço com uma pequena quantidade de droga ao tatuador. Boa parte dos consumidores usam dinheiro para a compra, mas a troca de objetos pela droga é também algo em voga. Contudo, isso depende da relação do consumidor com o *jóquei*, já que mesmo que este aceite, por exemplo, peças de roupa como pagamento, a sua prestação de conta para o *cabeça* daquele ponto será feita em dinheiro. Conseqüentemente, ele irá diminuir seu rendimento até revender aquele objeto. Há também o pagamento com sexo que é menos comum do que as outras formas, ocorre por parte de algumas das jovens do bairro, entre os homossexuais nenhum dado surgiu nas entrevistas, por conta da ideia de masculinidade dos operadores. Sem o dinheiro necessário para comprar as drogas desejadas, as jovens usam seus corpos como mercadoria, fato relatado por moradores e operadores. Novamente, isso se dá por meio

da relação já estabelecida entre quem compra e quem vende, pois irá interferir no rendimento final deste último.

Muitos consumidores também ficam endividados em montantes na casa dos milhares, como foi o caso de dois irmãos donos de uma pequena fábrica de gesso que ficaram devendo mais de sete mil reais, dívidas assim são administradas pelos operadores, pois sabe-se pela situação econômica de quem deve que a mesma será paga (GRILLO, 2008). Quando as dívidas extrapolam a capacidade de pagamento, o indivíduo fica preso em uma situação onde o único modo de pagamento é a própria vida.

Um jovem usuário de drogas foi morto por conta de dívida na boca. Ele foi detido e morto no quintal de seu tio, ao lado da casa do primeiro. Após a morte, o tio mandou demolir a casa onde o rapaz morava. Uma demonstração do tipo de dor ocasionada por uma morte inesperada. (Diário de Campo, Abril de 2011)

Os conflitos com alguns usuários é o que revela um dos elementos que serve para nortear o motivo da singularidade dessa prática comercial:

Na madrugada de terça-feira ocorreu uma discussão entre jovens que culminou em agressão física. Isso seria algo de pouca relevância se os envolvidos não tivessem relação com o tráfico de drogas: Diogo, um olheiro do tráfico, e Euler, um *ex-jóquei* e usuário de crack. Durante a madrugada, Euler foi pressionado para pagar sua dívida na boca de fumo próxima a sua casa. Por conta disso, começou uma discussão entre ambos que logo esquentou e se transformou em agressão. Euler golpeou e machucou o rosto de Diogo com uma pedra. Em seguida, foi em casa buscar um facão e advertiu Diogo: “O que é seu tá guardado!” Os outros jovens que estavam na boca naquele momento ligaram para o gerente daquela área do bairro que respondeu que não poderia resolver o conflito porque naquele momento estava fora do bairro. No dia seguinte, um grupo de traficantes foi à casa de Euler e avisou que ele iria morrer se ficasse no bairro. Ainda pela manhã, a mãe de Euler vai à boca e pagou sua dívida. Em seguida é claro, pede que perdoem seu filho. Desde o ocorrido Euler não vê a luz do Sol, ficando restrito a circular dentro dos limites estabelecidos pelas paredes de sua própria casa. Essa atitude torturante tem razão de ser, pois alguns dias depois de ter cometido a agressão um carro com membros do tráfico parou enfrente a sua casa procurando pelo jovem Euler. Na mesma semana após esse fato foi encontrado um corpo no bairro com marcas de espancamento e perfurações de arma de fogo, muitos pensavam ter sido o fim do jovem Euler, mas não se tratava do dele. (Diário de Campo, Junho de 2012)

A despeito das dívidas de drogas, existe algo de notório que ainda não foi tratado com o devido olhar sociológico. As dívidas não são meros mecanismos de controle sobre a clientela ou de ostentação dos operadores: “alguém me deve”. A obviedade repousa

justamente no fato de que a dívida é uma forma de ampliação dos lucros. Quando se compra droga para pagar somente depois, já de antemão sabe-se que é o credor que diz os juros a serem pagos, e pode mudar as cifras ao seu bel-prazer, fato bem descrito por uma agente comunitária.

Ela lembrou de um caso de um devedor que tentou cometer suicídio com raticida. A motivação do ato era dívida de droga numa boca do bairro, e diante de sua incapacidade de pagá-la ele pensou em se matar antes de ser morto. Os familiares se compadeceram de sua situação, conversaram com o traficante dono da boca, acertando um pagamento em três vezes sem juros; a mãe pagou a primeira parcela com a venda de um terreno no interior e dois tios pagaram as duas outras prestações, cada prestação correspondia a um valor aproximado de três mil reais. Essa dívida atingiu esse montante, pelo fato de os traficantes cobrarem juros sobre juros, pois “cada vez que eles ficam com raiva por você não pagar, eles aumentam a dívida”. (Diário de Campo, Agosto de 2012)

A dívida funciona bem como uma válvula para maximizar os lucros, pois muitos dos usuários já se encontram na condição de usuários compulsivos, sua vontade é incessante. Sua necessidade constante de usar impossibilita que se faça a mensuração dos juros que estão sendo cobrados e de como irá fazer para pagar. Ao *jóquei* – com a aprovação do *cabeça* - cabe apenas avaliar se quem pede a droga poderá para pagar depois, ou se o mesmo possui familiares para horar a dívida. Durante a coleta dos dados, soube-se de dívidas de R\$ 5,00 que viraram R\$15,00 do meio de uma manhã até o fim de uma tarde. Outras foram de R\$10,00 para R\$ 50,00 apenas no passar de uma noite. Por isso, mesmo havendo um desgaste nas cobranças e um custo moral na morte dos usuários inadimplentes, ainda é a dívida uma forma importante de tornar o tráfico lucrativo.

6.5 - A LUCRATIVIDADE: GANHO DESIGUAL DE CADA UM

A venda de drogas continua a superar livremente qualquer outra forma de rentabilidade, seja ela legal ou ilegal (BOURGOIS, 2010). Quando se fala no faturamento do tráfico se toca em uma caixa preta de difícil acesso, mas tomemos nota dos seguintes dados que foram fornecidos por um *ex-jóquei*; cada granulado de pasta base de cocaína com bicarbonato, conhecido como crack, é vendido a R\$ 5,00; as trouxinhas de maconha são comercializadas também a R\$ 5,00, e por fim, a grama da cocaína é comercializada a R\$ 25,00. Cada quilo de pasta base de cocaína é transformado em cinco quilos para a

venda, desse modo, tem-se um produto com 20% de pureza. Barbosa (1998) analisa que o grau da mistura segue a lógica de lucrar o máximo sem perder o cliente. Nas entrevistas obtivemos notícias de remessas de dez a quinze quilos chegando de uma única vez ao bairro. Por fazerem parte do mesmo comando até o ano de 2011, os bairros circunvizinhos também compravam cargas da Ilha Grande quando ficam sem suprimentos.

Acrescentemos alguns outros fatos para mensurar a lucratividade deste comércio. Com um *braço-direito* preso foi encontrado um caderno de contabilidade com um registro de ganho acima de R\$ 30 mil em um só dia. Meses após este fato, a apreensão de cerca de seis quilos de crack e duas pistolas, significou um prejuízo de cerca de R\$ 250 mil. Em outra ocasião, um gerente saiu do bairro em um táxi com R\$ 100 mil reais em uma maleta, que ele jogou pela janela quando percebeu que estava sendo seguido por uma viatura policial. Quando foi levado para a delegacia com a maleta recuperada, tinha muito menos dinheiro dentro do que antes.

Afora essas perdas eventuais para a polícia, houve até 2011 também pagamentos contínuos para algumas guarnições que podem alcançar R\$ 40 mil ou mais em um único pagamento. Esses altos valores permitem uma imaginação do tamanho do montante movimentado. Evidentemente, os pagamentos feitos para alguns policiais variam de acordo com a função de cada membro do grupo. Dentro da organização os ganhos obedecem critérios distintos, alguns tem ganhos percentuais, outros tem rendimentos pré-determinados, outros ficam com o montante líquido.

Quanto ao *jóquei*, é sua habilidade de vendedor que define seu rendimento, ele recebe cerca de 20% do valor das vendas; há notícias de jóqueis que conseguem ganhar de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 em um único dia. “*Já vendi muito aí. É assim, se vender R\$ 100,00 reais tem direito a R\$ 20,00; teve dia de tirar R\$ 500,00 eu e o cara que revezava comigo.*” (Euller 24 anos). No anseio de aumentar seus rendimentos, alguns chegam a acrescentar outros elementos à cocaína como forma de ganhar um pouco mais, como: analgésico, pó de giz e até mesmo naftalina.

Como jóquei Daniel ganhava por comissão, seu pagamento era uma porcentagem de tudo que era vendido; ele afirmou que durante a semana ganhava cerca de R\$ 200,00, mas nas noites de fins de semana chegava a ganhar este mesmo valor ou mais: “*teve fim de semana de ganhar R\$300,00*”, o que mensalmente podia lhe render até R\$2.000,00. Entretanto ao falar sobre isso, ele faz questão de ressaltar que na casa onde mora nada veio do tráfico, pois quase que a totalidade do dinheiro era gasto em festas; ele chega a citar

uma famosa seresta do bairro, onde ele diz que—também aproveitava para realizar vendas. (Diário de Campo, fevereiro de 2012)

Por sua vez, os *guaritas* recebem R\$ 150,00 por semana ou R\$ 600,00 mensais. Os *soldados*, que protegem alguns dos pontos de venda e, em especial, os *cabeças* e *cabeça-xeque* ganham cerca de R\$ 30,00 por dia de serviço. Ou seja, ficam tão-somente com uma parcela ínfima dos lucros auferidos no negócio (D’ELIAS FILHO, 2011: p. 23). De fato, a exemplo dos 20% do *jóquei*, eles são inferiores aos daqueles que estão no topo da atividade.

Saber quanto um *cabeça* ganha é informação das mais escassas neste tipo de pesquisa, contudo extraiu-se do irmão de um deles que o ganho dele girava em torno de R\$7.000,00 mensais. Entretanto, o líder do bairro fica com uma parcela ainda maior do montante, basta pensar que no momento de sua prisão seu filho brincava com um carro de controle remoto avaliado em R\$2.000,00. O preço da droga termina sendo alto justamente por passar por tantas mãos (BARBOSA, 1998).

Observa-se aqui que a atuação do tráfico é diversificada na economia local, e como os recursos do crime passam pelo processo de lavagem financeira, pois o capital de investimento de uma grande festa no bairro em 2010 veio do tráfico, mas ao fim o dinheiro estava lavado, pois saiu da festa ainda que informal, mas não mais ilegal. O dinheiro do tráfico movimenta não só seus negócios diretos, mas também a economia do bairro como um todo.

Teve o Fest aqui do bairro, aí foi o pessoal que organizou, não teve polícia não, eles mesmos fizeram a segurança, não teve briga, foi massa. Os próprios moradores aqui do bairro é que venderam as bebidas e as comidas na festa, e os comerciantes do bairro é que venderam as camisas, teve camisa. (Thiago, 23 anos, marceneiro)

Os comerciantes do bairro tinham porcentagem na venda das camisas da festa, os ambulantes da comunidade puderam vender suas mercadorias de modo tranquilo, o que gerou uma movimentação econômica grande no bairro. Segundo Lyra (2013), a função de festas como essa é também um certo “adocicar”, pois a realidade desses locais é dura, e momentos como esse reforça a amizade entre moradores e traficantes. Ainda que a atividade do tráfico faça da população refém de seus atos, esta também é favorecida pelos seus benefícios, pois quando o tráfico está faturando esse capital acaba circulando dentro da própria comunidade. Contudo, o principal investimento do tráfico é em imóveis,

muitas das melhores casas do bairro pertencem a eles, algumas de fachada crua, mas com o interior muito bem decorado. Esses imóveis são colocados nos nomes de parentes como uma forma de não chamar atenção e evitar perdas decorrentes de processos judiciais contra eles.

6.6 ENTRE A OPRESSÃO E A COLABORAÇÃO

A maioria dos operadores é composta por jovens com grande necessidade de aceitação e reconhecimento, esses elementos associados ao poder que a posição de operador e o porte de arma lhe atribuem, geram atitudes impulsivas e agressivas.

O ato ocorrido em meados do mês de maio de 2012 exemplificou bem isso, dois jovens com idades próximas dos 20 anos de idade foram acusados de terem “ficado” com as namoradas de dois operadores. Diante disso, os dois foram interrogados, espancados e tiveram suas mãos perfuradas com disparos de armas de fogo por estes operadores.

A necessidade de mostrar-se macho não é algo exclusivo dos operadores, é algo generalizado em nossa sociedade. A honra aparece nesse cenário como algo desejado e obrigatório. A não punição desses jovens significaria uma eterna mancha na honra desses jovens operadores, fato que aponta para além de um desejo de vingança, um sentimento do dever de repor a honra manchada.

O relato que se segue ocorreu por volta do meio da manhã. Na esquina de uma das ladeiras um *jóquei* está parado junto ao muro de uma casa, em sua direção vem outro *jóquei* montado em uma bicicleta. Ao se aproximarem, os dois se cumprimentam e passam a conversar, em meio a isso um provoca o outro pisando em sua sandália. Eis aí a confusão armada! O jovem alvo da brincadeira ameaça reagir, ocorrendo o seguinte diálogo:

Pedro: Vai meter pedra em mim é?

Zeca: Vá sacana! fique me tirando.

Pedro: Vá meta aí! Vou ficar até de costa pra você. Meta seu laranja! Você é um laranja mesmo.

Hesitante, o jovem Zeca larga a pedra, ambos começam a fazer ligações pra operadores de hierarquia mais alta. Pedro desiste de ligar e sai por um pequeno beco em direção a uma região de baixada, retornando pouco depois com outro operador de patente mais elevada que a sua, mas de idade próxima. Ao se aproximarem, Zeca salta pra cima do João e lhe dispare um soco no rosto, os jovens se agarram, mas são rapidamente apartados pelo operador de cargo mais elevado. Nesse momento, Pedro se mostra revoltado com a agressão sofrida, e em alto som fala: “Pivete, isso não tá certo não! Rapaz, eu nunca roubei, nunca

aprontei nada aqui no bairro. Eu não sou laranja! Eu não sou laranja!”. (Diário de Campo, Junho de 2012)

Após isso, ambos os jovens envolvidos na briga ouviram um sermão de outro superior hierárquico e o conflito acabou. Entretanto, o que interessa aqui é verificar a importância do *ethos* masculino para os envolvidos na disputa. Na perspectiva de Lyra (2013), esses jovens são os guardiões do que ele chama “código de postura”, sendo apenas jovens, por vezes isso gera situações catastróficas como afirma o autor. A categoria “cria” invocada por um dos jovens é a primeira identidade coletiva (LYRA, 2013), ainda segundo o autor a ideia de “cria” significa a incorporação das características da própria localidade. Em outro caso, o conflito foi ainda mais complicado:

Em uma área do bairro com concentração de operadores do tráfico, um jovem após chegar de seu trabalho passeia a noite com sua moto pelas ruas, num dado momento encontra com uma garota, antiga colega de escola. Nesse instante, um jovem operador (Junior) - namorado da moça- dirige-se em direção aos dois, desferindo uma sequência de três socos na face e estomago do jovem sobre a moto até ser interrompido por outros dois operadores, um do baixo, outro do médio escalão do tráfico.

Caio: Que é isso rapaz? O cara é gente boa!

Junior: Se saia Caio! Se não sobra pra você também. Esse cara fica aqui dando em cima da mulher dos outros.

Sandro: Rapaz, chega disso, você não vai mais bater no pivete! (saca da cintura uma pistola e aponta para Junior)

Junior: Qual foi Sandro? Vai atirar em mim? Você tá ligado que não se puxa uma arma pra um homem se você não vai atirar nele? Só não encho esse cara de tiro por que não gosto de atirar em quem é inocente.

Junior interrompe de vez as agressões, o jovem agredido sobe em sua moto e volta pra casa. No dia seguinte Sandro comenta com um jovem no ônibus “comprei uma briga que não era nem minha”. Esta afirmação, entoada em um tom altamente reflexivo, aponta para a preocupação com os possíveis desdobramentos dessa atitude. Apontar uma arma na direção de alguém e não atirar é um “convite” para futuras retaliações por parte de quem esteve sob a mira. (Diário de Campo, Março de 2011)

Qual a representação que os operadores despertam? Para além das respostas demonizadas que já se conhece, é justamente na fala de um evangélico que surge um olhar humanizado:

Ele descreve os traficantes como sendo pessoas providas de sentimento e até mesmo de valores morais. Em certa ocasião o líder do tráfico no bairro chegou ao salão onde acontecia uma cerimônia, cumprimentou as pessoas e assistiu parte da pregação ali feita. Joel diz que muitas pessoas ficaram assustadas ao

verem aquela figura conhecida ali, entretanto para Joel isso demonstra que os traficantes são pessoas normais. A metáfora que ele usa para explicar isso é que “As pessoas são como água que se moldam a um recipiente, assim somos nós, que nos moldamos a uma realidade”. (Diário de campo, Julho de 2012)

A percepção dos moradores como meras vítimas da atuação despótica dos operadores do mercado de drogas não dá conta da diversidade de acontecimentos que ocorrem nos becos e ladeiras do bairro. Há de se observar aqui o repertório de atuações dos moradores, repertório que obriga os operadores a negociar certos aspectos de sua atividade com aqueles.

Você tem aquela consciência que o traficante tá ali e ele sabe que você é do bairro. Ele não vai mexer com você, você não ouve relato de assaltos a casas de família; se acontecer e chegar no ouvido do próprio tráfico a pessoa vai ser punida severamente e, curioso, a gente tem uma sensação de segurança, mas é contraditório se não fosse trágico, a gente se sente mais seguro com o traficante do que com a presença da polícia. Quem ouvir a entrevista vai perguntar. Por quê? O traficante me conhece, o traficante conviveu comigo desde pequeno, ele sabe que eu não me envolvo e ele sabe que ele tem que me respeitar, se eu trazer a polícia cá pra dentro pior pra ele. Infelizmente, a polícia quando entra aqui ela não procura saber quem eu sou, ela não procura saber de minha índole, ela chega me dando um tapa e mandando eu encostar ‘encosta desgraça! Cadê a droga?’. Você vai se sentir seguro com o traficante ou com o policial? (Marcos, 24 anos, grafiteiro)

Um dos significados desses diálogos é garantir a coexistência entre o “mundo do tráfico” e o cotidiano dos demais moradores:

É os meninos de 10, 11, 12 anos lá no beco... Outro dia, lá no fundo da minha casa, eu vi o movimento e sai, ai tá lá futucando! ai falei assim: “venha cá, faça o favor!”, ele falou: “colé, minha tia?”, eu disse: “Colé não! Tá pondo o que aí?”. Ele: “ha, minha tia é o bagulho”, avisei: “pegue seu bagulho, aqui pertence a mim, eu tenho duas crianças, aqui não é lugar de ponto de droga não, entendeu? Pegue sua porra e vá guardar em outro lugar”, ele botou queixo: “colé minha tia e se os homens (polícia) baixarem aí?”. Aí foi minha vez: “eu sinto muito, mas se os homens baixarem vão dizer que eu é que estou consumindo, que estou usando, que estou vendendo”. No fim ele concordou: “Ô minha tia, mais tarde eu venho e pego.”, deixei: “tá bom, mais tarde você venha e pegue”. Demorou uns vinte minutos ele veio e pegou. (Helena, 29 anos, Dona de Casa)

As interações entre os moradores e os ditos traficantes se dão nas mínimas, mas essenciais questões das práticas cotidianas. Muitos dos jovens do bairro possuem motos,

inclusive os que estão no *movimento*, gostam de modificá-las, em especial nas descargas, tornando seu barulho mais alto.

Além disso, partilham o gosto de curtir a noite, principalmente nos fins de semana. Com isso, eles passam acelerando suas motos em altas horas da noite, fato que por muito tempo incomodou o sono dos trabalhadores, e levou *cabeças* a ordenarem que todos deveriam colocar descargas menos barulhentas.

6.7 TRÁFICO E AS PRÁTICAS TERRITORIAIS

Quando se pensa nas ditas leis do tráfico na periferia é muito comum pensar na lei do silêncio que o tráfico implementa de modo tirânico. Contudo, segundo Lyra (2013) a periferia é antes de tudo o lugar do silêncio das leis. As leis não precisam serem recitadas com constância.

Uma das ações implementada nesta fase concentração do mercado de drogas foi o monopólio das armas, sendo assim é totalmente vedada a posse e porte de armas pelos moradores comuns. Com isso, ficou mais difícil a ocorrência de crimes passionais e outros delitos por arma de fogo. A restrição da arma de fogo criou um cenário de violência cada vez mais restrito ao mundo do crime, as “pessoas de bem” deixaram de ser os protagonistas de muitas das catástrofes que se tem conhecimento.

As práticas de controle e as punições não são necessariamente violências físicas, há também violências sociais e simbólicas: repreensão verbal, demissão enquanto específica para operadores, surra, degredo perpétuo e a morte. O que se objetiva com este conjunto de sanções é o reestabelecimento da ordem (LYRA, 2013) estabelecida ou mantida pelo tráfico.

A forma de controle que chamamos assistencial, um tipo de clientelismo, busca minimizar os efeitos negativos do tráfico, assim como criar uma cumplicidade entre este e os moradores.

É uma relação muito boa, hoje em dia a gente pode confiar [mais] neles que na polícia. Entendeu? Eles ajudam a comunidade, fazem um monte de coisa pela gente, qualquer coisa que a gente chega lá neles e fala “pô tô precisando de um gás não tenho condição de pagar” eles dão. Dia das mães eles fizeram um jantar, um café da manhã; fazem uma festa boa, sorteiam presente, prêmios bons. Páscoa saem dando ovo, dão peixe. Entendeu? (Caio, 13 anos, estudante)

O espírito desta ação é minimizar possíveis descontentamentos que o comércio de drogas gera nos moradores, bem como desmotivar possíveis delações.

O controle social exercido pelo tráfico também se expressa no disciplinamento das condutas juvenis.

É engraçado de ver, pela manhã eu pego o micro-ônibus aqui do bairro ai vão dois, que são envolvidos, ai o ônibus vai cheio de estudante, ai eles falam como se fossem policiais. ‘Entra todo mundo! Agora senta todo mundo! Todo mundo quieto!’. Os motoristas adoram né, não tem bagunça. Semana passada pegaram dois pulando a janela do ônibus, oxe... eles foram atrás do ônibus e mandou os dois descerem e deram de pau nas mãos dos dois. (Marcos 22 anos, Universitário)

Tal ação fiscalizadora previne confusões e brigas dentro do ônibus, evitando chamar atenção da polícia.

Soma-se às ações descritas acima, a negociação recorrente com a polícia por meio de pagamentos contínuos ou eventuais para diminuir as investidas policiais e distúrbios no comércio de drogas (ZALUAR, 2009).

Esse fato já fora registrado na memória dos moradores em uma série de ocasiões, de modo que, uma conversa com pessoas – que como eles dizem: “*não se envolvem em nada*” - é marcada por ricos relatos de propina e extorsão, ao passo que também se faz um julgamento moral generalizado acerca da instituição policial.

Um ex-aluno que é do negócio veio e falou pra ela “professora fecha a janela quando os homens chegarem, a senhora anda vendo demais”. O que ela tinha visto no dia anterior, era dois carros da CHOQUE (grupamento policial) parados, ai o cidadão lá desceu com duas sacolas e entregou aos policiais, ai você já imagina o que pode ser né? (Ana, 28 anos, Cabelereira)

Segundo Barbosa (1998), o que há de diferencial na relação entre o tráfico e a polícia é justamente a extorsão continuada.

A oratória compõe o eixo de ações que se usa nas práticas de controle, “dá uma ideia” não é apenas uma mera conversa, constitui-se em uma séria notificação verbal. Sua aplicação se dá em pequenos conflitos ou crimes vistos socialmente como de média gravidade, o exemplo disso é a violência doméstica e intrafamiliar praticada contra a

mulher, “Oxê! marido que bate em mulher e eles ficar sabendo, eles chegam e falam, ‘manda subir aqui pra falar com a gente’, e se não for eles buscam, eles não quer saber de homem batendo em mulher.” (Tadeu, 19 anos, estudante).

Sua aplicabilidade pode ocorrer mais de uma vez no mesmo indivíduo, mas não atingindo uma terceira repetição. Para os tipos de conflito que este instrumento de ação se propõe a solucionar, sua eficácia tem sido de alta performance, pois evidencia-se na oratória de um traficante todo poder político acumulado, transformando sua fala em uma lei de execução penal ao repreender os indivíduos.

Ainda no que tange à questão de violência contra a mulher, não se pode cair aqui no determinismo: o tráfico condena a violência contra a mulher. Não é isso, ao menos não com essa generalidade.

O primeiro evento a que nos deteremos a analisar é um duplo homicídio, um casal. O homem já estava *garrado* (nas mãos dos operadores) há certo tempo, a mulher foi pega na porta da escola, no momento em que deixava o turno escolar noturno. Segundo informações, inicialmente não iria ocorrer o homicídio, os dois haviam sido pegos para uma conversa. Entretanto, a mulher teria dito que falaria sobre aquilo que estava ocorrendo com a BCS (Base Comunitária de Segurança). O casal foi amarrado e torturado em um local fora do bairro, sendo mortos com disparos de armas de fogo em seguida, seus corpos foram encontrados nas imediações de um condomínio de luxo próximo ao bairro, sobre os corpos foram achadas duas cobras. A motivação do crime ainda encontra-se em aberto, mas há a hipótese de crime de vingança começa a ganhar força. Tudo aponta para isso, pois a mulher tinha sido namorada de um *cabeça* do bairro, que hoje se encontra preso, ela teria deixado de ir visitá-lo no presídio e passou a desenvolver outro relacionamento, fato que teria irritado o jovem preso, levando a essa situação. (Diário de Campo, Fevereiro de 2013)

Há ainda o fato de que, muitos dos jovens no tráfico se relacionam com muitas pessoas ao mesmo tempo, sendo boa parte delas meninas saindo da infância entrando na adolescência. Para muitas delas esta é uma relação que elas se permitiram entrar, mas não tem o mesmo poder de decidir sair. O fato de que irão morrer se pensar em terminar a relação é algo que muitas ouvem, fazendo delas mais uma das posses desses jovens portadores de uma hipermasculinidade. Sendo assim, o combate às agressões conjugais se dá muito em função de não querer as desordens provocadas pelos gritos que tal ato desperta.

Outro de tipo de punição tem um caráter específico - a demissão - sendo seu uso limitado aos operadores do tráfico. Devido ao espírito de risco envolvido no comércio de drogas e a sua busca pela maximização dos lucros, exige-se dos indivíduos uma conduta dentro das diretrizes traçadas, atitudes como: perda da mercadoria, erro na checagem dos valores vendidos, entre outros atos, mostram-se erros graves e de grande desaprovação, muitas vezes consegue-se o perdão trabalhando de graça por alguns dias na boca, com o intuito de cobrir as perdas financeiras. Entretanto, outras vezes resulta na demissão do indivíduo da boca, uma punição dura, dada a sua dimensão, pois, esse indivíduo não terá nova oportunidade em nenhuma das bocas de fumo. A vaga criada por conta da demissão é logo preenchida por outro indivíduo disposto a ingressar no tráfico.

As surras constituem o elemento médio na escala punitiva, pois possui o caráter de violência física, mas sem eliminação da vítima, sua aplicação pode ocorrer em espaços públicos ou privados, sendo determinante para tal a motivação punitiva. Na pesquisa de Lyra (2013), seus interlocutores usam a terminologia “dar um pau” ao falar das surras, aqui encontrou-se outras: “dá barrotada”, “dá um pega”, “dá um sacode”. Dentre a gama de dados coletados, selecionamos um trecho que relata uma punição por conta da retirada de drogas para uso, sem que houvesse autorização por parte do chefe do tráfico, o *Cabeça-xeque*, a punição é aplicada em dois jovens, Roberto e Euler, por um grupo de seis pessoas. Euler apanha dentro sua casa, tomar vários golpes nas costas com mangueira de gás, depois é levado até o local onde está Roberto, vindo a ser travado o diálogo que se segue:

Chefe do tráfico= Vem cá, eu mandei você fazer algum serviço pra mim?

Roberto= Não.

Chefe do tráfico= Quem mandou?

Roberto= Foi Marcelo

Chefe do tráfico= Por que você foi lá pegar droga em meu nome? Eu mandei?

Roberto=Não, eu fiz o serviço aqui o cara vai me dá dinheiro, eu pago o cara lá, só pra adiantar o meu lado.

Chefe do tráfico= Não, você vai apanha por causa disso, olha o que eu fiz nas costas dele. Ele (Euler) tava com você?

Roberto=Não.

Chefe do tráfico= Você chamou ele foi?

Roberto= Não.

Chefe do tráfico= Tira a camisa ai.

Roberto= O véi não faz isso não!

Chefe do tráfico= Não mandei você fazer nada, você vai apanhar por causa disso. Você vai bater também, viu Euler? Se não vai apanhar de novo!

Euler= Ave Maria! Então vou bater, não vou tomar mais.

Segundo o próprio Euler, ele recebeu uma quantia em dinheiro para cuidar de seus ferimentos, no dia seguinte virou motivo de piada de outros jovens do tráfico “Viu sacana vai pegar droga sem o cara mandar, na próxima o cara vai arrancar sua mão ou sua língua.” (*Jóquei*). O tráfico desempenha diferentes funções, reivindicando para si um conjunto diversificado de papéis, inclusive o de fiscalizador. Como já apontou algumas pesquisas, o tráfico vai muito além dos controles necessários ao seu comércio de drogas (LYRA, 2013, RODRIGUEX 2013 TELLES; HIRATA 2007).

Os meninos ficavam bagunçando no colégio, em vez de estudar não ficavam fazendo baderna; jogando cadeira, jogando mesa, xingando professor, mandando professor tomar não sei onde. Eles já falou que não queria isso, outra coisa é aqui no mercado, ficam xingando aqui na frente. Não pode também... Ai ficaram sabendo a história dos dois meninos, ai foi lá e conversou ‘vem cá já não sabe que não é pra ficar xingando?’ Começou a bater, bateu, bateu, até ficar com mão enxada, já tinha vindo na escola e falou, ai os meninos continuo...Pegou um em casa e foi na casa do outro e começou a bater. (Diego, 17 anos, estudante)

Quando o termo degredado é suscitado, de imediato nosso pensamento é remetido aos longínquos tempos de Brasil colonial onde indivíduos, como o poeta Gregório de Matos, condenado à pena do degredo perpétuo, é obrigado assim a deixar sua cidade para nunca mais voltar. Ao contrário do que se possa pensar, esse tipo de punição não está restrito ao nosso passado, o degredo perpétuo é uma prática constante no cenário urbano, mais uma forma de exercer o controle social que o tráfico se apropriou e utiliza com muita destreza.

Em regiões em que o tráfico domina não é raro os casos em que pessoas são condenadas a deixarem suas comunidades como forma de punição. Essa punição possui um amplo poder simbólico, pois ela representa a morte social dos indivíduos, uma vez que eles são obrigados a se retirarem de suas comunidades perdendo assim seu referencial territorial. Perde-se um elemento importante de sua identidade, somando-se a isso, um

afrouxamento nas relações sociais por conta da diminuição de contato com seus parentes e a quebra nas suas demais relações quotidianas.

Teve uma festa aqui na praça ai a galera envolvida tava todo mundo lá, ai esse maluco sobe no palco e tira foto da galera, ai o pessoal avisou que ele ia rodar, ai ele se saiu, depois resolveu voltar. O outro, os cara tinha mandado ele sair fora por causa de uns vacilos dele, ai ele se saiu, mas ai resolveu voltar pra vender a casa dele que ele tinha aqui, ai os caras ficaram sabendo que eles tavam nas áreas e ai foram atrás e derrubaram os dois no mesmo dia. (Enéas, 20 anos, estudante)

Quando os indivíduos condenados à morte social resolvem romper com a punição a eles imposta, há uma quebra do controle social exercido, e a forma mais comum e eficaz de restauração é a morte do infrator. Por isso, é comum que os indivíduos não mais retornem e passem a morar em outras comunidades, ou passe a viver em cidades da zona rural onde haja laços de parentescos.

Camila e Davi foram mais duas pessoas que saíram fugidas do bairro, havendo sério risco de morte caso tentem retornar. A história de ambos se faz digna de ser relatada aqui. Camila é tia de Davi, eles são de uma família onde já houve a aderência de outros membros em atividades criminosas no passado, a irmã de Camila já trabalhou para o tráfico no seu período varejista, mas causou “quebrança” (não prestou conta de todo o dinheiro) na boca, utilizou parte da mercadoria, gerando um prejuízo à boca, mas ela acreditava que sua condição de mulher evitaria sua punição, fato que não ocorreu. Na época, os operadores cobraram caro essa “quebrança”, a mesma morreu com vários disparos. Um de seus cunhados tinha uma extensa carreira como assaltante, realizando ações até mesmo no bairro, veio algum tempo depois ser moto em outro bairro. O envolvimento de Camila com o tráfico se deu por conta de seu relacionamento amoroso com um operador que gerencia um dos pontos do bairro, mesmo após o término do relacionamento ela continuou tendo relações estreitas com os demais operadores, realizando algumas transações. Davi é um caso ainda mais interessante, ele realizou alguns furtos no bairro, inclusive na casa dos próprios parentes, o que levou alguns operadores a querer sua morte, mas um dos “braços-direito” o conhecia e não permitiu, colocando o mesmo para passar um tempo fora do bairro. Ao retornar, o mesmo ficou morando com sua tia Camila, ingressando no tráfico como olheiro. No primeiro fim de semana do mês de março ocorreu grande tensão, os operadores do tráfico constataram uma “quebrança” envolvendo Camila e Davi. Com isso, um grupo colocou-se a procurá-los na residência que eles tinham na parte frontal do bairro, não os encontrando, passando então a se deslocar para a outra residência colocada na parte central do bairro. Neste intervalo, Camila e Davi receberam uma ligação avisando do risco que estavam correndo, imediatamente eles abandonaram a casa e fugiram no carro de um morador que realiza frete, desembarcando na rodoviária, pegando um ônibus para um interior onde possuem laços familiares. (Diário de Campo, Março de 2012)

O último elo da cadeia punitiva é letal, ceifando a vida do indivíduo, a morte nesse sentido não é a finalidade, mas sim um meio de caráter resolutivo/punitivo. Este tipo de ação expressa a magnitude do controle, na medida em que as mortes ocorrem por meio de ações parecidas com processos cirúrgicos, atingindo apenas os corpos desejados, como também a demonstração de força fica evidente a todos.

Hoje ocorreu um duplo homicídio no bairro, um homem e uma mulher foram mortos em meio a um espancamento. A narrativa do fato ainda possui lacunas, carecendo de um maior detalhamento, mas eis o ocorrido. Uma das creches do bairro já havia sofrido alguns arrombamentos e com isso alguns de seus pertences foram furtados, os traficantes do bairro estavam desejando descobrir a autoria dos arrombamentos, uma vez que conseguiram identificar ou simplesmente acreditaram ter encontrado o culpado partiram para a aplicação da punição. Munidos de pedaços de madeira começaram a desferir vários golpes sobre o corpo de uma mulher, supostamente a responsável pelos arrombamentos. Ao perceber ação dos traficantes o cunhado da mulher tentou intervir e também passou a ser agredido, ambos vieram a óbito. (Diário de campo, Outubro de 2011)

Quanto maior o nível de violência utilizada em uma morte, maior é a simbologia sobre ela, sendo assim a morte dos que são considerados inimigos são feitas sempre que possível com armas brancas:

As mortes violentas são sem dúvidas repletas de significados e comunicações, a busca por entender cada uma dessas mensagens é algo a que costumeiramente se persegue na estadia no campo. Nos últimos dias, com ajuda de um grande amigo, Breno, consegui detalhes de dois eventos que há muito tentava entender. O primeiro evento dá conta da morte de um casal, eles estavam sendo acusados de serem envolvidos com um grupo de traficantes de um bairro rival. Segundo Breno, já ajoelhados, o casal jurava inocência, mas sem muita credibilidade, o próprio Breno disse: “eles eram envolvidos mesmo”. A consequência já estava marcada, os dois seriam mortos, mas suas mortes não ocorreriam de qualquer modo, seria feita com o uso de um machado, de olhos fechados e chorando muito a mulher implorava para não ser morta. Breno fala que enquanto suplicava, a mulher recebeu o primeiro golpe, ele faz um gesto apontando a mão para a própria testa, o estado de desespero teria levado ela a um transe tamanho que ela não sentiu o primeiro golpe, e seguiu pedindo para não ser morta, mesmo com o machado na cravado na testa. Surpreso, mas porém determinado, seu algoz puxa o machado e segue com destreza sua ação, os dois são esquartejados após serem mortos. Por conta da divisão, e criação de rivalidade com o bairro vizinho, traficantes de ambos os lados tentam obter informações uns sobre os outros. Na tentativa de saber das atividades dos traficantes daqui, um homem de idade já avançada é enviado para o bairro, sua missão está clara, precisa alugar uma casa no centro do bairro e ficar observando as atividades do tráfico. Desconfiados, os traficantes começam a suspeitar, não demora para que os mesmos venham a ter a confirmação que desejam, diante disso partem para a ação. O homem é capturado seu corpo recebe ágeis golpes de machado, ao fim sua cabeça é separada de seu corpo, e

os traficantes ficam chutando a cabeça ali na rua, uma espécie de futebol. (Diário de Campo, Maio de 2012)

É preciso pontuar que muitos dos jovens que estão no tráfico não possuem necessária sede sanguinária, mas mostram-se como determinados a cumprir ordens. Lyra (2013) já relatava os dilemas que muitos dos garotos armados sofriam quando se viam na condição de cometer um ato violento contra alguém indefeso.

Uma das modalidades de crime mais repudiáveis nas periferias é justamente os de caráter sexual, sendo assim no ato de execução dos que ousam praticá-los há sempre uma ativa participação tanto dos traficantes quanto de moradores:

Hoje é feriado internacional do trabalhador – 1 de maio. No bairro, em meio ao clima de fim de semana que o feriado promoveu em plena quarta-feira, não se vive um marasmo completo. A madrugada do bairro foi agitada, ocorreu uma mobilização durante as primeiras horas do dia para a captura do estuprador e assassino da moradora evangélica. Segundo informações, cerca de 20 homens se reuniram e esperaram junto à mata próxima ao bairro, por volta das três da madrugada cercaram um homem que portava duas facas. O homem foi amarrado e levado para dentro do bairro. O que se seguiu foi um ritual ao estilo medieval, espancamento em via pública com o objetivo de extrair a confissão do homem. A sessão foi registrada com celulares que tiraram fotos, vindo as mesmas a serem compartilhadas nas redes sociais e comentada por diversas pessoas. Os comentários se dividem entre os que apelam a uma fé cristã, defendendo que não se cometa esse tipo de ato e aqueles que aplaudiam o ato de linchamento. Dentre os comentários feitos, o comentário de uma criança é o que mais chama a atenção, trata-se da filha da moradora morta, ela legítima o linchamento e xinga o suposto estuprador. No dia seguinte, em cada roda de adolescentes que se encontrava pela rua o assunto mais comentado era o linchamento, analisado em cada chute, soco e golpe de faca, desferidos contra o acusado. Os relatos dos moradores dão conta de que o corpo do acusado foi jogado no córrego que corta o bairro, existe ainda a possibilidade de que o corpo tenha sido esquartejado antes de ser jogado. Soubese que a polícia afirmou esperar que o corpo venha à tona para que seja retirado, não houve qualquer esforço de vasculhar o córrego para a retirada do corpo. Neste sentido, a morte deste homem não consta nas estatísticas oficiais da Secretaria de Segurança Pública. (Diário de Campo, Maio de 2013)

O fato dos crimes sexuais serem visto com reprovação pode induzir a um grave erro, torna-se tentador pensar em uma valorização da mulher. Fato que não ocorre. O tráfico, como já foi dito, é o espaço da masculinidade desenfreada, onde a maioria dos jovens possuem mais de um relacionamento contínuo e outros eventuais. As jovens com quem se relacionam recebem rotulações: “mulé de”. Não se trata apenas de uma

referência de com quem ela se relaciona por meio de uma palavra diminuta, trata-se de um reconhecimento de propriedade. Sendo assim, não são elas que dizem quando a relação acaba, pois não é a propriedade que diz quando não quer mais o proprietário. Muitas já foram vítimas de surras e ameaças de mortes. O contexto em que as mulheres de periferia se encontram é de extremo machismo, ainda mais quando se referem às mulheres dos operadores. Houve situações em que algumas tiveram surras ordenadas por seus parceiros presos, surras essas levada ao cabo por mais de uma pessoa. Diferentemente das “mulheres de bem”, “mulé de” traficante apanha calada.

O fato de as ações dos operadores do tráfico se espriarem para outros espaços não se deve propriamente ao tráfico e sim ao contexto em que ele se insere, pois o tráfico não se caracteriza como um fenômeno rígido, mas sim o contrário, ele é fluído, moldando-se ao contexto.

O tráfico descrito por Grillo (2008) enquanto “pista”, aquele praticado na classe média, não possui ações para além do comércio de drogas, visto que não há vácuo de poder ou de autoridade, tudo está hierarquizado e preenchido. Contudo, na periferia onde o tráfico é baseado em território, há muitos vácuos. O Estado deixou várias falésias que foram sendo historicamente preenchidas pelo tráfico. Não se quer dizer com isso que o Estado inexistente, mas sim que sua presença é rarefeita, principalmente quando se pensa o Estado de direitos.

Ao mesmo passo em que diminuíram os crimes patrimoniais no bairro, aumentaram os assaltos às transportadoras de valores e bancos praticados por grupos que se organizavam a partir do bairro da Ilha Grande. Assim, se de um lado o tráfico tem proibido assaltos no bairro, do outro lado ele organizava roubos a bancos fora do bairro ou outras áreas do estado da Bahia. Assim, o tráfico não apenas concentra-se sobre si a violência, perpassando uma sensação de calma aos moradores, como também determina as demais ações criminais, seja incentivando-as ou oprimindo-as.

Ao mesmo passo que o tráfico demonstra poder ao estabelecer regras e aplicar punições nas práticas cotidianas, ele acaba por se fragilizar, visto que, todos sabem a quem procurar. A visibilidade torna-se algo incontornável, desenvolvendo o caráter débil do tráfico, a incapacidade de se manter anônimo.

7 OS CONFLITOS ARMADOS E SUAS NARRATIVAS

A ténue margem de equilíbrio no tráfico baseado em território, que faz dele um mercado crítico, algo comprovado a partir da prisão do líder do tráfico em 2010. A partir dali, muitas das tensões existentes ficariam evidentes e outras tantas surgiriam. Todos os conflitos que aqui serão apresentados configuram-se enquanto atos de metamorfose, pois alteraram a estrutura e suas características.

Os conflitos armados realizados nas periferias do Brasil são incógnitas, visto que ao mesmo tempo em que todos sabem de sua existência, e ousam criar suas próprias teorias a respeito, muito pouco está desenvolvido nesse sentido com alguma metodologia de pesquisa.

Uma das inovações na realização desta pesquisa, é justamente a tentativa de cobertura destes conflitos *in lócus*. Há na literatura é claro processos de descrição dos conflitos, mas são construções de reconstituição de conflitos. (ZALUAR, 1994; BARCELOS, 2007). Já Lyra (2013) e Rodriguez (2013) tentam promover reflexões a partir da fala dos jovens que participaram de conflitos armados na condição de traficantes.

Ao se pensar nas guerras de tomada e retomada de território pelo tráfico - ocorridas entre 2011 e 2014 - está se falando essencialmente de fragmentações e rupturas, uma das fases que comumente o tráfico enfrenta (LESSING, 2008), resultando posteriormente em um regresso à estrutura anterior, a concentração. Quando se busca entender o panorama dos últimos anos, após a prisão do então líder, observa-se um contingente significativo de conflitos.

Como explicar cada um deles? Para Ehrenreich (2000), diferentes guerras levaram a diferentes teorias. Contudo, há um elemento em comum entre os conflitos armados que precisa ser apresentado, a guerra inverte tudo o que é moral e direito. (EHRENREICH, 2000). Quando ocorre a troca de tiros os moradores enfrentam seu maior temor – a morte dos inocentes, o tipo de morte que se tem um pesar na periferia (ZALUAR, 1994). Sendo assim, todos se abrigam em suas casas e deixam as ruas entregues aos interesses e disputas dos grupos.

A troca de tiros privatiza momentaneamente as vias públicas, somente os que disputam a territorialidade ousam passar pelas ruas. Quando se pensa no termo “guerra

do tráfico” e em seus efeitos, torna-se tentador pensar nas trocas de tiros e mortes. Contudo, isso é apenas o cenário mais aparente aos olhares externos. O que resulta de mais essencial durante uma guerra é o esvaziamento e o silêncio, esses sim remetem o olhar científico para o que há em seus mais profundos efeitos. Silêncio e esvaziamento não podem aqui serem compreendidos por meio do senso comum, não significando puramente assim a ausência de algo, é muito mais que isso.

Durante as entrevistas e conversações informais, percebeu-se que os moradores expressavam a tensão que viviam em meio aos sussurros de suas curtas frases, havendo com frequência a citação do esvaziamento das ruas como um dos efeitos da guerra. Ao se observar as longas ruas ou estreitos becos, ausentes de suas movimentações, sejam de dia ou à noite, percebe-se um sinal claro – um estado de tensão paira sobre todos.

Eis que a efervescência na porta dos bares à noite não se faz mais presente, os trabalhadores agora andam apressados, ansiosos para chegarem às suas casas, muitos mudam seus caminhos, evitando as ruas com maior incidência de conflito. Há um cotidiano em suspenso. De repente, as práticas rotineiras são alteradas com maior ou menor intensidade, mas de algum modo todos são afetados, há uma notoriedade no que está acontecendo. Nos momentos de guerra as relações cordiais que o tráfico tenta manter com os moradores está suspenso, revelando assim os limites das regras de convívio – até começar a próxima guerra.

Eis o momento de maior visibilidade do tráfico, pois as armas estão empunhadas, e conseqüentemente visíveis, as regras do conflito precisam ser transmitidas a todos. Pode-se escolher a hora de atacar o inimigo – *os alemão* – mas não se escolhe a hora de se defender de algum ataque, o que corrobora para uma maior exposição dos que estão imersos no conflito.

Costumeiramente, pensa-se no silêncio como algo imbricado a uma dada calmaria – uma paz– representando assim um ambiente positivo ao indivíduo. Contudo, esse pensamento mediano se encontra em desacordo, mais especificamente, em antagonismo com o significado que o silêncio representa no bairro estudado. O silêncio é um grito, a mais forte expressão da tensão despertada pela guerra.

Na avenida agitada que tanto gosto de passar, principalmente nas altas horas noite por conta de sua agitação, agora jaz em calmaria. Não se ouve os louvores das igrejas evangélicas que anteriormente disputavam meu ouvido de um lado e do outro da calçada, agora os horários dos cultos são mais cedo. Os bares

sem seus cativos clientes fecham as portas muito antes da tradicional madrugada, não sendo mais possível escutar o *pagofunk*. O *baba* que as crianças faziam na avenida – uma das poucas ruas planas – acabou. Como entender esta substituição de todo um cotidiano? Durante muitas madrugadas, mergulhadas em canecas de café, esforcei-me para criar uma alusão que pudesse tornar inteligível esse fato. (Diário de campo, Fevereiro de 2014)

A melhor alusão a ser feita é a apropriação do público pelo privado, as necessidades e vontades de uns se sobrepõe e altera a rotina da totalidade. O que ocorre nas disputas do mercado de drogas é algo que afeta a todos, pois a territorialidade do tráfico se confunde com a própria área em si (MISSE, 2007).

7.1 A TOMADA: TRAIÇÃO DE UM SANGUINÁRIO

Desde a prisão do líder, Galego, o comando do tráfico foi problemático, pois dias após sua prisão um dos seus *cabeças* que fazia o papel de seu “braços-direito” foi preso, o que desencadeou um conturbado processo, onde de dentro da prisão o líder do tráfico tentava achar o melhor líder para seguir suas ordens no bairro da Ilha Grande, sendo experimentado muitos dos seus “braços-direito” no cargo. Contudo Vando, o último a ser colocado no poder, resolveu que melhor que ser mandado era mandar:

Um espectro de medo se espalhou pelo bairro, a escola de ensino médio do bairro avisou que só funcionará até as 21 h, muitos bares estão fechando mais cedo, as ruas estão vazias. A motivação para tudo isso decorre da mudança de liderança no tráfico do bairro. Após a prisão do líder do tráfico no bairro seus “braços-direito” ficaram encarregados de executar suas ordens, mas um a um foram sendo retirados da linha de frente do tráfico; o primeiro sucessor foi preso, o segundo acusado de roubar e conseqüentemente expulso do bairro, já a último “braço-direito”, esse quebrou a hierarquia. (Diário de Campo, Junho de 2011)

Vando era tido como um cara “burro”, incapaz de ter inteligência para o cargo onde foi colocado. Entretanto, ele mostrou que poderia surpreender a todos, pois deu um “golpe” e tomou o território para si.

A trajetória de Vando cabe aqui ser descrita, ele iniciou sua carreira no tráfico no patamar mais baixo, ele era um *guarita*, progrediu rápido, passando pela função de venda e se transformando em segurança, pois tinha uma postura de enfrentamento baseada na lei de: “devolver na mesma moeda”. Vando tinha no líder preso um grande parceiro, mais que isso, eles dividiam laços de parentesco, mas isso no entanto foi deixado de lado.

Sua personalidade agressiva e impetuosa fez com que ele ganhasse fama e passasse a ser temido, o inverso de Galego que era visto como bem feitor. Vando desenvolveu apego ao sangue, gostava de *triscar o dedo* (atirar) contra seus desafetos, além de esquartejá-los.

Com uma personalidade vista como hostil por boa parte dos moradores, Vando começou a pregar um típico ensinamento de Maquiavel (2010) de que é melhor ter o temor do que propriamente o amor sobre quem se exerce o poder, ele ordenou que à família do líder preso saíssem do bairro. A esposa do líder, juntamente com a irmã e cunhado, acataram a ordem de sai, os filhos do líder preso encontram-se refugiados na casa da avó sem poder ir à escola. Para alguns, ele se mostrou muito inteligente na tomada de poder, para outros, ainda mais “burro”, visto que ele não poderia evitar de lutar mais cedo ou mais tarde pelo território.

Essa tomada de poder representou mais que uma quebra de hierarquia, significou também o estabelecimento de tensão na fronteira entre o bairro da Ilha Grande e o bairro do Dendê, pois o antigo líder comandava ambos. O que antes era um único território foi fragmentado em dois, além é claro de tornarem-se antagônicos.

Pensando nas possíveis retaliações, Vando se fortaleceu convocando mais e mais homens, pessoas nunca antes vistas no bairro começaram a circular, muitas delas armadas, inclusive uma grande figura do tráfico baiano solto da prisão recentemente, as bocas de fumo tiveram o número de *guaritas* reforçado, alguns armados. Logo nos primeiros dias da tomada, os indivíduos mais próximos da antiga liderança encontravam-se em sua maioria refugiados em casas dentro do próprio bairro à espera das ações do líder preso, outros já conseguiram sair do bairro e também aguardam ordens.

Após tomarem o território para si, os indivíduos à frente deste novo grupo mandaram chamar os principais donos de bares do bairro para conversarem. Neste encontro, foi avisado que estava proibido pronunciar o nome da antiga liderança do

tráfico. Outro motivo para a convocação era desmentir o possível toque de recolher: “Não tem nada de toque de recolher, não. Se alguém falar isso, avisa a gente pra gente resolver”. Em meio a isso, as opiniões dos moradores que conhecem os fatos se dividem, alguns clamam pelo retorno da antiga liderança, enquanto outros apoiam o novo comando.

Há alguns dias, Carioca, um antigo *braço-direito* do líder, afastado da estrutura por suposto roubo, sofreu uma tentativa de assassinato por parte dos traficantes do bairro vizinho, a ação teria ocorrido por mando do líder preso. Entretanto conseguiu escapar, temendo pela própria vida Carioca se aliou à nova liderança. (Diário de Campo, Agosto de 2011).

Se por um lado a tomada não representou cenas de grande violência, as ações para se confirmar no poder foram agressivas.

O dia começou, são quatro horas da manhã, um jovem chamado Davi caminha pela rua, segue em direção ao seu emprego, repentinamente é parado por um outro jovem envolvido com o tráfico chamado Pedro. Eis o diálogo travado:

Pedro: Davi!

Davi: E ai cara qual foi?

Pedro: Dá um tempo aqui, não sobe agora não.

Davi: Qual foi?

Pedro: Fica na sua.

Davi: Beleza.

Ao olhar para uma das vielas Davi avista um grupo com cerca de oito ou nove pessoas caminhando em sua direção, em suas mãos estão fuzis e submetralhadoras, no canto da rua próximo a um bar uma mulher chora e grita o nome de um homem. O cenário foi desenhado, acaba de acontecer uma execução.

Pedro: Davi adiante seu lado e fique tranquilo.

Davi: falou!

Após subir a ladeira Davi vê uma viatura, dentro estão três policiais armados com fuzis e pistolas, a viatura para no alto da ladeira e os policiais olham em direção ao fim da ladeira, ao constatarem o número de indivíduos e o amplo armamento empunhado retornam para a viatura e vão embora. O telefone de Davi toca, Pedro liga para Davi para explicar o ocorrido, segue reconstituição do diálogo:

Davi: Qual foi fio?

Pedro: Se ligue cara. Você viu os caras ali?

Davi: Vi. E ai da qual foi?

Pedro: Eles foram matar Julho.

Davi: Porra é essa! Sério?

Pedro: Foi, derrubaram ele, foi dentro da casa da mulé dele, deram sete pipocos nele.

(Diário de Campo, Outubro de 2011)

Julho era o *cabeça* de uma das áreas na parte frontal do bairro Ilha Grande. Há alguns meses atrás, após a prisão do líder do tráfico do bairro, a polícia realizou uma operação na boca de fumo gerenciada por Julho, como consequência a boca mudou de local e julho resolveu dá um tempo fora do bairro, deixando um de seus “chegados” cuidando da boca. Recentemente retornou e retomou a liderança da boca, entretanto, o indivíduo que o substituiu não achou certo Julho reassumir o que ele havia abandonado e juntamente com Vando, que tinha Julho como desafeto, formou a conjuntura para a morte de Julho.

Os atos de Vando não se restringiram às pessoas diretamente ligadas ao tráfico, mas a qualquer um que tivesse algum laço com figuras do antigo *comando*. Uma das ações que marcou a estadia de Vando à frente do tráfico se deu durante uma noite de muito temor no bairro, liderando de um *bonde* com cerca de vinte “homens” (muitos não passam de adolescentes), ele incendiou uma série de casas.

Alguns moradores relataram aos repórteres que tiveram suas casas invadidas, tendo armas apontadas para suas cabeças, inclusive para crianças, sendo ordenado a elas que saíssem de casa. Após isso, as casas eram incineradas com gasolina. A fumaça que subia das casas era vista em diferentes partes do bairro, o que atraiu a polícia e a imprensa para o bairro, um ato que foi visto como “burrice” de Vando, mas por outros, um claro sinal de sua instabilidade. (Diário de Campo, Novembro de 2011)

Esse ato despertou em muitos um profundo repúdio, afinal o ato tinha extrapolado a moral vigente, visto que havia se espalhado sobre pessoas que, ainda que com algum grau de parentesco com certos *cabeças*, não eram vistas como *envolvidas*, sendo assim não era esperado que de algum modo fossem vitimadas. Com isso, houve o efeito reverso, passou-se a desejar por parte de muitos moradores que Vando fosse retirado do poder

Em conversa com um antigo amigo de escola, o mesmo me relatou os fatos ocorridos, entretanto diz está calmo, pois, sabe que a guerra vai ser entre os traficantes e que sabe também onde vai ser (parte central do bairro), local distante de onde reside. (Diário de Campo, Dezembro de 2011)

De fato, não demorou para que o conflito começasse a se desenhar no horizonte próximo, mas no início do ano 2012 ocorreu seus primeiros episódios:

A liderança, Galego, que se encontra preso começa a se mobilizar e os efeitos começam a aparecer. Hoje os traficantes do bairro vizinho avisaram que vão retomar o território a pedido da liderança presa, levando a um clima muito tenso e de espera, mas a maioria da população ainda não sabe ou não entende o que aconteceu, sendo assim, continua a levar sua rotina de vida. (Diário de Campo, Janeiro de 2012)

O fato de Galego estar preso foi o que muitos apontaram para essa ruptura, dentro da própria estrutura redesenhada isso aparece como parte do argumento, alguns dos que aderiram ao novo comando afirmam o ter feito, pois Galego tava dando muita ordem, estaria realizando muitas ligações de celular. Segundo um deles, após não aguentar mais isso, durante uma ligação teria dito a Galego que não receberia mais ordem e finalizou dizendo que o *comando* não era mais dele. Contudo, Galego orquestrou de dentro da cadeia a retomada do bairro da Ilha Grande. Esse período de confrontos é definido por Lima (2013) como o período de refluxo, onde há uma alta hostilidade nas relações.

7.2 A RETOMADA

A disputa pelo bairro começou a ser orquestrada de dentro da cadeia, tendo como base o bairro fronteiriço ao fundo. Com isso, começou-se o processo de arregimentação de homens para as incursões. O líder preso passa a conceder o perdão a vários indivíduos que ele tinha afastado do seu *comando* e do bairro, os erros do passado foram sendo apagados nesse ano de 2012. São esses agraciados de perdão que irão ter papéis decisivos ao longo dos conflitos, assumindo a linha de frente em muitos dos confrontos:

Hoje tomo conhecimento de que dias de conflito estão por vir. A polícia, por meio do seu serviço de inteligência, gravou conversas entre operadores do mercado de drogas se articulando para invadir o bairro e tomar pontos de venda. Mediante essas informações, foram ordenadas incursões diurnas e noturnas no bairro, com a justificativa de garantir que inocentes não sejam vitimados. Policiais civis e militares, passam a patrulhar o bairro. Entretanto, isso não impede que nos dias que se sucederam, operadores de outro bairro – com a ajuda de alguns degredados locais – avancem sobre o bairro. Em

algumas situações, policiais e invasores passam pelas mesmas ruas em intervalos de tempo muito pequeno. Fato esse que desperta comentários de que os policiais estariam atuando com o intuito de ajudar um indivíduo preso a retomar o território. (Diário de Campo, Julho de 2012)

Mesmo não tendo uma aprofundada noção do território, a polícia tentou realizar cercos, em uma dessas tentativas um indivíduo acabou detido e levado para averiguação. Mas não foi somente a polícia que conseguiu realizar capturas, operadores invasores - ao tomarem um ponto de venda – capturaram três pessoas. Uma delas era *jóquei* do ponto de venda tomado, a outra era usuário, a terceira não se sabe sua situação. As mesmas foram levadas para fora do bairro, vindo a serem interrogadas mediante tortura.

Como não tinham as informações desejadas pelos torturadores, foram soltos já de madrugada, os três voltaram correndo para o bairro, trajando apenas cueca. Um deles passou dias urinando sangue. No dia do desaparecimento dessas pessoas, em meio ao grave conflito - cientes da ideia de pessoa desaparecida remeter a morte - logo começaram os boatos e a busca pelos corpos. Por serem pessoas queridas pelos moradores, logo se aglomera um grupo de moradores que passa a buscar os corpos, a cada boato novo eles se moviam para um diferente local.

Ao saberem que um dos corpos estaria em um campo, os moradores sobem uma ladeira para chegarem ao local, entretanto, a peregrinação foi interrompida por disparos feitos pelos invasores, que ordenam que todos desçam. Imediatamente, todos correm. Nos dias que se seguiram houve novos confrontos, operadores locais se organizaram para retomar um ponto de venda, conseguindo colocar os invasores para fora, mas nesse processo um operador local de 16 anos foi gravemente ferido, mesmo socorrido, vem a óbito. Outra morte que não foi incluída nas estatísticas oficiais da SSP-BA. (Diário de Campo, Julho de 2012)

Segundo os invasores, o conflito acaba quando eles pegarem três pessoas, os três grandes controladores do mercado de drogas no momento, um deles é Vando, o atual líder do tráfico, os outros dois estão a baixo dele na hierarquia e tem dado suporte a ele no controle. A cada tomada de ponto, ou troca de tiro, busca-se a captura e execução dos inimigos; a atuação policial parece insuficiente para conter o conflito, não havendo inibição dos operadores invasores em atacar seus inimigos.

Na sexta-feira, primeira semana de maio, realizamos observação nas ruas próximas à praça principal, sendo possível notar pessoas que vão e vêm sem muita pressa, os mercados têm um movimento razoável, é o horário em que as pessoas passam para comprarem o pão recém-tirado dos fornos. Essa cena é

transmutada de modo repentino, o bairro vivenciou uma invasão de seu território por operadores de um bairro fronteiro, fato que ocasionou um forte tiroteio, transformando o marasmo da tarde em uma imensa correria. Os mercados rapidamente baixaram a portas, dentro deles os moradores esperavam o fim da troca de tiros para poderem retornar para suas casas. Numa outra região do bairro, o tiroteio ocorria com mais intensidade, em uma das ladeiras foi possível observar cerca de dez operadores correrem, em sua maioria adolescentes, para escapar dos invasores fortemente armados. Momentos após a invasão outro ator se fez presente, a polícia apareceu, representada em algumas viaturas que passaram a circular por algumas regiões do bairro. Em alguns pontos houve confronto, mesmo com muitos disparos, não houve “baixas”, mas foi o suficiente para provocar a fuga dos invasores e levar os operadores locais a se esconderem. (Diário de Campo, Maio de 2012)

Um ataque diurno é sem dúvida uma grande afronta aos operadores locais, e uma grande demonstração de força aos que querem retomar o território. Aos moradores, isso representou um grande risco e temor, naquele instante seus direitos de ir e vir, foram suspensos, todos ficavam exatamente onde podiam se abrigar.

Esse fato provocou tensões de caráter macro e micro, no plano macro a possibilidade da invasão ser incontornável ficou perceptível; após o ocorrido alguns operadores expressaram o desejo de deixar o tráfico do território, sendo repreendidos pela atual liderança, que ameaçou ser enérgico caso ocorressem abandonos dos postos. No plano micro, durante o ato mais vistos eram pessoas ao celular buscando informações de onde estavam os familiares. Filhos desejavam buscar suas mães presas nos mercados, mães ligavam para tranquilizar seus filhos e orientá-los a ficar dentro de casa.

Durante os três meses de confrontos mais diretos, ocorreram mortes de ambos os lados. Esses confrontos possuíam intervalos de apreensão, de quando seria o próximo embate:

O mês de agosto tem sido marcado pela intensificação do confronto entre operadores locais e outros de um bairro fronteiro. Nesta noite, mais uma vítima foi acrescida às estatísticas do confronto, um homem de identidade ainda desconhecida foi encontrado morto com um conjunto de disparos na cabeça, sinal de possível execução. Apesar de o corpo ainda não ter sido identificado, o contexto ajuda a explicar, em meio a tantos eventos de confronto, com intensas trocas de tiro. Dias após a morte, foi possível identificar o encadeamento de eventos: Nos dias que antecederam a morte, os operadores de um bairro vizinho conseguiram tomar um ponto de venda no outro extremo do bairro, em sua parte frontal, vindo a ser esse ponto a ser ocupado e operado por alguns jovens do outro bairro; em meio a uma das noites que se seguiu, dois desses jovens resolveram aproveitar a escuridão da noite para voltar a seu bairro de origem; ao se aproximarem do limite do bairro foram reconhecidos, o que resultou em troca de tiros, e fuga dos dois jovens. Entretanto, os mesmos fugiram separados, e um deles vendo-se encurralado e sem munição acabou por ser capturado, conduzido com as mãos amarradas até

uma das entradas do bairro, vindo em seguida a ser executado. Em meio ao levantamento cadavérico, informações sobre outros corpos são comunicados por meio de denúncias, mas é apenas boatos, um tipo de mito que a morte violenta promove. O DHPP se põe a efetuar incursões em algumas das ruas, jovens são revistados, um deles, com cerca de 18 anos, após tentar correr é obrigado a levar os policiais até sua casa, lá é encontrado um revólver e alguma munição; o jovem confessa ser segurança de um dos pontos, afirmando ganhar R\$ 30,00 por dia trabalhado. (Diário de Campo, Agosto de 2012).

Os ditos *bondes* são grupos de ataque e defesa de pessoas armados com armas de grande e pequeno porte:

São 19 h, é grande o fluxo de pessoas chegando da jornada de trabalho, mas de modo súbito a rotina é quebrada, disparos de armas de fogo ocorrem de modo contínuo em uma das ruas principais do bairro. Um grupo com cerca de 15 “homens” - muitos não passavam de adolescentes – agitam a noite do bairro, usando armas de pequeno porte, pistolas e revólves; eles partem para o quarto dia seguido de ataque aos pontos de venda, outrora perdidos em meio a um golpe, os homens de confiança traíram o líder do tráfico preso. O grupo que ataca essa noite é liderado por um *braço-direito* do líder preso – ele também tinha sido preso – mas por falta de provas dias depois foi solto. Em meio aos disparos o grito de guerra anuncia “Aqui é o comando de Galego!”. Vitoriosos, eles conseguem colocar operadores de plantão pra correr, sobem uma das ladeiras sorrindo enquanto comentam a performance uns dos outros: “Naquela hora que eu chamei, era pra você ter pipocado!”. Após meia hora de uma tensa calma, aparecem duas viaturas da RONDESP (Rondas Especiais), os oito homens descem das viaturas, passam a caminhar por uma estreita rua transversal, por conta da pouca luminosidade usam lanternas junto às pistolas .40 e metralhadoras MP5. Ao chegarem à esquina percebem uma casa às escuras, trata-se da casa de Caio, incendiada dias atrás por outros operadores, por conta da morte de um morador inocente que ele matara por engano. Os policiais flanqueiam a casa, cercando o perímetro e adentrando a casa em meio aos poucos móveis intactos, além dos vários escombros e cinzas ali amontoados, destampam uma fonte desativada existente ali, como nada foi encontrado, partem a pé para outra região do bairro. No momento o bairro conta com 120 policiais em sua base comunitária provisória, divididos em turnos, esse número parece insuficiente para uma população que ultrapassa a marca dos 65 mil moradores. O fato de facilmente se reunir 15 ou mais indivíduos para tomarem os pontos de venda, passa aos moradores a ideia de que os operadores gozam de um poder de mobilização maior que o tão ressentido grupamento de polícia do bairro. Entretanto, a polícia logrou êxito em suas incursões pelo bairro, resultando na prisão de um operador, o mesmo encontrava-se em frente a uma igreja evangélica, trajava roupas sociais, fazendo-o passar despercebido pelos policiais, mas um dos policiais o reconheceu, pois, o mesmo havia fugido de um cerco realizado tempos atrás no bairro. Segundo moradores, no momento de sua prisão ele estava armado, tinha participado dos confrontos que tinham ocorrido no bairro. Contudo, na delegacia ele foi apresentado com uma quantidade pequena de droga e munições calibre 38, sua arma não foi apresentada. Teria sua arma sido desviada pelos policiais para o mercado ilegal de armas ou mesmo para o tráfico de drogas? (Diário de Campo, Agosto de 2012)

Qual a razão daquela casa ter sido encontrada naquelas condições? Faltando um dia para ser deflagrada a operação policial para a implantação de uma Base Comunitária

de Polícia, ocorre uma morte que não foi aceita. Um jovem operador, Caio, que ingressou há pouco tempo no tráfico, agora por conta do conflito passou a ter que andar armado. No ponto em que ele tirava plantão, ele se assustou ao avistar um rapaz desconhecido e atirou, ele acabara atirando em um inocente, o que gerou revolta.

Naquele mesmo dia, operadores do grupo que lutavam para permanecer, vão até à casa do jovem que estava de viagem marcada e agora se encontra morto, o intuito foi pedir desculpas à família. Outra ação tomada foi tirar Caio do bairro. Dias após a tomada do bairro por Galego, veio uma de suas primeiras ordens:

Por volta das 06:15 da manhã, sou acordado do seguinte modo: Acorda Thiago! A casa de Caio tá pegando fogo! Ao chegar à rua, observa-se ao longe uma intensa nuvem escura e espessa, saindo por cada orifício da casa, muitos dos vizinhos apenas se colocam a observar, cientes de quem morava ali até pouco tempo, e de quem provavelmente teria iniciado o incêndio, operadores do tráfico. Familiares correm para apagar o fogo, afinal a casa era de sua falecida irmã, vitimada por um agressivo câncer. Com mangueiras e baldes, começa o combate ao fogo, da casa de uma moradora ao lado conectamos uma mangueira e começamos a enfrentar o fogo, no terreno da casa se conecta outra mangueira, telhas são retiradas, a nuvem de fumaça é sufocante, pouco a pouco conseguimos controlar o fogo. Ao adentrar a casa, nos deparamos com dois focos bem distantes de incêndio, apontando para um incêndio criminoso, por volta das 5 horas um homem foi visto no quintal. Caminhando pelos cômodos da casa, observamos paredes escurecidas, com fiações derretidas, nos cômodos atingidos nada se salvou, perdeu-se tudo: fotos, roupas e moveis, nada resistiu. Neste instante, a casa encontra-se novamente fechada, somente com um olhar aguçado é possível perceber as telhas que foram retiradas no momento de combate ao fogo. (Diário de Campo, Agosto de 2012)

O território foi retomado por seu antigo dono, curiosamente, a retomada ocorre justamente em período de implantação da Base Comunitária de Segurança. Sendo assim, a operação preliminar de ocupação acabou por eliminar ou enfraquecer alguns dos que resistiam à retomada. Trata-se agora de expulsar os remanescentes do grupo traidor; muitos deixam o bairro, outros regressam – fluxo de conflito. Listas com nomes a serem eliminados surgem do lado de quem tomou, mas também do lado de quem perdeu.

A madrugada foi sangrenta. Por volta das 3h do dia de hoje, ocorreram três mortes, em diferentes pontos do bairro, porém com fortes ligações entre si. Dois jovens foram capturados e torturados, alguns moradores ouviram os jovens apanharem enquanto eram deslocados para outra região do bairro, um deles foi morto fora do bairro em uma área próxima. Com o corpo amarrado e tiros pelo corpo, a morte entrou no boletim diário da SSP-BA como sendo de outro bairro, entretanto todos os que ali foram sabiam de onde era o corpo. Outra morte ocorreu na região de uma das praças do bairro, devido à quantidade de golpes deferidos no jovem antes de sua execução, seu rosto ficou desfigurado, nem todas as pessoas que foram em romaria ao local de sua morte conseguiram olhar seu rosto. Por fim, o dono de um bar também foi morto, ele

era conhecido por dar abrigo aos operadores em períodos de conflito ou operação policial, ou mesmo esconder mercadorias dos traficantes, seu bar já havia sido vistoriado em várias operações policiais, sua morte não entrou no boletim policial. (Diário de Campo, Setembro de 2012)

Com isso, das três mortes promovidas pelos operadores locais que retomaram o bairro depois da traída, somente uma foi registrada como pertencente ao bairro. Em meio à base comunitária recém-inaugurada, outra morte foi colocada “nas costas” de outro bairro, e a terceira virou cifra oculta.

Nenhuma nota sobre as mortes foi divulgada na mídia local. As mortes promovem incursões policiais da RONDESP e de policiais da base comunitária, com o intuito de realizar prisões e apreensões. Há grandes expectativas políticas em relação às bases comunitárias. O soldo dos esforços é a apreensão de uma arma calibre 38 e pouco mais de 300 gramas de maconha. Os ocupantes do local onde os itens estavam alocados empreenderam fuga por entre um matagal próximo. A notícia da apreensão teve seu espaço midiático.

O fato que vem sendo gritante em meio a tudo isso se refere à baixa apreensão de armas, mesmo com uma megaoperação preparatória e a presença da base nos dias que se sucederam, essa é apenas a segunda arma apreendida pela polícia. Diante do número de munições deflagradas nos confrontos entre operadores, ou mesmo o número de corpos com perfurações, o resultado das apreensões policiais causa no mínimo um estranhamento. Qual a razão do baixo número de apreensões?

Ambos os líderes dos grupos – Vando e Galego - não se encontram no bairro no momento, o primeiro escondido e o segundo preso. Vando teve que se esconder por ter sua cabeça colocada a prêmio por Galego: R\$100 mil pra quem matá-lo. Pensa-se que, provavelmente o conflito só terá fim com a morte de Vando.

De volta ao controle, Galego coloca à frente do *comando* um dos seus homens de confiança, mas muitos ainda querem saber quando ele vai sair do presídio, pois há o temor que por comandar da cadeia, Galego corra o risco de novamente perder o controle para outros desafetos. Isso serve para pensar como a prisão não representa o declínio do comércio de drogas, mas sim a fomentação de disputas. Contudo, vale ressaltar a fala de uma entrevistada: “eu gostei quando a base entrou, eles saíram catando” (Cintia, 24 anos, estudante). Sua fala remete a ideia de que a prisão de alguns operadores é algo desejado,

principalmente pelos que são obrigados a conviverem com as bocas bem próximas às suas casas.

7.3 CALMA, MINHA TIA! É NOIS MERMO!

O Fato de Vando ter conseguido sair do bairro com vida, faz com que ele seja um permanente espectro de medo, já no ano de 2013 isso se fez verdadeiro:

Desde a noite passada o bairro vive novamente o temor de invasão, essa invasão seria orquestrada por operadores do mercado de drogas do bairro que foram expulsos pelo grupo de Galego. Essa invasão seria liderada por um operador de fama sanguinária. Notícias de que homens armados dentro de carros com vidros escuros estariam percorrendo o bairro se espalham. Muitos temem ficarem em meio às ruas. O sentimento de tensão é latente. O que irá ocorrer? Quando? Todos desejam obter respostas para essas e outras questões. Na segunda-feira, 06:30h, muitos jovens sequer chegaram a entrar na escola, durante o caminho receberam ligações para regressarem para casa. Os poucos estudantes que permanecem na escola, mostram-se tensos. Novamente, as aulas são encerradas mais cedo. Ao raiar do dia os comentários são ricos e diversificados. Uma jovem conta que ao retornar da escola viu-se em meio a uma situação crítica. De um lado estava homens armados, do outro policiais de grupos especializados da PM. Desde a noite anterior o bairro era ocupado por grupamentos policiais especializados, esses grupamentos agiram realizando blitz e revistas a transeuntes, além de uma série de rondas. (Diário de Campo, Junho de 2013)

É interessante salientar que, não foi somente os policiais que tentaram capturar os audaciosos invasores, os operadores do grupo de Galego mobilizaram igual ou superior força. Jovens circulavam em grupos numerosos, principalmente pelos becos, fato que dificultava que eles se defrontassem com os contingentes policiais.

Em meio a um desses momentos, um grupo de jovens sobe uma estreita ladeira armados, no sentido contrário, uma senhora desce a mesma ladeira, ao constatar os jovens armados vindo em sua direção à senhora, ela se assusta e grita: “Ave Maria!”, os jovens correndo tentam acalmar a senhora e respondem: “Calma, minha tia! É nois mermo!”. Com isso, os jovens tentam mostrar à senhora que ela nada tem a temer, eles têm objetivo claro: Querem achar e expulsar aqueles que ameaçam seu território – o novo grupo de Vando.

A invasão não obteve êxito, ao que parece enfrentar operadores locais, grupamentos da base comunitária e outros especializados, pareceu exceder a capacidade que havia sido mobilizada. Esse fato parece conferir veracidade ao que se ouviu de um policial da RONDESP, território com base comunitária é mais seguro para operadores locais. Enfrentar dois oponentes – policiais da base e operadores locais – requer um desgaste muito grande para todos que tentam invadir um bairro com policiamento dito comunitário.

O fato é que muitos ainda temem uma nova tentativa de invasão por parte de Vando, mesmo tendo seu nome no baralho do crime (ferramenta de busca da polícia). Os moradores ainda enxergam o fato de ele está foragido como uma ameaça em aberto. Vando possui conexões em outros bairros de Salvador e em alguns interiores e continua solto. Aparentemente, por ser esse o bairro onde morou desde criança, seu desejo de regressar como líder do *comando* ainda não desapareceu. Quem é *cria* deseja reinar onde suas raízes são comumente mais marcantes, logicamente onde viveu a infância e a adolescência.

7.4 A GUERRA PELA HEGEMONIA E AS REDES SOCIAIS

Este conflito difere dos demais, pela primeira vez desde a consolidação do monopólio surge uma divisão interna do bairro. Com isso, este foi de longe o conflito que mais afetou o cotidiano dos moradores, em proporções desiguais, mas contínua, iniciado nos últimos meses de 2013 veio a durar até os primeiros meses de 2014, o período total do conflito gira em torno de seis meses:

Hoje é um dia de grande calor, a sensação é de que tudo está derretendo. Camila, uma jovem que não mora no bairro, mas está aqui visitando seu namorado grafiteiro, precisa chegar ao seu trabalho às 13 h, por isso opta por ir de moto-táxi, poupando-se da longa e desgastante caminhada até o ponto de ônibus. Montada na garupa da moto de Márcio e sem conhecer as ruas ou dinâmicas que nela ocorre, ela toma o rumo da parte da frente do bairro. Já no fim da via principal, a moto é parada por um grupo composto de homens e adolescentes. Eis que se traça o seguinte diálogo:

Nego: Manda a cliente descer que você precisa ir ali falar com os caras.

Márcio: Velho eu tenho que levar a menina, não posso deixar ela aqui.

Nego: Beleza então! Você vai levar ela e na volta você passa aqui.

Carlos: Nada! Você vai lá falar com os caras agora, pode deixar a moto parada aí mesmo.

A jovem que se encontrava na garupa desceu assustada da moto e seguiu seu destino até seu local de trabalho. Ao deixar a sua moto e acompanhar os traficantes até o local onde eles queriam que ele fosse, Márcio se viu com medo, com “o coração na mão” como costuma-se dizer. De frente com os cabeças da área, ele teve que tirar sua camisa que o identificava como moto-taxista e entregá-la aos traficantes. Em seguida, ao ser interpelado sobre sua amizade com operadores da parte do fundo do bairro, ele explicou que certa vez guardou uma arma para uma pessoa que nos dias atuais é operador, mas que na época rodava junto com ele no moto-táxi. Os adolescentes armados que acompanhavam essa averiguação, ansiosos pra mostrarem serviço, exclamavam: “que nada! Vamo matar logo ele”. Com medo, mas tendo que manter a postura, Márcio afirmava que eles poderiam matá-lo, mas que ele não tinha envolvimento algum, essa sua fala foi seguida do gesto de estender a mão e mostrar seu celular aos cabeças, caso esses quisessem verificar seus contatos. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014)

Os *cabeças* ao verem a postura firme e controlada de Márcio, resolvem deixá-lo ir, devolvendo a ele sua camisa e dizendo que ele poderia voltar a rodar à vontade. Márcio não foi o único moto-taxista a passar por isso, outros moradores passaram por situações parecidas. O jovem Kleber, mesmo tendo perdido sua mãe nos últimos dias de vida por conta de um câncer, não foi “aliviado”. Por conta de sua amizade com traficantes do fundo do bairro, para ele foi dado o seguinte recado: “não passe por aqui, se passar já sabe”, sem poder passar pela parte frontal do bairro ele abre mão do seu trabalho, passando a dormir em locais diferentes e andando com muito medo nas ruas. De fato, ele corre muito risco. Entretanto, demonstrando sua virilidade, ele afirma aos amigos que se alguém vier pra cima dele, vai receber também. Sua frase se respalda na arma que ele guarda em casa, fato que se os traficantes souberem pode lhe gerar outras graves implicações já que a posse de armas foi monopolizada pelo tráfico.

Isso só faz sentido para quem sabe o que está acontecendo nos bastidores do mercado de drogas – um confronto de egos que levou a uma cisão e consecutiva guerra entre os segmentos.

O embate teria se iniciado por conta da decisão de Gordo – *braço-direito* de Galego- o último a ficar no comando: “não vendo mais pra vocês!”. Com isso, uma parte do bairro ficou sem seu único fornecedor. Essa decisão de Gordo teria ocorrido diante do que ele achava ser uma posição gananciosa de um dos pontos de venda, chefiado por Primos – Carlos e André - esse ponto já teria agido antes em desacordo com as diretrizes de Galego, o abastecedor dos pontos de venda. É bem verdade que no histórico deles já

pesavam alguns fatos, pois num passado recente eles já haviam colocado drogas vindas de outro fornecedor no seu ponto de venda, o que levou a uma repreensão por parte de Galego e seu grupo. Com isso, estava sentenciado o desabastecimento dos pontos de venda dos Primos. Agora antigos parceiros de mercado e de guerra, contrapõem-se, chamando uns aos outros de alemães.

Essa guerra se iniciou propriamente no mês de outubro de 2013, apesar de já haver um clima de hostilidade no mês de agosto. Muito pouco se sabia ao certo o que estava acontecendo, mas o que houve de fato foi uma cisão interna, onde um grupo menor na parte frontal, chamado de grupo dos Primos, resolveu se rebelar contra o controle do bairro feito pelo grupo de Galego, e uniu-se aos traficantes de outro comando que controlam o Dendê, bairro que faz fronteira com o fundo da Ilha Grande, e agora é comandado por inimigos de Galego. Com isso, tem ocorrido enfrentamentos entre operadores do bairro vizinho e operadores dentro do próprio bairro, esses conflitos têm se dado na lateral e fundo do bairro.

O fato é que este conflito desencadeou meses de matança, perseguições e desaparecimentos. Parentes e amigos de operadores têm sido intimados a abandonar o bairro. Todos passam a temer o que está por vir. Um detalhe chamativo desse conflito se dá pela decisão de alguns operadores em não participar da guerra, visto que entendem que isso poderia ter se resolvido de outra forma, pois seriam todos parceiros, principalmente pela luta de retomada que haviam travado contra o grupo de Vando. Sendo assim, alguns preferiram se retirar do bairro e esperar o fim dos confrontos.

A noite da véspera natalina foi marcada por forte tiroteio, fato que levou as festividades de fim de ano no bairro a serem marcadas por um vazio nas ruas, não ouve a comoção de anos anteriores. Com isso, expressa-se o sentimento de temor que assola a todos. Apurar todos esses fatos tem se mostrado uma tarefa lenta e fragmentada, sendo assim, ainda não se pode separar de imediato ao certo o que há de estória e de fatos.

Pensar no “mundo do crime” como um fenômeno discreto no *modus operante* foi historicamente apresentada como requisito para “agir na tranquilidade”. Essa premissa há muito se rompeu. Nos dias atuais, em meio a esse processo de fragmentação e reestruturação, observa-se que o tráfico foi atingido pelo mesmo fenômeno que atinge “as pessoas de bem” – uma necessidade epidêmica de registrar nas redes sócias tudo o que ocorre em suas rotinas: trabalho, lazer, relacionamentos, sexo e etc. No caso do tráfico, o

registro é da guerra pela reconstituição do território. Pela rede social facebook, os dois grupos fazem o registro do conflito. As páginas foram criadas durante o mês de janeiro, justamente o período em que o confronto se tornou mais intenso.

Em uma das primeiras postagens o grupo de Galego que controla cerca de 80% do bairro, atualmente comandado por Gordo, afirmou: “Qual é a nossa missão, caveira ??? matar os primos e marcão na reta!”. Nesta frase há uma alusão ao filme *Tropa de Elite*, mas há também uma saudação ao próprio comando Caveira e ao PCC. Eis que aparece estampada a prioridade das mortes – os primos e Marcão. Essas mortes são as mais almeçadas por serem as figuras da cúpula do grupo dissidente.

Após a morte de um membro, o Grupo dos Primos exalta o fato: “Agora o bagulho vai gruvar dakele jeitão. mataram o parceiro, agora o bairro vai tremer desgraça... Nós vamos tomar a Jaqueira, a Reta ta na bruxa vcs seus alemão fizeram tudo errado, agora vai se fuder, vai morrer todos que se envolve e todos q pagam pal pros caras vão se fuder”. Nesse comentário ficam exaltados os princípios da guerra, não seriam vitimados apenas operadores. Pessoas que “não se envolvem” também pagariam seu preço: parentes de operadores, amigos, namoradas, todos teriam um preço a pagar. Este espraiamento criou muita tensão durante a guerra, pois todos se sentiam como alvo em potencial.

Logo depois do Grupo dos Primos perder mais um membro fez-se a seguinte postagem: “É vou vazar... Nossa vitória ja ta na mão. A pior coisa q esses filas da puta fizeram foi matar Trigo, agora ele vai sentir a ira da Reta, vai se fogo bala e bomba, mas eu so lamento pra eles, Jean vai se fuder kkkkkkkkkkkkkkkkkkk”. Demonstrar a crença na vitória certa era importante, o contingente menor era do Grupo dos Primos, precisava mostrar-se com vigor durante o conflito.

O Grupo de Galego, autor da morte, posta em sua página um comentário referente à morte: “vai desgraça trigo deçe de ralo noiz matou kkkkkkkkkkkkkkkkkkk. noiz vai cumer e churrasco pra comemora a morte do safado”. A morte de Trigo, tão exaltada pelo grupo, despertou outras juras do pessoal ligado aos Primos: “Foi a pior coisa q vcs fizeram foi matar Trigo pq ag o bagulho vai virar pro lado de vcs viado... Vcs ai da jaqueira ag vai sentir o poder e o odio de q é perder um irmão fila da puta”.

que lutava com a bandeira do comando caveira/PCC: “presizar cero a fazenda ta ai pla fortalecer, tou ai pla fortalecer esse bomde”.

Uma roda de conversa ocorre nesta noite, como sempre, procuro falar com estas pessoas assuntos que sejam pertinentes à minha pesquisa. O assunto que inicia toda a conversa é a gravidez inesperada da namorada de um dos jovens, passa-se a falar de como é comum esse fato, os demais da roda falam sobre os sustos que já tomaram, acreditando que poderiam ser pai. Cheio de risos a conversa segue. Entramos agora na esfera que muito me interessa - o tráfico – mais especificamente a última guerra ocorrida. Alguns deles falaram de como foram *encurralados*. Esse termo nativo faz referência à abordagem do tráfico ou de qualquer outra figura que represente alguma autoridade, resultando em algum tipo de aviso ou ameaça. Um deles relata que foi encurralado por conta de sua moto, segundo ele, a sua moto possui características iguais à moto de um traficante, até mesmo as alterações que fez na sua, o traficante teria feito na dele. Com isso, um traficante de outro grupo abordou o jovem e lhe *deu a ideia* de que poderia ser baleado por andar na moto do traficante rival. (Diário de Campo, Abril de 2014)

Um dos jovens, Kleber, conta com grande sorriso como foi uma das noites de confronto:

Porra, pivete! Teve uma noite que os caras começaram a trocar aqui na praça e ai começou, os caras davam e recuavam, depois avançavam. Rapaz eu sei que os caras foi indo lá pro outro lado do bairro, oxe! Só terminou quando chegou lá na minha rua, disse que os caras ficaram trocando por mais de duas horas. Que onda vu?

Outro jovem, Tom, fala de um amigo com quem pega *o baba* e que segundo ele comentou da guerra no baba:

Se ligue, o pivete que pega o baba lá na frente, tá ligado? Marquinho. Ele se botando todo, dizendo: ‘porra pivete dei tiro pra porra na guerra, oxe! Com o bêrrro na mão’. Depois que ele se saiu, outro pivete veio e me deu a ideia: ‘ai é pressionista, fica dando essas ideias, mas tava só com um oitão que nem atira’.

É interessante ouvir esses diálogos, demonstrando como meros adolescentes tentam “vender” sua imagem de homem, a guerra fornece a eles a oportunidade de utilizar uma das formas historicamente mais eficazes – mostrar-se enquanto guerreiro. A tentativa de exaltar-se feita pelo adolescente Marquinhos, resulta de sua necessidade de reconhecimento. Participar da guerra nesse sentido, para eles não tem relação com violência somente, é algo mais complexo, há uma demonstração de coragem, quanto mais risco você correr e se safar ao fim, maior será o seu *status* adquirido – vai ser mais *considerado*. A sobrevivência de Juliano aos confrontos descrita na obra de Barcellos

(2005) é rica na demonstração de como cresce seu status a cada sobrevivência nos confrontos.

Assim nasce o sujeito-homem, categoria nativa que expressa para o jovem um status de respeito e aceitação, mas que também revela a tensão entre sua condição prática de indivíduo autônomo na sua comunidade e seu enquadramento como “menor de idade”, tal qual o concebemos no mundo legal (LYRA, 2013, p.74 e 75).

A guerra e a violência resultante dela acabam por construir um gradiente místico de ações que se fortalecem a cada vez que o fato é narrado. Sendo assim, enquanto eles bebem e tentam se apresentar como homens, esses jovens repetem uma:

E o capoeirista? Cara doido, no meio da guerra se saiu de lá e veio pra cá, que onda! Oxe, os caras enquadraram logo ele. Pivete, o primeiro que atirou deu logo, mas se ligue, ele se abaixou e o tiro pegou no portão, o cara ai correu pra perto dele, porra, quando o cara encurralou ele e triscou o dedo (puxou o gatilho) a porra falhou, triscou três vezes e nada. Porra meu irmão, que onda! Ele ai saiu correndo, rapaz, num instante ele sumiu, tá ligado? Ele parece que cegou o cara. Mas se ligue! Ele tem o corpo fechado, lá ele, ele tem o 666 tatuado, ai meu irmão ali não morre assim não. (Mario, 18 anos, estudante)

Cada um dos sobreviventes desta guerra resguarda sobre si uma neblina mística, pois estiveram no flerte com a morte. Este confronto ceifou ao menos 14 pessoas, sendo 12 consideradas *envolvidas* e 2 inocentes. Um dos inocentes morreu por ser irmão de um *envolvido*, ele foi atraído pra uma armadilha, recebendo o convite de uma menina que ele conhecia, chegando ao lugar foi inquirido pelo grupo da reta que desse a localização de seu irmão, como ele não sabia foi morto com muitos disparos.

O fim da guerra teve início com a morte de outro inocente, a criança mencionada acima, ela morreu durante uma tarde depois de um ataque desorganizado, vindo a criança a ser atingida na cabeça por um dos disparos, essa morte repercutiu entre os grupos envolvidos, o grupo da reta postou: “Pistão é o poder desgraça... Vamos meter bala nesses alemão do fundo e da baixada vai tudo chupar desgraça... Vcs mataram uma criança de 6 anos agente vai arrancar a cabeça de vcs seus pal no cu.”.

O Grupo dos Primos passou a usar essa morte como um certo emblema moral: “Os caras do fundo e da baixada do morro e rua beira-mar vão tudo si fuder... Mas claro so quem se envolve pq noos não mata criança de 7 anos de idade não”.

A repercussão da morte dessa criança causou grande repercussão midiática, sendo assim o Estado vestido na figura da polícia precisava dar uma resposta rápida:

Hoje, sexta-feira, ao chegar na parte frontal do bairro, avisto ao longe uma fila de viaturas, algumas do bairro outras da RONDESP. O motivo de estarem ali é mais uma morte ocorrida ontem, mas dessa vez foi “quem não deveria”, uma criança, sendo assim sei que há pressão da mídia. Está sobre eles desde as reportagens do dia anterior nos jornais da noite. Avisto os líderes comunitários que estão prestando apoio aos pais da criança, na casa também estão repórteres, sigo um pouco mais a frente, avisto outro amigo, Dico. Enquanto conversamos, disparos iniciam-se próximos de onde nos encontramos, ele corre pra longe, eu corro pra perto de onde vem os disparos, coloquei-me em frente a um beco de onde é possível ver policiais saindo com um homem, Macaco é como ele é conhecido, ele tem um tiro no joelho, distraidamente apanho o celular para atender uma chamada. Tal fato serviu como um gatilho. Um dos policiais que saiu do beco avista o celular em minha mão e começa a me advertir: “não filme não, se você filmar vai ficar ruim pra você”. Peço a ele que deixe aproximar-me dele e mostrar que não estou filmando, meu ato de não intimidação causa um descontrole maior do policial que pega o seu celular e começa a me filmar, afirmando: “agora sei quem você é”. Os moradores que estão posicionados ao meu lado tecem o seguinte comentário enquanto Macaco aguarda sangrando a viatura para conduzi-lo: “não foi troca de tiro, pegaram ele aqui no mercado e levaram pro beco, ai atiraram no joelho dele”. (Diário de Campo, Janeiro de 2014)

A guerra estava sendo travada por forças em clara desproporção. Os *Primos*, líderes do grupo menor, já não dormiam no bairro, todas as noites saíam de moto para bairros da região metropolitana, retornando somente pela manhã. A ação da polícia se deu justamente na região da reta, o que foi decisivo para a desarticulação desse grupo. Entretanto, para Gordo a guerra ainda não havia terminado, era preciso pegar os *Primos*, seus dois desafetos, sendo assim a guerra saiu do bairro. Após saberem da localização de seus desafetos, o grupo da jaqueira passou a se planejar.

Soube hoje que um *bonde* saiu do bairro, nele está André, que apesar de não ser *envolvido*, tem interesse na ação, pois foi *encurralado* pelos *Primos*. A missão de André é verificar se os seus desafetos estão no lugar informado, caso esteja ele deve dar o sinal. Ao passar pelo lugar, André avista aquele que procura, dá o sinal e acelera sua moto, atrás dele vem um carro cheio de homens armados, os disparos são feitos. (Diário de Campo, Fevereiro de 2014)

Não demorou para que a foto de um dos mortos em uma maca de Hospital aparecesse na rede social, acima dela estava a legenda: “*Ja tokei foguete hoje comemorando nossa vitoria a morte dos primos e ainda falta os outros safados beleza é noiz....*”. Diante da morte de mais um desafeto, surgiu uma postagem das mais intrigantes

na página virtual do Grupo de Galego, pois apesar da morte ser comemorada, não evitou de ser lançada sobre ela um certo pesar:

Esse pivete fechou com u errado depois que u bairro tava tudo de quebrada .mas fala a verdade de coração agradecer primeiro a mente a Deus segundo a eles porq foi u unico que brotou no Pistão i tomou u baiirro eles e Davi (e outro que não posso da idéia) que deus bote em um bom lugar também porq se não fosse esses pivete ninguém tava no [#bairro](#) ainda . quem tava era u traira do Vando. .

Nos dias que se seguiram, a página serviu para reafirmar a posição sobre quem era o verdadeiro inimigo: “vc daniel é pau nu cú . so ficavar atraz de Vando no nossos comfronto . seus oprimidores de moradores quero ver vc bota as cara aqui na area de novo vc i u pau nu cu do Vando esse covarde traira descarado exu preto”.

Outras postagens fazem referência à organização do tráfico que atua no bairro: “disciplina e respeito em qualquer lugar com qualquer irmão eh 1p2c de ponta a ponta eh conexão - se sentindo ouvindo apologia pra ter disposição na hora de atirar”. Essa postagem exalta a sigla do PCC e seu domínio.

A página também serviu para reafirmar o comprometimento com o *comando*, em poucas linhas, consegue-se dizer a todos que quiserem ler aquilo que por vezes não se diz em uma conversa direta, acaba-se expressando pelo anonimato que as redes oferecem um dado orgulho pela identidade criminosa:

Ou guerreiro de Galego,
Bandido, assaltante... fala pros alemão que aqui nós
Gosta muito de ser traficante..

Nós mete bala, nunca corre
Joga a bomba e não se esconde
E se o bagulho fica doído geral fica e ninguém some!!!

A guerra tem um pré-requisito importante – a existência do inimigo. Quando os jovens desacreditados e desassistidos, observam-se em meio a uma guerra, há neles um perplexo fenômeno, o indivíduo outrora invisível, agora tem seu status elevado, pois ele possui um inimigo, alguém que o visa e por ele é visado. Sua vida passa a ter uma meta, caçar os inimigos. Por mais perversa que seja, a guerra fornece aos jovens algo que muitos não têm, ou sentem vergonha de expressar, eles têm um sonho por meio da guerra – vencê-la. A violência concebe visibilidade social a esses jovens.

A ideia de pertencimento é algo também muito presente, afinal, eles sentem que fazem parte de algo.

7.5 VAMOS LÁ VER O CORPO!

Talvez muitos dos que por ventura venham a ler esse texto tenham provado deste convite cerimonial - ir ver um corpo. Durante o período em que se realizou esta pesquisa, por diversas vezes, ouvi reflexões a respeito do que significava a morte violenta, quase todos os pensamentos apontam para uma perda de sentido ou desvalorização do ato: “hoje quando você ouve que morreu alguém é a mesma coisa de dizer que morreu um pinto” Maria, 55 dona de casa”. Um dos principais efeitos da morte violenta é a “romaria” que a sucede. Na periferia, ir ver o defunto – o corpo caído escrito em violência- era um evento ímpar, as pessoas convidavam umas as outras para se deslocarem até certa parte do bairro para ver todo um cenário de violência, a demora na realização do levantamento cadavérico e posterior remoção, permitia longos momentos de “apreciação”. É bem verdade que também se realizava algo parecido quando se tratava de ir ver uma pessoa morta por alguma doença, cujo corpo ainda se encontrava na casa. As pessoas que se deslocavam para o local da morte eram das mais variadas, de idosos às crianças.

Morbidamente, lembro-me dos pesadelos povoando nossas mentes que eu e outras crianças tivemos à noite por conta das cenas de cadáveres com suas faces, por vezes desfiguradas por arma branca ou de fogo. Éramos alimentados com leite e sangue! (Diário de Campo, Julho de 2013)

A morte violenta é o espectro que mais se entranha no segmento jovem, cada corpo termina sendo uma espécie de imagem refletida de todos os demais: “*podia ser eu*”.

Já passava das 22 horas, em uma das ruas principais- costumeiramente animada e movimentada- ocorria uma mobilização de pessoas, rostos abatidos e apreensivos se colocaram lado a lado ao longo dos dois lados da rua, todos olhando para um único ponto, indicando a que casa referia-se o ocorrido, sinais de que um ato doloroso acabara de ocorrer. Cerca de momentos antes, um jovem - aproximadamente 20 vinte anos de idade- encontra-se próximo à casa de sua namorada, nas imediações do posto de saúde do bairro, no mesmo momento seu pai dirige pelo bairro a sua procura. Quando finalmente encontra seu filho, o pai o vê caído com cerca de oito disparos distribuídos pelo corpo, há poucos instantes, um carro contendo em seu interior, operadores de um bairro fronteiriço fizeram os disparos, ao reconhecer o jovem como sendo ligado a um dos *cabeças* do bairro, o pai carrega o filho, socorrendo-o até um

hospital, mas devido à gravidade dos ferimentos ele vem a óbito. Este jovem havia ingressado no tráfico, era um *envolvido*, exercia a função de jóquei em um dos pontos de venda do bairro. Nascido e crescido no bairro, gozava de um grande carinho por parte de todos que moravam em sua rua, era sempre muito estimado em ~~por~~ diversas partes do bairro. (Diário de campo, Julho de 2012)

O que se observou de fato em campo é que, a morte violenta provocava um mal-estar típico: o luto. Durante dias não se ouvia música alta, as pessoas iam prestar sentimento à família do falecido. Como diziam os moradores mais velhos: a morte estava no ar. A propagação do luto resultava da intensa relação que existia entre os moradores, a ampliação do bairro promoveu um esgarçamento dessa rede. Hoje os próprios moradores reconhecem um afastamento entre eles, ou mesmo um estranhamento. Contudo, ainda há a ritualística de ir ver o corpo, atualmente praticada em grande parte por jovens, com o uso de seus celulares muitos fazem questão de registrar a cena. Outro fato que permanece é o “ônibus do enterro”, seja por meio da associação de moradores ou por iniciativa dos familiares, há costumeiramente o frete de um ônibus para levar e trazer as pessoas do enterro. A seguir o relato de um dos enterros:

A sua morte comoveu a muitos, tratava-se de um jovem muito querido, pertencente a uma família conhecida no bairro. Numa caravana mórbida, cerca de dois ônibus e muitos carros particulares tomaram o rumo do cemitério, com o intuito de prestar a última homenagem. A chegada ao cemitério é marcada por uma cena emblemática, na porta do acanhado cemitério está o pai do jovem, um senhor de bigode e cabelos grisalhos, ele cumprimenta a todos, seu olhar abatido e sua voz enfraquecida aponta o estado de seu espírito nesse momento. A imagem de um pai velando o corpo de um filho demonstra um cenário trágico, pois subverte a lógica da própria biologia, tornando função dos mais velhos enterrarem os mais novos - esse é um dos principais efeitos da morte violenta – um corpo abatido significa muitos espíritos adoecidos, uma profunda quebra organizacional intrafamiliar de suas rotinas cotidianas, o vácuo da perda. Na pequena capela, sobre uma das quatro mesas de mármore, está o corpo do jovem, coberto de flores, e rodeado de pessoas, em especial, sua irmã mais velha que não se separou do corpo em momento algum. Eis que chega o padre, entoando cânticos religiosos e mensagens do Evangelho. Em meio a isto, escuta-se a namorada do jovem e algumas de suas amigas em choros compulsivos, silenciado apenas por alguns desmaios. Tem início a última oração, alguns dos jovens que ali se fazem presentes, inclusive com fardas escolares, participam do momento. Fecha-se o caixão e intensifica-se o choro, os jovens se posicionam ao lado do caixão, começa a caminhada rumo à sepultura, a caminhada lenta e pausada nos oferece a oportunidade de observar a difícil aceitação de muitos que estão ali para deixarem o corpo da pessoa estimada. O caixão é colocado em uma das sepulturas, invoca-se a última oração, todos aplaudem ao fim. Fecha-se a sepultura, cabe à irmã o último ato, escrever o nome e as datas de nascimento e falecimento na sepultura. Todos se retiram lentamente, hora de voltar pra casa, tirar as roupas do velório, e vestir-se de um novo cotidiano. Durante todo o fim de semana alguns bares foram informados de que o bairro estava em luto, sendo-lhes solicitado por parte dos operadores que desligassem ou abajassem o som. (Diário de campo, Julho de 2012)

Ao buscar por uma resposta quanto à perda de sentido da morte violenta, torna-se ineficaz pensar em um “sim” ou em “não”, mas antes de tudo, é preciso trabalhar a ideia de como se dá a comoção. A propagação do sentimento de luto será maior ou menor conforme um julgamento moral que a antecede: era envolvido ou não? A morte de uma pessoa de “bem” resulta em um maior alastramento do sentimento se comparado com alguém que era *envolvido* (ZALUAR, 1994). Um dos elementos que poderíamos usar para medir tal sentimento é o número de pessoas que vão ao enterro, perante os moradores isso demonstra o quanto o falecido era querido entre os moradores, mas há um problema. Quando se trata da morte de alguém pertencente ao “mundo do crime”, mesmo partilhando o luto, muitos moradores temem comparecer no enterro, temerosos de acabarem sendo *visados* pelos algozes do finado, ou mesmo, de serem alvos de questionamentos por parte da polícia. Sendo assim, é somente por meio dos discursos que se tornou possível a mensuração do luto.

7.6 SIGNIFICADO DA MORTE

É impossível falar sobre o desenvolvimento do bairro e do que significava ser adolescente no passado deste bairro sem mencionar os atos fúnebres ocorridos, onde mães cumpriam o sinistro ato de velar os corpos de seus filhos, em muitos momentos essas mães assistiram o momento da morte violenta de seus filhos. Ao conversarmos com os jovens que entrevistamos, observa-se que todos possuem na memória uma gama de mortes de amigos ocorridas no período de disputa entre os grupos de traficantes. Em uma rua foi possível contabilizar ao longo de trezentos metros de rua, cinco casas de famílias que tiveram algum jovem membro assassinado, havia ainda a casa de um jovem que sofreu uma tentativa de assassinato, bem como a casa de um jovem que executou um outro jovem.

Tinha um rapaz que era um pouco mais velho que eu, mas viveu toda a minha geração e cresceu junto, soltava pipa com a galera, jogava bola com a galera e também assumiu uma patente muito alta no tráfico, era um cara que mandava em metade do bairro, e por sinal morava lá na rua onde eu morava na ocasião da morte dele eu acordei às cinco da manhã pra ir no posto de saúde. Quando eu levantei a gente escutou o barulho, ai a gente ouviu ele gritar ‘você vai me matar dentro de casa?’, ai um intervalo de dez segundos a gente ouviu os tiros.

Voltei a dormir, quando acordei tava o comentário na rua. (Alexandre, 27 anos).

Ouvir as últimas palavras de um jovem frente a morte violenta, culmina por despertar uma descarga de adrenalina, o coração ocupa o lugar da voz, que emudece.

Diante do que já se tratou até o momento, discutir sobre a repercussão dos atos de morte é por demais fundamental. Na perspectiva de Da Matta (1997), no Brasil se fala mais sobre o morto do que propriamente sobre a morte. Contudo, o que se observou no desenrolar das buscas pelos dados é que, para além de um constante ressaltar dos atos do falecido, há também uma intensa narrativa que acompanha tal fato, pois é preciso responder à seguinte pergunta: “morreu como?”

Apresentar os fatos que ocorreram no “pré” e “pós” morte serve de complemento para o prato principal – a forma como se morre. Com isso, a morte violenta ao mesmo passo que promove medo, repulsa e indignação, termina também por promover uma curiosidade sombria.

Ao se coletar os casos de mortes violentas era preciso ir além e buscar seus desdobramentos. Neste sentido, apresenta-se a seguir algumas mortes emblemáticas:

Nico, apelido que tinha desde que o conheci ainda na minha infância, era um sujeito alto, e muito magro, considerado muito feio – motivo de piada entre os próprios poucos amigos, mas também servia como elemento para justificar o desprezo que alguns moradores tinham por sua pessoa – era descrito como o “cara de bicho” ou “cara de monstro”. Ele era filho de um primeiro casamento, sua mãe se casou novamente com um pastor. Nico tinha mesmo era apego com a avó, quando a família decidiu ir embora do bairro, ele resolveu ficar no bairro, o que levou sua vó também a ficar para cuidar dele. Nico já tinha se metido em muitas confusões antes mesmo de atingir a maior idade, até mesmo facada já havia sofrido. Contudo, foi depois que alcançou os vinte e poucos anos que a coisa ficou mais perigosa para ele. Sua cabeça estava a prêmio, pois ele andava vendendo pedra nas áreas de tráfico de outros grupos. Com isso, muitos aconselharam que ele não mais dormisse na pequena casa de dois cômodos de sua vó, ele não quis seguir esse conselho, numa madrugada em que chegou em casa e já havia retirado a roupa, ouve-se na porta pessoas chamando por ele, quando sua vó abre, dois homens encapuzados avisam, para que a idosa se retire de casa, a mesma se nega. Já acuado no canto, Nico recebe vários tiros, sua avó presencia tudo, como a casa era pequena, um dos atiradores sai ferido por conta do pouco espaço para disparar. Ao sair da casa acaba deixando uma trilha de sangue ladeira acima. A morte de Nico repercute, sua vó finalmente se muda e vai viver junto aos demais parentes. Tempos depois soube-se que os homens que mataram Nico, nada mais eram do que dois jovens que guardavam rancor das pancadas que haviam tomado de Nico

quando elas ainda eram crianças, topando assim mata-lo também como uma forma de vingar-se. (Diário de campo, Outubro de 2011)

A morte de Nico foi a única coisa que fez sua família revisitar o bairro, fato necessário para acompanhar a reconstituição do crime e vender a casa da avó de Nico. Diante da sua morte, todos diziam que enfim ele deu descanso à avó, pois a mesma não dormia até ele chegar, a mesma também fazia o que podia para manter a casa com sua aposentadoria, já que Nico nunca contribuía.

Um elemento importante que figurou nas narrativas dos entrevistados consiste numa espécie de reconhecimento de uma falha da vítima como fator preponderante de sua morte:

Era muito meu amigo o Fabinho, pouco mais de 16 ou 17 anos, jovem, passou a ter um cargo muito alto no tráfico e pagou um preço caro por isso. Hoje a gente que mora aqui há muito tempo enxerga uma pacificação, não existe mais a rivalidade que existia aqui dentro. Era comum um tiroteio de madrugada, alguém tirou a vida de alguém, facções rivais. Ele era um garoto que recebeu um cargo muito alto e não tinha maturidade pra lidar, mais que você for um chefe de tráfico você não vai andar livre na rua como se não devesse nada a ninguém e ele cometeu esse erro e pagou com a vida (Leonardo, 29 anos, comerciante)

Por mais anunciada que seja a morte, o dia da morte é revisitado, busca-se descobrir onde foi que o finado “deu mole”. Contudo, há também as teorias cabalísticas, como se a morte fosse resultado de combinações improváveis.

Diguinho e Pedro, dois irmãos bem diferentes, mas que morreram juntos. O último era descrito como pacato – “menino de bom coração”. Sua conduta era vista como oposta ao de seu irmão, sempre aprontava, no período em que se aproximava sua morte, Diguinho já andava participando de assalto a ônibus. Seguindo as informações um de nossos entrevistados, descrevo a seguir a cenas fúnebres de suas mortes. Na noite em que os irmãos foram mortos foi um dos poucos momentos em que os dois andaram juntos, eles haviam ido juntos a uma seresta no bairro. Ao retornarem para casa, os dois param em uma esquina da rua principal, neste instante, eles avistam o carro e, pressentindo algo de estranho resolveram correr, mas logo foram alcançados, em seguida se viram obrigados a deitar no chão, posteriormente sendo baleados. Dentro do carro estavam velhos conhecidos de Diguinho, os mesmo tentaram interceder pelos irmãos, alegando que os dois eram “de boa”, mas o homem ao volante tinha ido ao bairro em busca de sague, e teria dito que já que não havia encontrado quem ele procurava, ele mataria qualquer um, e se os dois haviam corrido é por deverem alguma coisa. Na cerimônia fúnebre foram os mesmo velhos conhecidos que estavam no carro os que puxaram a salva de palmas. Esta morte que ocorreu no início dos anos 2000, levou anos até que seus detalhes tornassem acessíveis a mim. Poucos anos após a morte dos irmãos, ocorre a

morte da mãe, para muitos isso era resultante de o luto da perda dos dois filhos ter sido um fardo pesado demais. (Diário de campo, Março de 2012)

Um jovem que possui nos dias atuais pouco mais de trinta anos, expressou que da sua geração, talvez apenas três ou quatro ainda estivessem vivos e morando no bairro. As disputas – as rechas – fizeram com que a morte tivessem um deslocamento abrupto, sendo mais associada aos jovens do tráfico do que propriamente aos que por questões etárias estariam mais expostos à morte.

O que resulta disso é algo ainda pouco comentado, um exército de mães órfãs de seus filhos, pois os mesmos passaram por uma espécie de aborto social. Essas mulheres que, outrora já seguraram na borda do berço de seus filhos, são colocadas agora a chorar urrando nas bordas de caixões floridos. Como não correlacionar com as mães de Acari?

8 - Os novos vizinhos e as velhas relações: do policiamento ostensivo à polícia comunitária

Este capítulo trata de um tema transversal à pesquisa – a polícia – sendo assim advoga-se que essa parte do texto deve ser lida como um prólogo. Durante a sua realização foi possível o convívio com dois modelos: policiamento ostensivo e uma tentativa de policiamento comunitário. O que se busca almejar aqui é uma dada comparação, descrevendo dois momentos distintos de policiamento na área estudada: policiamento de incursão e policiamento dito comunitário. Com isso, pretende-se responder às seguintes curiosidades: o que mudou? O que permaneceu? Quais as experiências de convívio?

Os elementos que fariam desses modelos distintos seriam o uso da força e o desenvolvimento do diálogo, os órgãos de segurança achavam que com isso surgiria uma polícia menos violenta. Acreditava-se que muito da violência praticada resultava do isolamento que a instituição policial possuía, afastando-a da sociedade civil e gerando até mesmo oposição entre essas duas esferas. Essa oposição alcança patamares de uma violência oficial (PAES-MACHADO; NORONHA, 2002).

Na maioria das vezes, o uso da violência por parte da polícia, ainda que vestida de um conceito cercado de certa neblina – o uso progressivo da força - é legitimada de modo transversal aos segmentos da sociedade. Esse processo de aprovação dá-se por meio da resolução de uma única questão: *Era envolvido?*

Essa não é apenas uma pergunta, é um divisor estruturante da moralidade social, separa os que “devem” dos que “não merecem” sofrer as sanções da polícia, criando as balizas por onde a polícia deve se guiar em termos morais. Com isso, observa-se na agenda de debates da sociedade que há um clamor social para que os índices crescentes de violência e criminalidade sejam reduzidos, ainda que para isso seja usada a lei do fogo contra fogo, uma espécie de higienização social. Sendo assim, torna-se oportuno citar que muitas das operações policiais carregam nomenclaturas que remetem a isto- operação limpeza.

Este fato explicita o que já foi abordado por Briceño-León (2002), ele aponta em seu estudo o quanto há de legitimação por parte da sociedade no que se refere às ações violentas da polícia, essa legitimação ocorre sempre que se trata de um “degenerado”. Contudo, há de brotar uma profunda desaprovação quando se referir de uma “pessoa de bem”.

A polícia e sua relação com os moradores é um aspecto que se tornou relevante ao longo da pesquisa, à medida que o termo polícia trazia sempre conceituações negativas, seguidas de justificativas em vivências pessoais ou experiências de entes queridos:

Infelizmente a polícia quando entra aqui ela não procura saber quem eu sou, ela não procura saber de minha índole, ela chega me dando um tapa e mandando eu encostar ‘encosta desgraça! Cadê a droga?’. Você vai se sentir seguro com o traficante ou com o policial? (Marcos, 22 anos, estudante)

Quando se perguntou sobre a polícia em suas diversas ações enquanto instituição do Estado, as respostas apontaram para a polícia como um elemento externo ao bairro, ou seja, que não faz parte da realidade cotidiana dele, com total ausência de laços sociais entre o bairro e a força policial, dentre as repostas obtidas destaca-se essa: “A policia tá meio ausente, infelizmente ou felizmente não faz falta. É tão negativo isso que a última vez que eu vi uma viatura a sensação foi de desconforto.” (Sidnei, 24 anos, educador). A fala deste morador no ano de 2011 deságua para uma controversa visão sobre a polícia, apontando para uma ausência e certa aversão à mesma, a polícia não é reconhecida como algo necessário.

Diante dessa ausência no cotidiano do bairro, a incursão da polícia no bairro já causava uma perturbação da rotina, cria nos moradores um perceptível desconforto e um grande temor de ser abordado e conseqüentemente agredido pelos policiais, para que se pudessem entender tais sentimentos despertados pela polícia, foram relatados vários casos de violência policial.

Domingo os caras vieram aqui procurar, ficou parando todo mundo, ai eu tava no carro, parei ali em frente a um beco e desci, sacou? Fui entrando pra pegar um DVD, quando eu entrei Man... Ai me revistou, pegou meu celular, pegou minha identidade, ai pelo simples fato de eles perguntarem: “Você já foi preso né sua desgraça?” eu falei: “Que dia senhor?” Ai já achou um desacato, bateu pra caralho, queria me levar, mas não me levou por que o povo ficou encima dele lá e não levou. (Marcos, 24 anos, universitário)

As vezes em que aconteceu uma operação policial no bairro, as ações do cotidiano daquela localidade se alteram de alguma forma; trabalhadores esperam as coisas “se acalmarem” para saírem de casa, as crianças que costumam brincar na rua, até mesmo durante a noite, são orientadas pelas mães a não saírem, evita-se passar nas ruas onde a polícia está presente. Observa-se uma mistura de curiosidade (o que a polícia veio fazer?), somado a um dado desconforto causado pela presença ocasional da polícia no bairro.

Não me sinto acuado de sair e voltar quatro da manhã. Eu tenho medo de sair quatro da manhã e encontrar os homens na rua, os policial. Sacou? Chegar quatro da manhã encontrar esses caras, eles fazerem uma besteira comigo. Isso eu tenho medo! Mas do bairro assim não, não me sinto acuado. (Marcos 24 anos, Universitário)

A polícia ao realizar apenas incursões, mostrava o tipo de interação que ela promovia com o bairro, definindo-a como uma polícia ocasional. Ao que parece em um primeiro momento, a falta de um convívio diário terminava por fazer desta instituição um corpo estranho nas interações diárias. Sua presença significa o prelúdio de momentos sombrios, pois o policiamento de incursão trabalha sobre a ótica da repressão, ou seja, não há um trabalho de prevenir crimes, mas apenas o de capturar suspeitos, acusados e recolher corpos.

O bairro a partir de 2012 experimentou uma maior e mais frequente presença da polícia, os intervalos de sua ausência foram sendo reduzidos. Com isso, observou-se um aumento dos riscos para os operadores de um modo geral, mas em maior proporção para os operadores da base, pois se põe como a parte mais visível e passível de intervenção policial. Esse novo momento ocorre por o bairro se encontrar na eminência da implantação de uma base de polícia comunitária. Cenas como a descrita abaixo, ocorrida no ano anterior, tornam-se mais frequentes:

Nesta manhã de sábado, uma única viatura adentra o bairro e dirige-se a um dos pontos de venda, mas o sistema de vigilância dos operadores funciona e eles conseguem se evadir, mas deixam para trás a cadeira plástica onde ficavam sentados e um par de sandálias. Diante da fuga dos jovens, resta somente aos policiais a oportunidade quebrar a cadeira, e cortar com faca o par de sandálias abandonadas. Nesse momento, um jovem passeia com seu cachorro e depara-se com a viatura da RONDESP:

Soldado: Parado ai!

Morador: Esse ai é bom menino trabalhador, não entra em nada.

Soldado: pode ir então.

Horas após a viatura da RONDESP deixar o local, começa novamente o plantão dos operadores, que por conta da cadeira quebrada, passam a ficar maior parte do tempo em pé ou sentados no chão. (Diário de Campo, Setembro de 2011)

O jogo de risco está internalizado entre todos os participantes, mas isso não impede que rotineiramente alguém acabe sendo pego “de vacilo”:

Passado alguns dias, a polícia tornou a fazer uma incursão pelo bairro, surpreendendo três jovens que se encontravam em duas motos, ao se verem frente às viaturas os mesmo abandonaram as motos, passando a correrem por alguns becos estreitos do bairro, os policiais se colocaram de imediato no encalço dos mesmos, realizando uma série de disparos, que deixou uma trilha de cápsulas deflagradas, mas não ocorreu êxito em alvejar nenhum deles. Ao retornarem às viaturas os policiais colocaram as motos na caçamba da viatura, e levando as mesmas para a averiguação, onde se constatou serem produtos de roubo. (Diário de Campo, Abril de 2012)

O policiamento de incursão esteve, e está, em sua ampla maioria ligada à repressão de algum grupo criminoso: seja de assalto a banco ou tráfico. Contudo, não se pauta na prevenção de crimes que a população local poderia ser vítima.

A ineficácia de uma política pública pautada nesse modelo fracassado de segurança, fez com que a política de segurança tivesse que apresentar um leque maior de ações; mais que isso, que essas novas opções fossem ao mesmo tempo integradoras socialmente e eficazes na redução dos índices de mortes violentas.

8.1 O PACTO PELA VIDA E AS BASES COMUNITÁRIAS DE SEGURANÇA

O problema dos índices de violência entrou na agenda de debates sociais e políticos de forma permanente. Como já foi dito, há um clamor social pela redução dos índices de criminalidade e violência. Respostas são buscadas pelas instituições do Estado e ofertadas como solução à sociedade; incremento no número de policiais, grupamentos especializados e o surgimento de “policiamento comunitário” são empregados como que em uma cartilha por diversos governos estaduais, num processo de réplica da cópia.

O dito “policiamento comunitário” tem sido o “abre-alas” da propaganda do governo em termos de respostas aos índices epidêmicos de violência. Esse policiamento faz parte de um novo plano de segurança pública denominado Pacto Pela Vida (PPV), sua elaboração resulta de um ato integrado do Poder Judiciário, União, Assembleia Legislativa, municípios, Ministério Público, presidindo o PPV está a figura do próprio governador.

Este programa ainda envolve 13 secretárias de Estado, suas ações se pautam a partir de novas conceituações, tais como o de Área Integrada de Segurança Pública (AISP), este conceito se refere a um novo olhar sobre o território, por meio dele se dá o planejamento integrado entre polícia militar e civil. Na Bahia há 60 AISPs.

A partir desta divisão do território por meio dessa nova unidade geográfica, é possível monitorar a ocorrência de crimes e estabelecer metas. É deste modo que está se dando a tentativa de redução dos índices de violência, por meio dos dados resultantes de anos anteriores se estabelece uma meta a ser alcançada pelos batalhões e companhias da polícia militar, somada das delegacias de polícia existentes em cada AISP.

8.2 AS BASES COMUNITÁRIAS

Diversos bairros da capital baiana receberam desde ano de 2011, segundo lideranças comunitárias sem canais de diálogos e de modo impositivo, Bases Comunitárias de Segurança (BCS), enquanto parte do programa do governo da Bahia de segurança pública, o Pacto Pela Vida. Dentre os bairros que receberam as BCSs, encontra-se aquele que optamos enquanto campo de coleta de dados- o bairro da Ilha Grande.

Neste momento, expõe-se aqui uma análise dos boletins diários da polícia, expedidos pela Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA) nos seis primeiros meses de 2012 e 2013. O incremento desta nova ferramenta se dá devido o entendimento que, “o método é que nos escolhe e nos guia, quase mesmo a nos determinar”. (ESPINHEIRA, 2008, p. 27), foi tomando ciência deste fato e incorporando-o, estabeleceu-se esta etapa de coleta de dados.

Dentre a gama de elementos conflituosos que se encontrou por meio das observações, destaca-se a questão da violência verbal e física, sofridas por moradores. Foi interessante também observar o que tem ocupado a agenda de ações dos agentes policiais lotados na BCS, bem como seu impacto sobre os homicídios.

A implantação da BCS no bairro da Ilha Grande no ano de 2012 trouxe alterações na base das atividades rotineiras, fato inegável. Entretanto, as dimensões dessas mudanças e tensões resultantes ainda carecem de melhor análise. Informações coletadas em campo expõem fragmentos desta dinâmica. Dentre estes, apresenta-se aqui o que alguns moradores descrevem como certo “toque de recolher” ao falar do atrito que tem ocorrido com relação às festas. Alguns relatos falam da chegada da polícia, pondo fim as festas dos moradores em suas casas, com uso de spray de pimenta nos rostos das pessoas. Este fato expõe um antagonismo na relação morador x polícia, pois desperta aversão, indo na contramão da ideia de empatia, conceito tão defendido no curso de formação da polícia comunitária.

8.3 A OPERAÇÃO “FAXINA”

Com a operacionalização do programa de implantação das bases comunitárias da polícia militar, os bairros que estavam em vias de receber esse novo modelo de policiamento passaram por uma “limpeza” nos moldes policiais tradicionais.

No bairro estudado ocorreram nos últimos dias repetidas incursões policiais, posicionando-se nas entradas do bairro e percorrendo em comboio as partes centrais do mesmo. Nestas operações a polícia aborda transeuntes e motociclistas, conforme demonstra o diálogo reproduzido abaixo:

Policial= Ei você ai, mão na cabeça de cara pra parede!

Morador= Eu?

Policial= você mesmo, não escutou não?

Morador= tá bom.

Policial= abre as pernas! Tá vindo de onde?

Morador= do trabalho.

Policial= abra a mochila. Esse livro grande?

Morador= é um livro de informática.

Policial= abra ele ai pra eu ver. Certo, adiante seu caminho e não fique de bobeira ai na rua.

Após um ciclo de revistas a quem adentrava o bairro, as viaturas da COE (Comando de Operações Especiais), juntamente com agentes da polícia civil e

policiais da tropa de choque da Polícia militar passaram a circular pelo bairro, mas na ocasião não efetuaram prisões. (Diário de Campo, Julho de 2012)

O processo de implantação de algumas das BCSs foram televisionadas e comentadas em tempo real; ora pelos repórteres históricos, ora pelo próprio Governador do Estado. Com isso, dados interessantes foram expostos em nossas telas. Cada apreensão ou morte era apresentada como um esquete seguido de aplausos, de um espetáculo ainda nebuloso.

“O bairro tá na televisão!” anuncia uma moradora do bairro. Viaturas começam a circular e a realizar revista nos transeuntes, rapidamente as ruas se esvaziam, os operadores do mercado de drogas desaparecem, o comércio de drogas está fechado. Enquanto isso, a mídia faz uma cobertura sensacionalista ao vivo, focando casas e moradores, seguindo os passos policiais pelo bairro. O intuito desta operação, anunciado pela TV em tempo real, era capturar indivíduos que desempenhavam função de chefia no mercado de drogas local. Durante a operação, a polícia conseguiu capturar três homens, um quarto indivíduo acabou alvejado três vezes e vindo a óbito em suposto confronto com a polícia, um dos indivíduos presos foi apresentado como “braço-direito” da atual liderança local do tráfico, fato que levou o indivíduo preso a ser apresentado na mídia como o “prêmio da semana”. Com isso, a polícia parece iniciar uma espécie de “faxina”, visto que, a base comunitária do bairro e a suposta polícia cidadã, estão para serem implementadas no bairro. Ao cair da tarde, a rotina já fora reestabelecida, crianças jogam bola na rua asfaltada, o comércio funciona normalmente. Numa pequena viela, jovens operadores voltaram aos seus postos, o tráfico reassume seu pleno funcionamento. Após a retirada da polícia é facilmente observável o gradativo retorno à normalidade, o que causa uma grande inversão de valores, pois, a polícia é idealizada como forma de garantir a tranquilidade, mas nesse espaço periférico é sinônimo de tensão. As prisões e apreensões policiais, não têm minado o surgimento de novas lideranças e mesmo a continuidade do tráfico. Com isso, as vitórias da política pública de segurança, festejada nos meios midiáticos, mostram-se falaciosas frente ao cotidiano experimentado, pois em nada tem se alterado o fenômeno, apenas a quebra do cotidiano dos moradores, visto que policial aqui é figura rara e temporária, pois sua presença é curta, dura apenas o período de uma incursão, poucas horas em resumo. (Diário de campo, Julho de 2012)

O que o trecho acima descreve é uma série de acontecimentos que retirou do eixo a rotina dos moradores. A “faxina” iniciou-se ainda durante a madrugada, durando um longo tempo e acumulando casos de abusos na orquestração policial, casas foram adentradas por policiais sem qualquer mandado judicial. A melhor forma de se iniciar uma polícia comunitária é com uma intervenção tão invasiva? Ao que parece essa é a visão do Estado, algo semelhante ao que ocorreu com as favelas do Rio em meio ao processo de pacificação.

A operação, apesar de televisionada e narrada em um tom histórico e sensacionalista, teve questões obscuras, uma delas ocorreu em uma das ruas principais.

Um grupamento especializado da polícia surpreende um grupo de operadores em uma das vielas que desemboca em uma rua principal. Surpreendidos, os jovens saem correndo viela acima, abandonando no local um barril repleto de armas em seu interior. Tamanho o peso das armas são necessários dois policiais para transportá-lo. (Diário de campo, Agosto de 2012)

O helicóptero da mídia – uma espécie de panóptico social - evidencia em seu voo rasante que a sociedade estava olhando do alto para o que ocorria embaixo na periferia, mas isso não impediu que fatos de mesma ordem citados acima ocorressem. Entende-se o quão tentador seria discorrer aqui de como é frouxo o controle sobre os próprios policiais em termos institucionais, seja por incapacidade ou por interesse que assim ocorra. Entretanto, voltemos nossas lentes de análise aos moradores, pois esses sim sabem, viram e comentaram o ato ocorrido, é por meio desse tipo de situação que se estabelece o grau de confiabilidade em uma instituição.

Eis que se tem aí um dos elementos do temor dos moradores por parte da polícia: Como sentir-se confortável em ser colocado contra o muro e ser revistado por este mesmo membro do Estado que não hesita em roubar armas do tráfico? De formas diferentes, essa foi a pergunta que muitos trouxeram à tona quando era questionado o motivo da desconfiança que depositavam na polícia.

8.4 - A IMPLEMENTAÇÃO

Os policiais que estão lotados nas BCSs foram ensinados a serem policiais comunitários em um curso que durou dois meses, sendo assim, um policial comunitário recebeu ao todo nove meses de formação policial tradicional/ostensiva e dois de ação comunitária. Seria possível dois meses reverter muito do que foi ensinado em nove? Este questionamento se faz pertinente ao passo que se observa discrepâncias e mesmo antagonismos nestas duas formações. O dito policiamento comunitário é descrito dentro do próprio corpo de oficiais da corporação tendo como palavra-chave a empatia. O que precisa ficar claro aqui é a dualidade a que esses policiais foram colocados, pois o militarizado soldado da PM agora precisa ser um policial socializado.

Passados alguns dias de ocupação do bairro, em meio aos preparativos da implantação da base, toma-se conhecimento de um conflito que está ocorrendo entre moradores e policiais, pois foi instalado certo toque de recolhimento, os bares do bairro só poderiam ficar abertos até às 22:30h. Com isso, muitos comerciantes se sentem indignados, é durante as madrugadas de fim de semana que o faturamento sobe. Diante disso, durante uma ordem de fechamento do estabelecimento ocorre esse diálogo:

Policial= 22:30h você vai fechar o bar.

Comerciante= Eu não vou fechar nada!

Policial= Nós vamos dar uma volta e quando retornarmos o bar tem que está fechado

Comerciante = eu vou continuar aberto.

Policial= Gente, vocês que estão aqui no bar, nós vamos dá uma volta no bairro, e depois voltaremos, se vocês quiserem ver demais podem continuar aqui.

Todos pagam suas contas e saem rapidamente, momentos após os policiaes retornam, o bar continua aberto, mas completamente vazio. (Diário de Campo, Outubro de 2012)

A BCS foi planejada para ser implantada em um imóvel alugado, no valor de sete mil reais, antes o local foi alugado pelo próprio governo para funcionar como uma escola, originalmente o local era um pequeno mercado. Por conta dos parentes de sua esposa residirem no bairro, o proprietário não quis alugá-lo para a polícia, mas foi coagido a fazer essa transação.

O espaço passou por reformas, ou seja, verbas públicas foram usadas pra reformar um espaço privado, informações vindas de pessoas que acompanharam a reforma de perto. Durante o período de reforma a BCS funcionou em containers que foram comprados para serem usados como selas, aumentando as vagas do sistema prisional, mas foram impedidos pelos órgãos de direitos humanos, pois colocava os presos em situações desumanas. Os containers foram climatizados e colocados como base provisória.

Quando a reforma acabou, pensou-se que enfim seria utilizado o prédio reformado, lei do engano, até o presente momento a BCS continua a funcionar no improvisado. O prédio reformado serve apenas de dormitório, um funcionamento precário. Somente após 14 meses desde a implementação da BCS é que o prédio reformado foi inaugurado.

A BCS conta com um grupamento de 100 policiais se revezando em seis turnos, esse contingente seria o suficiente para operacionalizar quatro viaturas e quatro motos, além de realizar a patrulha a pé e o serviço administrativo da BCS. Entretanto, o material humano é na prática insuficiente, por conta disso apenas as viaturas circulam com três policiais embarcados, as motos permaneceram estáticas na frente da BCS por meses, a única vez que foram vistas circulando no bairro foi durante uma visita oficial no bairro. Mais recentemente, os policiais começaram a realizar treinamento para o uso das motos em dupla. Em relação ao patrulhamento a pé - prática que permitiria um nível maior de interação entre os policiais e os moradores - permanece sem ser realizado.

Na “outra ponta”, a polícia também costuma relatar problemas enfrentados no exercício de suas atribuições. Em uma reunião realizada em conjunto com as lideranças do bairro, o comandante da BCS informou quais seriam as principais ocorrências do bairro. Segundo ele, existem três fatos que são recorrentes e que representam a maior parte das ações policiais: a) prestação de socorro, b) mediação de brigas conjugais, c) condução à base por desacato à autoridade.

O bairro conta com um posto de saúde, mas assim como o resto da estrutura da saúde do Estado, apresenta severas limitações e conflitos. Sendo assim, o mesmo só funciona em horário comercial, no período noturno fica fechado, caso os moradores precisem de algum atendimento de urgência, precisam se deslocar para outros pontos da cidade, sendo assim, a base serve para realizar esse processo de condução. Caso o posto funcionasse enquanto pronto socorro, tal fato inexistiria.

A questão da violência contra a mulher perpassa todos os segmentos sociais, e no bairro estudado não é diferente, os policiais são acionados para pôr fim a brigas de casais e até agressões físicas, mas uma vez cessado os conflitos os policiais dão por encerrado suas obrigações, não há encaminhamentos para as delegacias especializadas de atendimento à mulher, as DEAMs, ou para os centros de referências.

Os casos de desacato à autoridade chama a atenção pelo fato de representar concretamente a incapacidade do Estado em preparar os agentes da corporação policial para o trato com os moradores, bem como, os conflitos como resultante da falta de convívio – os moradores não estão acostumados com a presença do Estado.

8.5 POLICIAIS, TRAFICANTES E O TERRITÓRIO

Ao se falar em implementação das BCSs o que mais se ouve é um discurso incisivo de tomada do controle territorial das mãos dos traficantes, ou seja, o policiamento comunitário teria tamanha eficácia, que seria capaz de impossibilitar a permanência do tráfico no local de sua instalação. Mas seria essa política de tamanha eficácia? O que se torna notório é que nenhum tipo de policiamento acaba com o tráfico, pois a polícia não tem como agir em um ponto central – o desejo de usar drogas. Enquanto existir a política do proibicionismo, existirá tráfico.

O que se observou nos meses que seguiu à implantação da BCS foi um ajustamento do tráfico frente à sua nova condição, a não mais um convívio com as incursões intermitentes, mas sim a um convívio diário com a polícia. Com isso, aqui alguns pontos que nos ajudam a entender essa nova ordem estrutural no território.

O primeiro impacto perceptível foi a redução e maior cuidado por parte dos operadores do mercado de drogas quanto a circulação armada. Nos primeiros meses ocorreram algumas prisões de operadores do tráfico ao serem avistados portando armas, em um dos casos um jovem de dezesseis anos foi apreendido ao ser avistado transportando duas escopetas calibre 12.

Os pontos de venda do tráfico também sofreram alterações, muitos dos pontos existentes em ruas principais foram deslocados para ruas secundárias ou becos, onde a passagem da polícia não se faz possível em viaturas, forçando um deslocamento a pé dos policiais, tornando maior a possibilidade de fuga dos operadores.

A ostentação que os *cabeças* do mercado de drogas faziam, realizando grandes festas nas praças e ruas principais, sofreu deslocamento territoriais, passando a ocorrer em partes mais afastadas em relação ao local onde está a BCS. Com isso, algumas festas que sempre ocorriam com o patrocínio dos *cabeças*, agora ocorrem com o apoio da BCS, a exemplo da festa do dia das crianças;

Evidencia-se que a polícia comunitária tem mostrado um baixo poder de irradiar segurança. No bairro da Ilha Grande isso fica evidente ao se observar que o número de traficantes é em muito superior ao de policiais, e as tecnologias utilizadas por estes

policiais não lhes oferece grandes vantagens, um claro exemplo disso são as câmeras de vigilância que filmam algumas áreas, mas não gravam.

O fato que destacamos aqui já fora anunciado acima, a presença da BCS não intimidou o tráfico a ponto de diminuir sua capacidade de arregimentar indivíduos em suas práticas. Segundo informações um único *braço-direito* possui mais de 50 pessoas sobre seu comando, tendo o bairro cerca de quatro indivíduos em mesma condição liderança, estima-se que o número de pessoas no tráfico seja mais que o dobro de policiais.

O tráfico continua matando, as taxas de homicídios continuam em patamares semelhantes. O que mudou é onde se mata. Os operadores passaram a ter a preocupação de sequestrar e levar para outros bairros as pessoas que serão executadas. Com isso, as taxas oficiais da AISP (Área Integrada de Segurança Pública), ao qual o bairro pertence, diminuíram. Essa queda é propagada pelos veículos do governo e da mídia. Com isso, não há tensão, o tráfico resolve seus conflitos, e a polícia se mostra eficaz, menos corpos no bairro, mesmo que continue se matando tanto quanto antes.

O efeito mais inusitado que podemos narrar sobre as BCS é que ela trouxe força ao tráfico local. Anteriormente um grupo que quisesse invadir o bairro e tomar o território teria que enfrentar e escorraçar os operadores locais. Agora, qualquer tentativa de invasão significa o enfrentamento de duas forças, os operadores estabelecidos e os policiais. Com isso, a tarefa ficou muito mais difícil de ser concretizada, tornando o tráfico já estabelecido muito mais seguro.

A seguir consta um diálogo realizado na internet entre um policial da RONDESP e um morador com quem tem laços de amizade:

Morador: Bom dia! E ai véi?

Policial: Bom dia! Colé?

Morador: E ai tava lá nas área não foi?

Policial diz: Foi, tava em uma operação lá pra implantação da base.

Morador: Eu vi.

Policial: Ficou com medo de falar comigo foi?

Morador : Não, pô!

Policial: Tá devendo é?

Morador : Pensei que não podia.

Policial: Porra nenhuma! Pode falar.

Morador: Porra... não sabia não pô. Agora, depois que implantou a base lá, poxa tá rolando monte de onda, já teve monte de tiroteio e não tava assim não.

Policial: Com a base? Depois da base?

Morador: Depois, os policia sumiram depois que implantou. Rrss

Policial: Esse tiroteio é com a polícia ou entre eles?

Morador: Entre eles.

Policial: Mas tem 120 policiais revezando entre dia e noite lá.

Morador: A polícia quando chega, os caras já foram tudo embora.

Policial: Porra! Mas vai acabar, é questão de tempo.
Morador: Porra! Espero velho, por que antes não tava assim não. Sério mesmo.
Policial: É porque a boca de fumo com a base comunitária implantada no bairro é um bom negócio, eles agora estão brigando por esse ponto.(???)
Morador: Hum... realmente são os caras do alto do[retirado nome do bairro] aquele bairro próximo de lá, as coisas aqui tá de boa.
Policial: Depois que a base esta estabilizada os traficantes que ficaram ficam mais tranquilos por que ninguém invade mais.
Morador: Hum rum, pior que não tem como o tráfico acabar, só minimizar.
Policial: Fica mais forte, por que fica mais seguro.
Morador: Hum... Só espero que se estabilize logo por que tem hora que a coisa fica feia

Esse efeito aparentemente inusitado possui no seu cerne algo importante, pois representa um contingente de variáveis: o desencorajamento de grupos na tomada de territórios, a diminuição de confrontos armados, e conseqüentemente uma diminuição da pressão na corrida armamentista. Contudo, é preciso salientar que os policiais entendem que suas ações tem fortalecido o tráfico, eles se veem como soldados indiretos do tráfico, o que transmite um forte sentimento de frustração.

8.6 INTERAÇÃO VIOLENTA

O maior acúmulo de conflitos ainda se detém nas questões das abordagens policiais, sendo assim dedicamos um espaço para relatar os casos que coletou-se: “com eles não tem essa de polícia comunitária, homem e mulher vai ser tratado do mesmo jeito” (Carlos, 28 anos, educador).

Ameaças, acusações e xingamentos aos moradores abordados têm sido narrados com certa frequência: “viado!”, “você é menino de Rosa (traficante)!” , “você é membro de facção!”, “Se pegar você na rua de madrugada, já sabe, né?” e “aqui só tem vagabundo!”. Essas e outras frases foram ditas aos moradores em momentos em que eles estavam sendo abordados pelos policiais. Soma-se a isso uma questão de gênero, tem sido fato rotineiro a narração de assédio de polícias às moradoras do bairro, inclusive adolescentes, fato que ocorreu com a esposa de um dos líderes comunitários.

No fato ocorrido, um policial de dentro de umas das viaturas dirigiu-se à moradora com a seguinte frase: “Você tá gostosa!”, mencionando o tamanho de seu órgão genital. A

entrega de bilhetes e telefones dos policiais às moradoras do bairro foi narrada por diferentes pessoas.

Uma ação recorrente em algumas abordagens tem sido o desligamento dos celulares dos moradores por policiais, alguns moradores relatam que tiveram seus aparelhos jogados ao chão. Além disso, tomou-se conhecimento de duas ocorrências onde jovens tiveram seus documentos de identificação apresentados aos policiais, vindo em seguida a serem rasgados pelos próprios policiais. Outro morador falou que ao ser abordado e se apresentar como músico, foi provocado pelo policial que lhe disse: “vá cante ai pra mim, cante pra mim”, vindo em seguida a fazer paródias com letras, insinuando que o jovem apoiava os traficantes.

O mesmo afirmou que ao adentrar o bairro já no período da noite, foi abordado, vindo a lhe ser solicitado abrir a sua bolsa, devido ao peso o mesmo não conseguiu mantê-la erguida enquanto o policial realizava vistoria, algo que irritou o policial “eu mandei você segurar essa porra!”. Posteriormente, o policial pegou a bolsa e a virou, derrubando todo seu conteúdo sobre a calçada, ao avistar um rolo de fio, o policial questionou o morador onde ele roubou aquilo. Nesse momento, um policial reconheceu o morador, ao lembrar que já tinha namorado uma de suas parentas, intervindo imediatamente no tratamento que seu colega aplicava sobre o morador, com isso o policial exaltado disse ao morador: “você teve padrinho agora, eu tava doido pra lhe quebrar no pau”. (Diário de campo, Maio de 2013)

As ações arbitrárias da polícia não se limitam aos espaços públicos, ocorreram relatos por moradores quanto a invasões de casas conforme descrevemos abaixo:

Na noite de uma sexta-feira a viatura estaciona no pé de um dos morros do bairro, seus ocupantes – três policiais – descem da viatura e começam a subir as estreitas vielas que dão acesso ao alto do morro. Em uma das casas do alto, entram sem mandado na residência e começam a interrogar os moradores: “cadê a arma? eu sei que você tem arma!”. Os moradores da casa – um casal e seus dois filhos – se viram submissos aos policiais e assistiram por um longo tempo a ação dos mesmos, a casa foi revirada, objetos foram quebrados. No dia seguinte, a dona de casa ainda pálida e desnorçada pelo ocorrido mostrava-se surpresa com o ocorrido. Faz pouco tempo que ela e sua família chegaram no bairro, seu marido trabalha o dia todo e ela fica com os filhos. Mesmo diante do ocorrido, não se prestou queixa, o temor de represália anula qualquer reação. (Diário de campo, Junho de 2013)

Os casos acima são o enunciar de coisas muito mais graves que já se colecionam aos montes – os casos de tortura corporal. Além das abordagens truculentas ou mesmo violentas, os moradores temem pelos casos de flagrante forjado, uma prática que ocorreu algumas vezes pelo que se sabe. Em um dos casos um jovem menor de idade foi abordado

por policiais próximo a sua casa, não sendo encontrado nenhum tipo de ilegalidade com ele, logo em seguida um policial teria jogado duas pedras de crack no chão, acusando em seguida de pertencerem ao jovem, conduzindo o menor até a viatura. Toda a ação foi visualizada pelo pai do jovem do alto de uma laje. Conduzido à delegacia, o jovem teve de se explicar, na ocasião a delegada reconheceu as contradições na narrativa dos policiais, liberando o jovem em seguida.

A polícia se apropriou de espaços anteriormente utilizados pelo tráfico, agora o antigo lugar de execução dos desafetos passa a ser utilizado para práticas policiais:

Os policiais jogaram os jovens no chão, em seguida mandou moradores que se encontravam na rua vendo a cena entrarem em suas casas e fecharem as portas. Em outra ocasião, dois jovens foram abordados próximo a uma escola do bairro, em seguida foram colocados no fundo da viatura e levados para um sítio, lá chegando foram espancados e obrigados a colocar cocos na cabeça e nos pés, um dos policiais teria pedido para que um deles segurasse uma arma descarregada e apontasse para ele. Os jovens foram soltos horas depois, e hoje andam no bairro com medo. (Diário de Campo, Outubro de 2013)

A ação descrita acima promove uma desaprovação coletiva entre os moradores, mas sem resultar em uma ação efetiva, pois todos temem por represálias, ainda que tenham sofrido uma violência gratuita e desnecessária. A região onde ocorreu o caso é conhecido como matadouro, outra região também usada para as práticas de espancamento é um local onde os moradores, principalmente os adolescentes utilizam para jogar bola. É bem verdade que no passado essas duas regiões eram utilizadas para a execução ou desova de seus desafetos. Agora, é a polícia que utiliza este espaço, com o agravante de que os jovens agora temem praticar seu futebol no local e serem alvos dos policiais, pois os jovens são o alvo em potencial dos policiais.

Em uma caminhada junto com dois estudantes do turno escolar noturno, escuta-se deles uma narrativa de uma agressão policial ocorrida há poucos dias. Segundo um dos jovens, ele foi abordado por uma viatura, vindo em seguida a ser revistado juntamente com outros jovens em uma rua próximo a sua casa, no ato da abordagem um policial desferiu dois socos nas suas costas, na altura dos pulmões, com a força dos golpes o jovem caiu, o policial o colocou sentado, em seguida disse a outro colega de farda “segura ele ai que vou dá mais uns sacodes (socos) neles”. O jovem informou que em seguida foi ameaçado pelo policial, segundo ele lhe foi dito pelo policial a seguinte afirmação “vou levar você pro Cia [área de desova de cadáveres] e sua família só vai te reconhecer por sua arcada dentária.”, o jovem respondeu na ocasião ao policial que não se envolvia em coisa alguma e que ele nunca seria pego em coisa errada. Esse tipo de ato é narrado com certa naturalidade. Questionado sobre a possibilidade de prestar queixa sobre a agressão ocorrida, o jovem disse que prefere deixar pra lá. (Diário de Campo, Maio de 2013)

As práticas de ações ilegais ocorrem com dada frequência, mas em um final de semana ocorreu um pico de ocorrência, segundo informações coletada junto a lideranças locais, foram mais de 18 ocorrências. Uma das lideranças do bairro, que também teve seu filho ameaçado por policiais já pensa em tomar a mesma atitude que alguns moradores já fizeram: colocar sua casa a venda. Após sofrerem agressões, muitos moradores temerosos de represálias mudaram-se, deixando suas casas fechadas com placa de venda. Uma das ocorrências desse pico é narrada a seguir:

Quando voltavam da praia, três jovens – entre eles Marcos - e suas namoradas foram interceptados por uma viatura, vindo a receberem ordem de virarem de costa e colocarem as mãos na cabeça. Em seguida foram revistado, inclusive a namorada de um deles, sem nada de ilegal ter sido encontrado com alguns dos jovens, mesmo assim foram colocados dentro da viatura sobre a alegação de serem conduzidos até a delegacia. Entretanto, a viatura realizou voltas pelo bairro despistando os amigos do jovem que seguiam a viatura de bicicleta. Posteriormente, a viatura seguiu pro local conhecido como matadouro, lá estando, os jovens foram retirados um de cada vez da viatura, e um por um foram sendo interrogados sobre o nome de um possível traficante, cada pergunta era seguida de socos e chutes. Após a seção de espancamento, os jovens foram conduzidos ao interior da base, onde foram obrigados a se lavarem para retirar o barro e o sangue, seis dias após os golpes sofridos os corpos dos jovens ainda guardavam, um deles sequer conseguia sair da cama. (Diário de Campo, Setembro de 2013)

Dois dos três jovens registraram ocorrência na Corregedoria Geral da Polícia Militar, mas outros tantos temeram novas agressões e preferiram se calar. Afinal, como queixar-se da polícia? O corporativismo é uma das coisas mais ditas pelos moradores para explicar seu descrédito na instituição. Outro argumento interessante nos é dito por um morador que teve sua casa invadida por policiais quando dava uma festa em sua casa, na ocasião os policiais jogaram spray de pimenta nos que se faziam presentes e agrediram alguns dos convidados, um dos policiais chegou a entrar em luta corporal com uma adolescente. Segundo este mesmo morador, a cena que tanto lhe causou ódio não resultou em nenhuma atitude por parte dele por ser ele “café pequeno”, isso reflete o sentimento de muitos de que somente alcança a justiça quem previamente já goza de algum poder.

Passado um dado tempo, encontro novamente a mãe de Marcos, a mesmo voltava de um exame de endoscopia. Mesmo sobre o efeito da anestesia, ela me reconhece e volta a agradecer por tê-la acompanhando junto com os jovens até a corregedoria. Contudo, ela expressa seu pesar, pois até o momento não fora marcada a audiência sobre o caso, a única novidade que ela expressa é a transferência dos policiais do bairro, mas eles ainda permanecem ligados à mesma companhia de polícia. Seu relato me causa certa preocupação, mas me mantenho sereno. Ela relata a seguir que foi procurada por outro policial, este teria lhe procurado para que ela não procurasse dar continuidade ao caso, bem

como aproveitou a oportunidade para pedir que ela aceitasse conversar com os policiais envolvidos. De imediato, ela afirmou que não aceitaria nada, pedindo que o mesmo desse esse recado a quem o enviou. (Diário de Campo, Agosto de 2014)

A transferência dos policiais é encarada dentro da instituição como uma punição, à medida que quebra com a rotina dos remanejados; contudo, ainda parece insuficiente para que se consiga transmitir uma ideia de eficácia jurídica, pois não parece uma punição aos olhos dos que se viram agredidos.

A grande bandeira do Pacto Pela Vida, tão agitada pelos membros do governo, a diminuição dos Crimes Violentos letais Intencionais (CVLI) parece ter sido pintada em um tecido esgarçado. Para embasarmos esta provocante afirmação, apresentaremos os dados comparativos do ano de 2012, quando o bairro estudado ainda não possuía BCS e o ano de 2013 quando já conta com a BCS.

Em 2012, de 1º de janeiro a 30 de junho, ocorreram 10 homicídios no bairro, sendo essa uma das justificativas para a implementação da BCS no bairro. O intuito seria diminuir esses CVLIs. O objetivo era conter esses atos, pois os mesmos ocorriam em via pública e momentos diurnos, deixando aos olhos de todos os resultantes da ação – cadáveres.

No período compreendido de 1º de janeiro a 30 de junho de 2013, nesse período ocorreu um contingente significativo de homicídios, 14 homicídios ao total. Entretanto, a própria SSP-BA não reconhece esse índice elevado, pois muitos dessas mortes constam como pertencentes a outros bairros, visto que os corpos das pessoas mortas ou sequestradas no bairro, foram desovados em outros bairros. Contudo, ainda ocorrem homicídios dentro do bairro e em momentos diurnos. A presença polícia, que serviria de propagador de segurança, mostrou-se até o momento ineficaz.

Quando se observa as BCSs e suas perspectivas de propagação de segurança, chega-se à conceituação de sua *ineficaz irradiação*, uma incapacidade de conseguir realizar domínio espacial pleno a partir do grupamento policial, pois este é inferior em número, frente aos operadores do crime, bem como há um uso limitado de serviços investigativos, sendo assim, a presença da polícia somente pode ser percebida em uma

parte limitada do bairro, a grande parte deste território desconhece o poder do Estado descrito no “braço forte do Estado”.

A comparação mais pertinente neste momento é assemelhar as BCSs enquanto uma pedra que se atira no lago, à medida que se afasta do centro de propagação – no caso das BCSs, seus prédios físicos – sua capacidade de alterar o tecido social é minimizado, não se consegue alterar as dinâmicas criminosas. Em nível de compreensão, observemos a cena a seguir, onde ocorreu um homicídio em pleno dia:

Na tarde de domingo, encontrava-se Junior - conhecido jovem que se encontra na condição alcoólatra- em companhia de outras pessoas quando fora abordado, identificado, passou então a ser conduzido ladeira a baixo, essa caminhada não foi tranquila, pois o mesmo foi intensamente espancado, alguns moradores disseram que sentiam arrepios ao ouvir os gritos do jovem apanhando. Ao fim da ladeira, ele foi obrigado a entrar em uma das ruas, em seguida ouve um rápido diálogo, ao fim tiros são disparados, alguns atingem o crânio do jovem, ele cai morto com um terço na mão. O terço foi presente de seu irmão mais novo, o jovem o carregava desde que o recebera de presente. Dias antes de sua morte, chegou até sua casa a notícia de que ele estava morto, vindo posteriormente ser constatado que se tratava de um engano, algumas pessoas relatam este fato como um presságio – uma mensagem do além – do que estaria por vir. A polícia chega momentos depois da morte, isola a área, cerca de uma hora depois a perícia chega, o levantamento cadavérico é prontamente feito. Um amigo de infância diz que ficou horrorizado com os procedimentos dos peritos: “os caras desceram a bermuda dele ali mesmo, todo mundo vendo a nudez do cara, vira o corpo pro lado, vira pro outro...”. É gol da Seleção! todos vibram... (Diário de Campo, Setembro de 2013)

Um homicídio que se efetua ao entardecer aponta para como ainda é insatisfatória a capacidade da BCS em irradiar segurança. Outro fato que corrobora para a exemplificação da afirmação de ineficaz irradiação é punição feita por operadores do tráfico:

A madrugada do bairro foi agitada, ocorreu uma mobilização durante a madrugada para a captura do estuproador e assassino da moradora evangélica. Segundo informações, cerca de 20 homens reuniram-se e esperaram junto à mata próxima ao bairro e por volta das três da madrugada cercaram um homem que portava duas facas. O homem foi amarrado e levado para dentro do bairro. O que se seguiu foi um ritual ao estilo medieval, espancamento em via pública com o objetivo de extrair a confissão do homem. A sessão foi registrada com celulares que tiraram fotos, vindo as mesmas a serem compartilhadas nas redes sociais e comentada por diversas pessoas. Os comentários se dividem entre os que apelam a uma fé cristã, defendendo que não se cometa esse tipo de ato e aqueles que aplaudem o ato de linchamento. Dentre os comentários feitos, o comentário de uma criança é o que mais chama a atenção, trata-se da filha da moradora morta, ela legitima o linchamento e fala mal do suposto estuproador. (Diário de Campo, Maio de 2013)

O fato de o tráfico ainda conseguir agir no controle e repressão de certas ações criminosas, expõe o cenário onde a polícia ainda não alcançou a primazia das ações

Uma das interrogações que paira sobre a política de BCS é o risco de que isso culmine em práticas de extorsão sobre os moradores. O Estado se vê no dilema de promover a proximidade entre os policiais e os moradores e, ao mesmo tempo, evitar que essa aproximação promova práticas ilegais. Entretanto, a interrogação começa a ser respondida na medida em que se visualizam certas práticas ilegais por parte de alguns policiais.

Comerciantes de alguns estabelecimentos do bairro começam a ter que pagar por serviço de segurança prestado por policiais, os comerciantes que se negam a pagar recebem a visita da polícia acompanhada de órgãos da prefeitura, alguns donos de bares que não pagaram tiveram os sons de seu estabelecimento apreendido por conta da lei de poluição sonora, ou mesmo o toldo da frente de seus bares removidos.

Como concluir algo que ainda está germinando enquanto fenômeno social, ou mesmo que enquanto problema sociológico ainda caminha em suas primeiras linhas? Esta não parece ser uma resposta fácil. Entretanto, não queremos aqui nos eximir de delinear algumas linhas gerais. Torna-se difícil acreditar em “Pacto pela vida” enquanto slogan estampado em viaturas de grupamentos ostensivos que também estampam outros slogans tais como: “pai faz, mãe cria, catinga mata”.

Uma clara referência ao tipo de trabalho que é feito por estes grupos ostensivos. Não se pode garantir que roupas limpas permaneçam intactas em meio à uniformes mofados, pensar assim é mais pura ingenuidade política. O fato de recrutar para as BCSs policiais recém-formados não garante a “pureza” policial, pois a própria estrutura policial se mostra por si só corruptível.

Colocar sobre os ombros de um punhado de policiais o ônus de reparar falhas ocorridas por décadas de omissão estatal mostra-se desumano, é justamente isso que explica muitas das tensões que permeiam os fatos de violência registrados aqui ao longo do texto. Ao colocar demandas desumanas aos policiais que tipo de comportamento se pode esperar deles?

9- CONCLUSÃO

Essa foi uma pesquisa que exigiu muito fôlego, talvez muito mais do que o pesquisador possuía no momento de sua realização. Destarte, diante desta fase de delineamento das últimas sentenças textuais, é preciso resgatar o longo trajeto histórico que este texto tentou almejar. O bairro da Ilha Grande, possui um longo memorial de convivência com o crime – ora amena outrora crítica. Com isso, constituiu-se em elemento apriorístico deste trabalho a tentativa de falar do “mundo do crime” antes do tráfico. Entender como se deu o convívio dos moradores com as quadrilhas de assalto - algumas que os defendiam, outras que os assaltavam – apresentou-se como um ponto balizador, visto que é nesse momento de origem do bairro, concomitante a atuação desses grupos criminosos, que surgem algumas das regras que ainda hoje vigoram.

Falar desse “mundo do crime” é uma questão não tão fácil, pois ao pesquisar a origem do bairro da Ilha Grande que se deu por meio de uma ocupação irregular, impôs-se a constatação de que se falaria de criminosos em meio aos marginalizados. Apesar de trabalhadores, as pessoas que realizaram ocupações irregulares são taxadas de descumpridores da lei e foram – e em dada medida ainda são – visto como pessoas perigosas. Com isso, a rotulação de “pessoas de bem” com que a população local se define, acaba por ser deformada quando se busca sua definição no imaginário social na cidade de Salvador.

Para além do retrospecto, é preciso pensar o tráfico enquanto parte da tessitura social, pois não se trata apenas de descrição do tráfico em si, mas antes de tudo, de relacioná-lo com extenso tecido social do qual ele participa, adequa-se e interfere. Essas características são fundamentais, pois impõe a necessidade de vislumbrar reflexões sobre esta temática, posições para além do enquadramento por meio da rotulação dos atores deste fenômeno como apenas tiranos. Não se trata de uma tentativa de absorção, mas sim da tentar de promover um debate mais amplo, diante da constatação da destreza com que os tentáculos do mercado de drogas conseguem manobrar dentro do cenário da periferia baiana.

Quando se pontua que o tráfico participa da realidade cotidiana do bairro periférico estudado, não se quer aqui escorregar na perspectiva de coparticipação dos

“moradores de bem” no apoio ao tráfico. O que está posto para análise é que, necessitam-se enxergar o notório; os que estão dispostos a atuar no mercado de drogas na periferia são, antes de tudo, indivíduos que se definem enquanto *crias* do bairro, ou seja, têm um profundo sentimento de pertencimento para com a localidade, sendo assim, são membros desta localidade. Apesar de que, com a implantação da itinerância, há a ocorrência de uma cifra de indivíduos oriundos de outros bairros, contudo esse percentual ainda é diminuto. Ser *cria* do bairro é de extrema importância, pois muitos desses jovens do tráfico não saem com facilidade desses espaços, isso ocorre devido a perseguição policial e de grupos rivais. Com isso, ser *cria* é ao mesmo tempo uma identidade importante, mas também uma dada sentença, pois o bairro que ele glorifica é também o delimitador de sua liberdade, não se sai dali. Para os jovens do tráfico, a cidade é muito mais estreita do que para a maioria das pessoas.

Ainda que o ato de traficar construa uma identidade desviante para eles, isso não consegue desfazer o arcabouço relacional que eles desenvolveram e desenvolvem em outras atividades tidas como “normais” e com pessoas tidas como “de bem”. Para além disso, não se consegue executar tráfico de drogas e assumir a centralidade de mercado sem que se goze dessa relevância social: ser *cria*. O equilíbrio já crítico entre tráfico e “moradores de bem”, parece ser impossível de ser praticado se na primeira perna desse binômio não estiverem pessoas nativas, principalmente no topo da liderança.

. Afirmações como “tirania” e “poder paralelo”, apesar de terem encontrado uma eficácia social para definir o tráfico na periferia, visto que guarda na sua essência aspectos relevantes; há de se observar também a simbologia de rigidez que as mesmas despertam, encobrendo assim uma das características que mais contribuem para que uma atividade criminosa vigore: a adequação.

Mesmo que muitos enxerguem o poder do tráfico por meio das armas, é em proporção inversa que, poucos percebem o grau de eficácia e poder resultante que advém da capacidade do tráfico de drogas em se adaptar ao contexto social em que se insere. O tráfico pode subir os elevadores sociais ou as ladeiras do morro, independente do espaço, a eficácia é elevada. A fluidez que esse fenômeno possui, permite ao tráfico se adequar às estruturas sociais já estabelecidas, bem como tende a preencher as valas sociais cavadas, mas não preenchidas, pelo Estado. Assim sendo, cria-se uma aparente atmosfera de tranquilidade que permite aos moradores não se queixar da ausência policial e sim de

sua presença. A fluidez que permite que a face do tráfico ganhe tantas formas, desperta por tabela outra característica importante no que tange ao caso brasileiro, a capacidade de por meio do seu poder acumulado e adaptado, exercer práticas de interferência no tecido social.

É bem verdade que o Estado não está ausente nos espaços da periferia, mas está rarefeito, permitindo que o vácuo deixado por sua pouca intensidade seja ocupada por outros atores, dentre eles o tráfico. O monopólio da força, exercido por meio da proibição de porte armas por moradores exemplifica isso. Com isso, entra-se no campo ambíguo da violência que, causa ao mesmo tempo atração e repulsa. O tráfico visto como a principal causa da violência urbana, ainda carece de maiores subsídios.

No bairro da Ilha Grande o que se observou foi um bairro tranquilo de tráfico violento. Como isso é possível? A passagem da violência difusa, passando à uma violência cirúrgica – somente sobre “quem deve” – transmitindo uma escuderia social de salvaguarda, transmite essa sensação de segurança. Com isso, constatou-se que; a ocorrência ou não de mortes não se faz suficiente para poder extrair a percepção de segurança das pessoas, é preciso ir para além das estatísticas, necessita-se observar a repercussão social de cada morte.

No período em que o tráfico ocorria por meio de pequenos grupos ou mesmo sendo feito por indivíduos isolados, a violência era difusa, uma guerra de todos contra todos. O processo de passagem desta fase para um imponderado monopólio se deu por meio da força, muitas trocas de tiro e mortes foram efetuadas, figuras que sobreviveram ganharam áureas místicas. O que mais chama a atenção desta fase difusa é o descontrole no mundo do crime relatado nas narrativas, no sentido de que, não havia controle social do bairro nem pelo Estado, nem pelo tráfico, sendo assim, foram anos de uma população enquanto alvo das práticas criminais: furtos a casas, assaltos a estabelecimentos comerciais e estupros.

Com a centralidade da tomada de decisões promovida pelo monopólio, tornou-se possível não apenas a centralidade da força, mas também o controle sobre o próprio crime. Sendo assim, muitos assaltantes foram mortos ou espancados e colocados para fora do bairro, estupradores foram linchados até a morte. Ainda com referência ao tráfico, participar do tráfico é descrito como um trabalho para muitos dos que estão nessa prática,

o que nos revela que cada vez mais o tráfico assume características de um empreendimento empresarial, chegando ao ápice de mães quererem que o tráfico empregue seus filhos. Neste sentido, observa-se os pontos de aproximação e distanciamento entre as práticas juridicamente criminalizadas e as socialmente toleradas. O “mundo do crime” é o mundo das leis, das leis rígidas e silenciosas, leis que quando quebradas observa-se a latente eficácia da punição.

Por fim, este trabalho não significou uma resposta acabada, mas sim o início de um caminhar sobre um território ainda coberto de névoa, necessitando assim de estudos que renovem os ares que repousam sobre ele. Essa pesquisa apontou para muitas portas, mas sem necessariamente demonstrar todas as chaves que as abrem.

REFERÊNCIA

1. AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Tradução de Henricue Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
2. AGIER, M. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo, 2011.
3. ALVES, M. H. M.; EVANSON, P. **Vivendo no fogo cruzado: moradores de favela, traficantes de droga e violência policial no Rio de Janeiro**. São Paulo: UNESP, 2013.
4. AMORIM, C. **CV-PCC: a irmandade do crime**. São Paulo: Record, 2003.
5. BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
6. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
7. BARBOSA, A. C. R. **Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Niterói: Eduff, 1998.
8. BARCELLOS, C. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
9. BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2009.
10. BERGERON, H. **Sociologia da droga**. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.
11. BERGER, P.; LUKMAN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
12. BIONDI, K. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo: Terceiro Nome, 2010
13. Bobbio, N. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
14. BOURGOIS, P. **En busca de respeito: vendendo crack em Harlem**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2010.
15. BRICEÑO-LEÓN, R. La Nueva violencia urbana de América Latina. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez., p. 34-51, 2002.
16. CALDEIRA, T. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
17. CAVALCANTI, Mariana. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. v. 24 n. 69 fev. 2009.

18. CECCHETTO, F R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
19. COIMBRA, C. M. B. **Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Niteroi: Oficina do Autor, 2001.
20. Cruz Neto, O; Moreira, M. R. & Sucena, L.F.M. **Nem Soldados Nem Inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.
21. DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
22. D'ELIA FILHO, O. Z. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro: Revan. 3 ed. 2011.
23. DESROCHES, F. J. **The crime that pays: drug trafficking and organized crime in Canada**. Toronto, Canadian Scholar' Press, 2005.
24. DIÓGENES, G. Gangues e polícia: campos de enfrentamento e estratégias de diferenciação. (in) PEREIRA, Carlos Alberto M. **Linguagens da violência**. Rocco, 2000.
25. DOWDNEY, L. **Crianças no tráfico**. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
26. EHRENREICH, B. **Ritos de Sangue**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
27. ESPINHEIRA, G. **Sociabilidade e violência**. Criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.
28. _____. **Introdução** in: ESPINHEIRA, Gey. (Org.). **Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: Juventude, pobreza e violência**. Salvador: EDUFBA, 2008.
29. _____. **Metodologia e prática do trabalho em comunidade**. Salvador: EDUFBA, 2008.
30. FAGAN, J.; CHIN, K. (1990). Violence as regulation and social control in the distribution of crack. **NIDA Research Monograph**, 103, 8–43.
31. FEFFERMANN, M. O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. **Segurança Urbana e Juventude**, Araraquara, v. 1, n. 2, 2008.
32. FELTRAN, G. S. **Fronteiras da tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo, CEM-Cebrap/Unesp, 2011.
33. FRÚGOLI JR, H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**[online], v.48, n.1, p. 133-165, 2005.
34. GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som: um**

- manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 64-89. REMEK, B. **Os filhos de caim**: Vagabundos e miseráveis na literatura europeia: 1400-1700. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
35. GEREMEK, B. **Os Filhos de caim vagabundos e miseráveis na literatura europeia**: 1400-1700. Companhia de Letras, 1995.
36. GIDDENS, A. **O Estado- nação e a violência**. Tradução Beatriz Guimarães. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008.
37. GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
38. GRILLO, C. C. . “O ‘morro’ e a ‘pista’: um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas”. **Dilemas – Revista de estudos de conflito e controle social**, n. 1, p. 127-148, 2008.
39. HOLSTON, J. **Cidadania Insurgente**: Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
40. IVO, A.B.L. **A periferia em debate**: questões teóricas e de Pesquisa . *Cad. CRH* [online], v. 23, n.58, p. 09-15, 2010.
41. LESSING, B. As facções em perspectiva comparativa. **Novos estudos**, Rio de Janeiro, n. 80, p. 43-62, 2008.
42. LYRA, D. **A República dos Meninos**: juventude, tráfico e virtude. Rio de Janeiro : Mauad X: FAPERJ, 2013.
43. LIMA, A. S. **Rastros de Fogo e Sangue**: estudo sobre a (des) centralização de um mercado varejista de drogas na Grande Salvador. 2013. 142 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2013.
44. LINS, P. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
45. LOURENÇO, L C.; ALMEIDA, O. L. Quem mantém a ordem, quem cria desordem: gangues prisionais na Bahia. *Tempo Social*. V. 25, p. 37-59, 2013.
46. KOURY, M.; G. Pinheiro. Hierarquização e segregação em um bairro popular. **Revista Dilemas**: Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 4, out./nov./dez. 2011.
47. MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de sociologia** [online], v. 17, n. 49, jun. 2002.

48. MILLS, C. W. **A Imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
49. MISSE, M. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 139-157, 2007.
50. _____. Crime e violência no Brasil contemporâneo. **Lumen juris**. Rio de Janeiro, 2011.
51. MOURA, M. Notas sobre o verbo invadir no contexto social de Salvador. Brasil - Salvador, BA. 1990. **Caderno do CEAS**, n.125, p. 25-41, jan./fev. 1990.
52. MUCHEMBLED, R. **História da Violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.
53. OLIVEIRA, A.; ZAVERUCHA, J.. Tráfico de Drogas: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 62, p. 5-12, 2º semestre de 2006.
54. OLIVEIRA, R. C. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir escrever**. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Trabalho do Antropólogo. 3 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, p. 17-35, 2006.
55. PAES-MACHADO, E; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 188-221, jan./jun. 2002.
56. PAES-MACHADO, E ; RICCIO-OLIVEIRA, M. A. O jogo de esconde-esconde: trabalho perigoso e ação social defensiva entre motoboys de Salvador. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online] v. 24, n.70, p. 91-106, 2009.
57. PEDRÃO, F. A Urbanização Voraz em Salvador. **Revista Vera Cidade**, ano IV, n. 5, out. 2009.
58. RAMALHO, J. **O mundo do crime**: a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
59. ROBERT, P. **Sociologia do crime**. Tradução de Luis Alberto Salton Peretti. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
60. ROCHA, A. P. Estudo de fenômenos vinculados ao tráfico de drogas: caminhos metodológicos percorridos por pesquisadores. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 103-117, 2010.
61. ROCHA, R. O. **A dinâmica do crack em cachoeira/ba**: da ‘guerra às drogas’ ao processo de estigmatização. 2012. 148 f. Dissertação – Universidade Federal do Recôncavo. Cachoeira, 2012.
62. RODRIGUEZ, A. **Labirintos do tráfico**: vidas, práticas e intervenções. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

63. RUGGIERO, V. **Delitos de los débiles y de los poderosos**. 1. ed., Buenos Aires: Ad-Hoc, 2005.
64. SANTOS, J. E. F. **Cuidado com o vo**: repercussões do homicídio entre jovens de periferia. Ed. da Univ. Federal de Bahia, 2010.
65. SOARES, L. E. **Meu casaco de general**: 500 dias no front da segurança pública no Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia da letras, 2000.
66. SCZPACENKOPF, M. I. **O Olhar do poder**: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
67. SSP-BA. Secretaria de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.ssp.ba.gov.br/>> Acessado em 09/07/2013.
68. TELLES, V. S.; HIRATA, D. V. Cidades e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos avançados**, v. 61, n. 21, 2007.
69. VALLADARES, L. A gnese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. v. 15, n. 44 out. 2000.
70. _____. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.
71. VELHO, G. **O estudo do Comportamento desviante**: a contribuição da Antropologia Social. In: _____ (Org.). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 11-51, 1979.
72. VENKATESH, S. **Chefe de quadrilha por um dia**: o resultado de um sociólogo que viveu uma década  margem da sociedade. Tradução Bruno Alexandre. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
73. WACQUANT, L. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
74. _____. Que  gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**. n. 23:155-64, 2004.
75. _____. **As prisões da miséria**. Zahar, 2001.
76. ZACCONE, O. Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas. Rio de Janeiro: Revan, p. 19-20, 2007.
77. ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta**, São Paulo: Editora Brasiliense, 2 ed., 1994.
78. _____. Pesquisando no Perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, v.15, n.2, p. 557-584, 2009.

